O IRMÃO ALEMÃO

CHICO BUARQUE

Companhia Das Letras

O IRMÃO ALEMÃO

CHICO BUARQUE

COMPANHIA DAS LETRAS

Para Sergios

1

Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelzinho com garranchos, recibo da farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro. Desta vez eu vinha lendo O Ramo de Ouro, numa edição inglesa de 1922, e ao virar a página 35 dei com uma carta endereçada a Sergio de Hollander, rua Maria Angélica, 39, Rio de Janeiro, Südamerika, tendo como remetente Anne Ernst, Fasanenstrasse 22, Berlin. Dentro do envelope, um bilhete batido à máquina em papel almaço amarelado e puído:

Berlin, den 21. Dezember 1931

Lieber Sergio

Durch Dein Schweigen errate ich...

Freundlich,
Anne

Escrito em alemão, cheio de maiúsculas, dele só posso entender o cabeçalho e a assinatura Anne com caligrafia inclinada para a direita. Sei que meu pai ainda solteiro morou em Berlim entre 1929 e 1930, e não custa imaginar um caso dele com alguma Fräulein por lá. Na verdade, acho que já ouvi falar de algo mais sério, acho até que há tempos ouvi em casa mencionarem um filho seu na Alemanha. Não foi discussão de pai e mãe, que uma criança não esquece, foi como um sussurro atrás da parede, uma rápida troca de palavras que eu mal poderia ter escutado, ou posso ter escutado mal. E esqueci, como hei de esquecer esta carta dentro do livro, que preciso guardar na fileira do fundo da estante dupla do corredor. Preciso guardá-lo exatamente em seu lugar, pois se meu pai não admite que eu mexa nos seus livros, que dirá neste. Mas ao pé da estante vejo a minha mãe de cócoras, buscando algum título a mando do meu pai. Não há de demorar, pois é ela mesma quem organiza a biblioteca conforme um sistema indecifrável, sabedora de que se ela morrer ele estará perdido. E nem bem ela entra no escritório com seus passinhos ligeiros, carregando quatro volumes grossos aparados no queixo, me apresso a guardar o meu. Sei que ele estava naquela prateleira acima da linha dos meus olhos, atrás dos poetas portugueses, um palmo à direita da Comédia Humana, porém não será assim tão fácil reencontrar sua vaga. A esta altura os livros já se acomodaram no fundo da estante, já se empurraram uns contra os outros, parece que engordam quando confinados. Na ponta dos pés desloco um Bocage da fileira da frente, depois tateio as lombadas dos dois ingleses que ladeavam o meu. Há algo de erótico em separar dois livros apertados, com o anular e o indicador, para forçar a entrada de O Ramo de Ouro na fresta que lhe cabe.

Quando chego à casa do Thelonious ele já me espera no portão com uma lanterna e um arame de ponta retorcida. Vagamos pelas ruas arborizadas do bairro, até que ao cair da tarde topamos com um Skoda estacionado bem a jeito, numa esquina em declive sem muita iluminação. Colo as palmas das mãos feito um par de ventosas na janela, faço pressão para baixo e o vidro cede uns dez centímetros. O suficiente para o Thelonious enfiar o arame ali dentro, enganchar e puxar o pino da porta, no que ele é craque. Peço para tomar o volante, destravo o freio de mão, deixo o Skoda rolar a ladeira e antes mesmo que eu encoste no meio-fio, o Thelonious já está quase deitado aos meus pés com a lanterna acesa entre os dentes e a cabeça metida atrás do painel. Remove umas peças que não vejo direito, junta uns fios, e depois de uns estalos e umas faíscas o motor pega. Arranco, engato a segunda, estico a marcha, faço uma curva fechada, costeio o cemitério cantando pneus, e na descida para o centro o Thelonious elogia minhas manobras com um grunhido e um sinal de polegar, mais ocupado em fuçar o porta-luvas com a lanterna abocanhada. Penso que entrar num carro desconhecido, cheirar seu ambiente, pegar pouco a pouco as suas manhas,

ajeitar a bunda no assento, alisar o volante, experimentar o jogo da direção, fora isso tudo a melhor parte é mexer no porta-luvas, encontrar entre outras coisas um documento com o nome, a data de nascimento e a foto do proprietário, ou da proprietária. Prefiro que seja homem, me dá mais prazer usar o carro de outro homem, gosto de fitar aquela cara lesada que em geral eles têm no documento. E pagaria para ver a cara deles no instante em que dão por falta do carro, suas caretas ao examinar caretas de ladrões no fichário da polícia. Já de mulher tenho um pouco de dó, talvez porque as imagine a zanzar pela cidade sem saber onde deixaram o carro, como doidas atrás de um filho que dorme na rua. E na rua Aurora o Thelonious me faz parar ao lado de duas putas velhas, pergunta se elas não querem entrar sem compromisso, só para andar de carro. Desiste das quengas, salta do carro, me faz mudar de banco e assume o comando. Ziguezagueia por umas ruas de paralelepípedo a fim de despistar uma radiopatrulha que ele garante ter visto no nosso encalço. Já numa avenida da Zona Leste que não conheço, me ensina a atentar no motor do carro, perceber o torque, captar aquele lapso em que é possível trocar a marcha sem necessidade de pisar na embreagem. É uma questão de tempo e contratempo, diz, é que nem jazz. Ensaia essa mudança algumas vezes, mas o que ouço quase sempre é um guincho irritado de metais se friccionando. Atravessamos uma linha de trem, e depois de um solavanco o Thelonious descobre que o carro ficou engatado para sempre na terceira. Segue a furar sinais, a ultrapassar os trouxas, procura manter a velocidade até ser obrigado a brecar atrás de um bonde, com o que o motor engasga e morre. Ali mesmo sobre os trilhos abandonamos o Skoda, o que para Thelonious não faz diferença, o tanque já estava mesmo na reserva. Não temos dinheiro para a condução e levamos umas boas horas na volta a pé, porque no caminho não havia nem um carro decente dando sopa. Cruzamos bairros sombrios com fábricas, galpões, cortiços, oficinas e casas de comércio fechadas. Percorremos ruas tortas que dão num viaduto que desemboca no centro com suas ruas vazias, os arranha-céus às escuras. Depois chegamos a um bairro nobre, de famílias tradicionais, com carros ingleses na garagem das casas que sempre me pareceram grandes demais para seus terrenos. E que por dentro devem parecer ainda maiores que por fora. E que por terem fachadas tão austeras, devem ser mais vistosas pelo avesso, mais vibrantes no avesso onde as pessoas moram. Entrar pela janela de uma casa dessas deve ser como meu pai abrir pela primeira vez um livro antigo.

Passa da meia-noite quando o Thelonious e eu nos separamos na esquina entre as nossas casas, e da rua vejo a luz do escritório do meu pai. Subo a escada com os sapatos na mão para não ter de dar explicações à minha mãe, ou não despertá-la se estiver dormindo. No corredor espio a estante com o rabo do olho e a caminho do quarto passo pela porta sempre aberta do escritório fumacento, onde julgo ver meu irmão e meu pai sentados lado a lado. Vou para a cama com

a roupa do corpo, depois me dou conta de que não apaguei a luz. Mas acho que não precisa, posso cobrir a cara com a manta, e debaixo dela não está quente nem frio. Está bom para ficar pensando na minha amizade com o Thelonious, o que me leva a pensar no meu pai com meu irmão, que entra à vontade no escritório mas só lê gibi, o que me leva a pensar em algum dia revelar a meu pai que, bem ou mal, li em francês o Guerra e Paz até a metade, e agora com a ajuda do dicionário inglês penava para compreender O Ramo de Ouro até achar o bilhete alemão, bilhete que aliás me leva a lembrar que o Thelonious, no tempo em que ainda se chamava Montgomery, andou por aí com outro amigo, um suíço, ou austríaco, um que os pais mandaram para o colégio interno, e de repente sem mais nem menos estou num Oldsmobile com o Thelonious, que me conduz a um internato chamado Instituto Benjamenta, onde o austríaco, ou suíço, um ruivo de cara vermelha e inchada de tanta espinha, esse tedesco lê a carta e dá risadas malignas com a monstruosa boca, com espinhas que lhe invadem os lábios, com espinhas até na língua e nas gengivas, e é realmente um rapaz solícito e de grande delicadeza, que me traduz a carta de Anne bem devagar, me explicando o significado de cada palavra, sua origem, sua etimologia, com uma voz tão suave que nada escuto, o que me leva a cair no sono.

2

Não sei que casa era aquela, se algum hospital, só me lembro de um vazio incompreensível. E me vejo, ainda mal me equilibrando em pé, paralisado no centro de uma sala de paredes brancas. Eu nunca tinha visto coisa parecida, e soltei um grito ao ver minha mãe se aproximar da parede, achei que ela ia cair num outro vazio ainda mais vazio. Depois não vi mais nada, afundei a cara no seu colo assim que ela me levantou e só voltei a abrir os olhos em casa. Até então, para mim, paredes eram feitas de livros, sem o seu suporte desabariam casas como a minha, que até no banheiro e na cozinha tinha estantes do teto ao chão. E era nos livros que eu me escorava, desde muito pequeno, nos momentos de perigo real ou imaginário, como ainda hoje nas alturas grudo as costas na parede ao sentir vertigem. E quando não havia ninguém por perto, eu passava horas a andar de lado rente às estantes, sentia certo prazer em roçar a espinha de livro em livro. Também gostava de esfregar as bochechas nas lombadas de couro de uma coleção que, mais tarde, quando já me batiam no peito, identifiquei como os Sermões do Padre Antônio Vieira. E, numa prateleira acima dos Sermões, li aos quatro anos de idade minha primeira palavra: GOGOL. Até os nove, dez, onze anos, até o nível da quarta ou quinta prateleira, durante toda a minha infância mantive essa ligação sensual com os livros. Mesmo dos livros escolares eu tinha ciúme, era uma lástima que me chegassem engordurados e rabiscados pelo meu irmão. Eu voltava do colégio direto para casa com meus manuais e compêndios, só parando esporadicamente para visitar o Capitão Marvel, que além de vizinho era meu melhor amigo. Eu não estranhava tanto a sua casa, cujas paredes eram cobertas de quadros, e que tinha uma varanda onde a gente jogava gol a gol. Mas chegava uma hora em que eu ficava impaciente para rever a minha biblioteca, até nas baratas pensava com nostalgia. Elas surgiam de trás dos livros, percorriam as lombadas de um lado ao outro das prateleiras, e vai saber se não sentiam na barriga aquele meu prazer na espinha. Eu me admirava de ver as

maiores baratas, cascudas, envernizadas, que num átimo se introduziam entre dois livros onde não havia vão, nem uma unha caberia. Quando conseguia capturar uma delas pela antena, ia mostrá-la à minha mãe, que só me recomendava que não pusesse o bicho na boca. Mamãe também estava familiarizada com as baratas, quando casou sabia bem o que a esperava. Não fosse uma mulher valente, teria dado meia-volta ao entrar pela primeira vez na casa do meu pai. Calculo que então, aos trinta e tantos anos, meu pai já tivesse quase a metade dos livros que juntou na vida. E, antes da minha mãe, imagino que essa livralhada, além de empilhada no escritório, atulhasse os dois quartos vagos dos futuros filhos, em forma de escombros de pirâmides astecas. Mamãe tratou logo de erguer estantes pelas paredes do sobrado, e ao engravidar decorou o quarto do bebê com livros de linguística e arqueologia, além da mapoteca, dos espanhóis e dos chineses. Para o meu quarto, dois anos mais tarde, reservou os escandinavos, a Bíblia, a Torá, o Corão e metros e metros de dicionários e enciclopédias. Depois de grande, ainda assisti ao advento de outras três estantes duplas para livros avulsos, ou inclassificáveis, que mamãe fez instalar nas paredes da garagem, pois nunca tivemos carro, nunca tivemos luxo. Mamãe cuidava do serviço doméstico, e eram livros o luxo que meu pai se dava. Só em livros raros gastou metade da herança, ao vender a tipografia que meu avô Arnau de Hollander possuía no Rio de Janeiro. O suprassumo da biblioteca eram onze volumes hospedados num nicho da sala de visitas, como que um altar cavado no centro da estante com espessas molduras de jacarandá que os segregavam dos livros por assim dizer plebeus. Essas raridades já foram doze, mas uma primeira edição de Hans Staden do século XVI fiz o favor de inutilizar. Foi num dia em que meu irmão me disse que, quando nasci, meu pai me tomou por um mongoloide. Eu nem sabia o que era mongoloide, foi a gargalhada do meu irmão que me acertou. Arrastei uma cadeira, alcancei o nicho e catei o livro que me pareceu mais sagrado, por causa das letras de ouro na capa dura. Espicacei página por página, depois ainda mijei em cima. A capa não consegui rasgar, e já tocava fogo nela quando mamãe chegou e me deu um tapa na cara que nem doeu. Mas quando meu pai desceu as escadas com o chinelo na mão, me caguei todo e mijei o que não tinha para mijar.

Calma, Ciccio, disse minha mãe, quando já crescido lhe perguntei por que meu pai não escrevia um livro, uma vez que gostava tanto deles. Ele vai escrever o melhor libro del mondo, disse arregalando os olhos, ma prima tem que ler todos os outros. A biblioteca do meu pai contava então uns quinze mil livros. No fim superou os vinte mil, era a maior biblioteca particular de São Paulo, depois da de um bibliófilo rival que, dizia meu pai, não havia lido nem um terço do seu depósito. Calculando que ele tenha acumulado livros a partir dos dezoito anos, posso tirar que meu pai não leu menos que um por dia. Isso sem contar os jornais, as revistas e a farta correspondência habitual, com os últimos

lançamentos que por cortesia as editoras lhe enviavam. A grande maioria destes ele descartava já ao olhar a capa, ou após uma rápida folheada. Livros que jogava no chão e mamãe recolhia de manhã para juntar no caixote de doações à igreja. E quando porventura ele se interessava por alguma novidade, sempre encontrava algum pormenor que o remetia a antigas leituras. Então chamava com seu vozeirão: Assunta! Assunta!, e lá ia minha mãe atrás de um Homero, um Virgílio, um Dante, que lhe trazia correndo antes que ele perdesse a pista. E a novidade ficava de lado, enquanto ele não relesse o livro antigo de cabo a rabo. Por isso não estranha que tantas vezes meu pai deixasse cair no peito um livro aberto e adormecesse com um cigarro entre os dedos ali mesmo na espreguiçadeira, onde sonharia com papiros, com os manuscritos iluminados, com a Biblioteca de Alexandria, para acordar angustiado com a quantidade de livros que jamais leria porque queimados, ou extraviados, ou escritos em línguas fora do seu alcance. Era tanta leitura para pôr em dia, que me parecia improvável ele vir a escrever o melhor libro del mondo. Por via das dúvidas, quando ao sair do quarto eu ouvia o toque-toque da máquina de escrever, tirava os sapatos e prendia a respiração para passar ao largo do seu escritório. E me encolhia todo se por azar naquele instante ele arrancasse num ímpeto o papel do rolo, achava que em parte era de mim a raiva com que ele esmagava, embolava a folha e a arremessava longe. Outras vezes a máquina cessava para meu pai pedir socorro: Assunta! Assunta!, era alguma citação que ele precisava transcrever urgentemente de um determinado livro. Com isso levava meses para redigir, rever, rasurar, arremessar bolotas, recomeçar, corrigir, passar a limpo e certamente contrafeito entregar para publicação o que seriam rascunhos do esqueleto do grande livro da sua vida. Eram artigos sobre estética, literatura, filosofia, história da civilização, que ocupariam uma coluna ou um rodapé de jornal. Quando papai morreu, apareceu um editor disposto a publicar uma coletânea dos artigos assinados por ele ao longo da vida. Fui contra, cheguei a mostrar à minha mãe a profusão de correções e emendas ilegíveis que meu pai sobrepusera ao texto ou anotara à margem dos próprios artigos, recortados dos jornais. Mas mamãe estava convencida de que o livro seria aclamado no meio acadêmico, quiçá editado até na Alemanha, graças aos escritos de juventude concebidos naquele país. E ainda insinuou que desde a infância eu procurava sabotar meu pai, haja vista aquele ensaio que por minha culpa desfalcaria suas obras completas. Meia verdade, porque era ao meu irmão que de tempos em tempos meu pai confiava um envelope a ser entregue na redação de A Gazeta, do outro lado da cidade. Para isso, além do dinheiro do bonde, ele o remunerava com uma quantia suficiente para uma semana de milk-shakes. Mas volta e meia meu irmão me repassava o dinheiro do bonde e o envelope, que eu levava a pé à redação. Não me movia o dinheiro poupado, que mal pagava duas mariolas, eu ficava era todo prosa com tamanha responsabilidade. Ainda ganhei a simpatia

dos funcionários do jornal, e não me importava de passar por um suado estafeta do meu pai, em cujas mãos despejavam mais umas moedas. Mas certa vez, a caminho da redação, parei para jogar um futebol de rua, era comum naquele tempo. Carros circulavam só de quando em quando, e ao avistá-los ao longe os meninos gritavam: olha a morte! Logo recolhíamos as lancheiras, as pastas, os agasalhos que representavam as balizas e aguardávamos na calçada a passagem do carro para recomeçar a partida. Mas nesse dia não foi o trânsito, foi uma chuva súbita que nos obrigou a apanhar depressa nossas coisas e buscar abrigo sob a marquise de um empório. Chegou a cair granizo, que catávamos do chão, chupávamos, atirávamos uns nos outros, uma festa. Mas de repente calhou de eu me lembrar do envelope do meu pai, que eu deixara debaixo de um pulôver e agora estava ali no meio do aguaceiro. Corri para salvá-lo e por pouco não fui atropelado, pois naquele segundo passou um Chevrolet que agarrou o envelope com o pneu e só o soltou duas quadras adiante. Fui colher seus restos, e não havia remédio, o artigo do meu pai era uma estranha massa cinzenta, uma maçaroca de papel molhado. Mortificado, perdi a vontade de voltar para casa. Assobiei no portão do Bill Haley, que desceu para me receber na varanda com um maço de cigarros mentolados da mãe. E fez questão de me mostrar pela primeira vez sua coleção de emblemas que arrancava do capô dos carros, inclusive uma estrela da Mercedes-Benz e o jaguar de um Jaguar. Fazia frio na varanda, eu estava com a roupa ensopada, e esperei que ele me convidasse para tomar um café com leite ou coisa assim. Eu seria capaz de passar a noite naquela casa cheia de quadros, mas ele não gostava muito que eu entrasse. Acho que tinha vergonha da mãe, uma pintora desquitada com fama de maluca. Cantava árias noite adentro em alto e bom som, e diziam os vizinhos que pintava nua.

3

O Thelonious buzina lá embaixo no início da noite a bordo de um Karmann-Ghia tinindo de novo, impecável, a não ser por um rombo no vidro da janela direita. Sou obrigado a sentar meio de banda, porque no banco do carona há uma constelação de cacos, além de um paralelepípedo que deposito no chão do carro. Estamos atrasados para o encontro com Udo, um amigo seu de férias na cidade depois de seis meses trancafiado num colégio diocesano do interior. O Thelonious já tinha me falado desse alemão, o tal que os pais pegaram fumando maconha, e que para ser exato é natural de um país chamado Liechtenstein. Ele nos espera num restaurante perto do centro, e o Thelonious opta por deixar o carro numa rua tranquila ali nas redondezas. Estaciona bem no meio da rua, que é uma ladeira um tanto abrupta, e dá a contagem: one … two … one, two, three, four… Pulamos do carro ao mesmo tempo e ele pergunta: direita ou esquerda? Aposto na esquerda e me dou mal, porque é para a direita que o Karmann-Ghia vai guinando, vai embalando, vai ganhando velocidade e vai feito um bólide afundar o porta-malas de um táxi parado no ponto. E logo na avenida paralela está o Zillertal, uma grande cervejaria com um palco no fundo onde se apresentam músicos e dançarinas, elas de saias rodadas e eles de calças curtas com suspensórios. O Udo ocupa uma mesa perto da porta e se levanta com um canecão de chope para nos receber. Abraça o Thelonious entornando espuma, me estende a mão esquerda e diz que entramos na hora certa, precisamente quando a orquestra ataca a Liechtensteiner Polka. É um rapaz de uns dezessete anos como nós, mas bem mais alto, bonito mesmo, muito loiro, que fala puxando de leve os erres e no fim de cada frase sopra para cima os cabelos que lhe caem na testa. Mas, apenas nos sentamos, sinto que estou sobrando na mesa. Fiquei ao lado do Udo, que só se dirige ao Thelonious à sua frente, contando umas peripécias do internato que não me dizem nada. É lógico que bastaria ao Thelonious se chegar meio metro à direita para formarmos um triângulo mais

imparcial, equilátero. Mas o Thelonious, não sei por que o Thelonious me arrancou de casa. Fica ali quietinho, faz que sim com a cabeça enquanto o outro fala, ri cada vez que o outro dá uma pausa para soprar a franja. Logo o Thelonious, que sempre foi um cara contido, hoje está com o riso frouxo, acha graça de qualquer besteira que o Udo lhe diga: na falta de mulher, fazer o quê, comia o padre. Diante de uma cadeira vazia, só me resta bater os pés no compasso da orquestra e observar as pessoas, muita gente de cabelos claros, faces rosadas, boa parcela certamente de origem alemã. Com isso me vem à mente a carta que encontrei por acaso outro dia, e sem querer pego a fantasiar o romance secreto do meu pai em Berlim, já brinco de procurar um irmão alemão no salão. Será um homem de seus trinta anos, provavelmente de óculos, loiro, queixo proeminente, rosto muito comprido, cocuruto alto. Por enquanto o único a preencher parte desses requisitos é o trombonista da orquestra, um branquelo ruivo e bochechudo como seria meu pai antes de envelhecer. Mas com exceção do maestro, um moreno de pernas peludas, meio grotesco em suas calças curtas, os artistas em cena devem ser filhos de imigrantes, quem sabe netos de pomeranos do Espírito Santo, e não acredito que meu irmão tenha virado músico de orquestra típica no Brasil. De qualquer maneira me parece natural que a certa altura da vida ele se mostrasse inquieto, indagasse da mãe a procedência do seu nome, invocasse o direito de conhecer a identidade do pai. E reunindo algumas economias, mesmo sem a bênção dela aportaria cedo ou tarde no Rio de Janeiro com o endereço da casa paterna no Jardim Botânico. Facilmente averiguaria que Sergio de Hollander, mal refeito das perdas consecutivas de Arnau de Hollander e Clementina Moreira de Hollander, fora contratado como supervisor geral do Cambesp, Conselho Administrativo de Museus e Bibliotecas do Estado de São Paulo. Na lista telefônica da capital paulista constava um Hollander Sergio de, mas antes de discar 518776 ele relutaria bastante, pois o diálogo se anunciava duro. O telefone de casa tocaria enfim, e daquela língua estranha mamãe só poderia entender o nome repetido do outro lado da linha: Sergio de Hollander! Sergio de Hollander! Passaria o aparelho ao meu pai, que num primeiro momento perderia a voz, depois embatucaria no idioma enferrujado, depois ficaria com os olhos úmidos, e nesse meio-tempo mamãe já teria compreendido tudo e choraria também. E na certa se ofereceria para preparar uma lasanha em casa, onde o enteado seria acolhido como um filho, se fosse o caso o hospedaria por uns tempos no quarto de um dos meios-irmãos. Pelo bem do jovem, mamãe seria mesmo capaz de mandar vir de Berlim a própria Anne, que talvez passasse necessidades num país ainda afetado pela guerra. E moraríamos todos respeitosamente sob o mesmo teto, mas um intervalo no espetáculo e os aplausos do público interrompem o fluxo do meu pensamento. Vejo que o Thelonious e o Udo foram servidos de salsichão com salada de batatas, e eu nem de talheres disponho. Mas pelo menos o garçom não para de me renovar as canecas de

chope e encher meu cálice de steinhäger, com que brindo a meu pai, a Anne, ao meu irmão de sangue, aos cabarés de Berlim. Já o Udo continua a entreter o Thelonious com suas graças: usou saia, tem cu, é tudo igual. O Thelonious se esbalda, dá tapas na mesa, gargalha para o alto com a boca cheia de comida, e sinto vergonha por uma senhora logo adiante, que esbugalha os olhos azuis na minha direção, achando sem dúvida que o cafajeste sou eu. Acompanhada de um senhor calvo, com quem forma um casal bem-posto, deve ter sido uma bela mulher na juventude, o que me leva de volta à namorada berlinense do meu pai. Desta vez me parece claro que, depois de lhe enviar cartas e cartas, na ilusão de que ele regressaria à Europa, ou que no mínimo a abrigasse no Brasil com a criança, ela se sentiria enjeitada. E ao se inteirar de que Sergio casou com outra, ainda por cima italiana, o apagaria definitivamente da sua vida, rasgaria retratos e bilhetes e em hipótese alguma revelaria o nome dele ao filho. Mas é possível que, com um sentimento emaranhado entre orgulho e desgosto, ela visse o menino se criar numa espontânea paixão pelos livros. Ele passaria os dias na Biblioteca Nacional, ignorando que em seus corredores imitava as passadas largas do pai. Manusearia com avidez as mesmas páginas de poesia e prosa que o pai nunca se cansou de manusear. E ao passar para a literatura contemporânea, quero supor que o rapaz, sem motivo perceptível, sentisse certo mal-estar naquele recinto. Não estava seguro de suas escolhas literárias, largava livros sem saber por que e, coincidência ou não, só então começou a perturbá-lo real e profundamente a ausência do pai. Por mais que insistisse nas leituras, sentia a falta do pai no existencialismo, nos novos romances, na poesia niilista, buscava em vão seus rastros nos livros da história mais recente. Só em sonhos via o pai, antes da guerra, um homem sem rosto com os cabelos em chamas dentro da fogueira de livros da Staatsbibliothek. Noutro sonho via o mesmo homem distraído no último andar da biblioteca, a ler sem olhos o Fausto enquanto o telhado se esboroava sobre a sua cabeça no bombardeio final. Mas nunca conseguia figurar seu pai de uniforme militar, marchando na neve, empunhando um fuzil, como tampouco via motivo para a mãe se envergonhar de um marido morto no campo de batalha. Então trocou a biblioteca pela sinagoga, enfiou na cabeça que tinha sangue judeu. Revirou todos os arquivos do seu país dividido, foi de trem a Varsóvia, a Budapeste, a Praga, voltou para casa com sabe D-us quantas cópias de fichas, milhares de nomes e até mesmo fotos borradas de vítimas do Holocausto: é este?, é este?, é este? A tal ponto que Anne se viu compelida a lhe garantir: teu pai embarcou são e salvo em 1930 rumo à sua Südamerika natal. Então meu irmão cruzou a cidade às pressas dias antes que erguessem o muro e, graças a uma bolsa de estudos do Instituto Goethe, voou para Buenos Aires, Montevidéu, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, e pode estar neste momento sentado no Zillertal, à cata de um pai brasileiro que vez por outra mate as saudades da amada tomando cerveja num restaurante alemão. Ou

senão, resignado por fim ao fiasco de suas investigações, meu irmão pode estar colhendo aqui e ali matéria para um romance autobiográfico onde inventará um pai brasileiro, não muito distante da imagem que faz de seu pai incógnito. O pai ficcional será um homem de seus sessenta anos, provavelmente míope, com os cabelos escuros encanecidos, crespos como é comum entre os brasileiros, porém cabeçudo e bochechudo igual a ele. Quem sabe até um mulato, como aquele regente de pernas peludas, com sua queixada arrogante e as bochechas que com a idade caíram, exaustas de anos e anos a soprar trombone, o instrumento herdado pelo filho albino, que apesar de cuspir mais do que toca é a estrela da sua orquestra. Perdido nessas conjeturas, sou surpreendido pelo Udo, de cuja fisionomia já me havia esquecido. Depois de não sei quantos chopes e uma garrafa inteira de steinhäger, ele se digna a me dirigir o verbo: e você, não vai falar nada? Na falta de outro assunto e no embalo dos meus pensamentos, me pego a dizer que tenho um irmão alemão, isso mesmo, um irmão alemão. O Udo não acredita: é piada? Agora só me resta avançar: meu irmão alemão pertenceu à Juventude Hitlerista, foi preso no fim da guerra aos quinze ou dezesseis anos. E tem mais, guardo até hoje as cartas da mãe e uma foto dele fazendo a saudação nazista, com suástica na braçadeira e tudo. Não sei de onde foi que saquei isso, devo ter misturado vários livros de época que andava lendo. Mas a esta altura o Udo já se mostra interessado, quer saber por onde anda meu irmão. Na Alemanha Oriental, digo, a mãe dele é da Stasi, a polícia secreta. Com inveja da nossa intimidade, o Thelonious meneia a cabeça: é mentira dele, tem irmão alemão porra nenhuma. Não sei o que deu no Thelonious, que desde criança foi meu melhor amigo e hoje é um estranho que só me olha em diagonal. Cai um silêncio infame sobre a mesa, até que o Udo se levanta de um salto, acho que numa urgência urinária. Ato contínuo quem se levanta é o Thelonious, e só faltava essa, ele fazer companhia ao amigo loiro no mictório. Passa um tempo, batuco na mesa, experimento soprar para o alto os meus cabelos, que são duros e não se mexem. Só então compreendo que nenhum dos dois foi ao banheiro, ali à direita é a saída do Zillertal. O restaurante vai se esvaziando e o garçom ronda a minha mesa, vem me perguntar se desejo a conta. Após consulta ao menu, solicito uma travessa de eisbein com sauerkraut, outro chope duplo e mais uma garrafa de steinhäger. Nem bem ele vira as costas, caio fora eu também pela direita, passo por um porteiro paramentado e desato a correr. Na carreira atravesso a avenida e só vou respirar numa paralela, que por sinal é a rua onde deixamos nosso Karmann-Ghia, que está sendo rebocado pela traseira com a frente toda esculachada. Tomo um táxi no ponto, e o chofer é um japonês que guia feito um desatinado, pega várias contramãos até o centro, dispara até a Consolação, sobe rasante ao cemitério com a buzina solta, e na esquina da avenida Paulista lhe peço que espere um minuto, para eu comprar cigarros no Riviera. Não sei como ainda não descobriram que esse bar tem uma saída pelos

fundos, que dá num prédio sobre pilotis onde há uma boate chamada Sans Souci. Sempre pensei em conhecer a Sans Souci por dentro, tomar uns martínis, ouvir jazz, mas o leão de chácara exige meus documentos. Dali para casa a caminhada é curta e vou assobiando a Liechtensteiner Polka, porque música chata custa a sair da cabeça.

Já não há a luz do meu pai quando me aproximo de casa. O que vejo são dois espectros colados no muro, o Thelonious e o Udo que agora se deslocam para o portão e me barram a passagem. A gente quer ver as cartas, diz o Udo. Que cartas? As cartas da Alemanha. Vou abrir caminho no meio dos dois, que já estão mesmo caindo pelas tabelas, mas o Udo me imobiliza com uma chave de braço: não vai mostrar as cartas? E o Thelonious: eu disse que era cascata, irmão alemão é o caralho. Ainda tento me esquivar: as cartas são muito pessoais. Chego a ver um soco-inglês na mão direita do Udo, mas é um chaveiro prateado que ele tem entre os dedos: eu apostei em você, seu bicha, e não estou nada a fim de perder cem mangos. Sinto a ferocidade das palavras pelo seu bafo de steinhäger com batatas. E peço silêncio ao entrarmos em casa, porque meu pai é dado a insônias, mas aí mesmo é que o Udo sai chutando cadeiras com seus coturnos e o Thelonious vai atrás imitando seus risos forçados. Em seguida sou eu quem provoca um baque no corredor, ao derrubar quatro Camões da prateleira alta. Meus dedos creem tocar a lombada de O Ramo de Ouro, mas não consigo puxá-lo de onde está, parece chumbado na parede. Quando enfim ele vem, vem acompanhado de dois antropólogos britânicos. Agito o livro, cai um pouco de cinza, penso que a carta já não está ali dentro, ou nunca esteve, terá sido uma alucinação, mas ei-la aqui achatadinha entre as páginas 36 e 37. Abro o envelope e passo o bilhete às mãos do Udo, depois de me fechar no quarto com eles dois. O Udo balança o corpo feito um joão-bobo, fecha o olho esquerdo, o direito, arregala ambos, parece não compreender bem o que lê, como eu suspeitava nem deve mais saber alemão. Olha a carta, olha para mim, olha a carta, me olha de um modo meio agressivo, e já agora acho que fui eu quem andou blefando sem querer. Entendo que a tal da Anne pode ser qualquer alemã vagamente conhecida do meu pai, uma bibliotecária, uma vizinha falastrona, pode ser por exemplo a senhoria dele em Berlim, cobrando os aluguéis atrasados. O Udo cai sentado na beira da minha cama, torna a ler o bilhete e então dá umas risadinhas. Pede papel e lápis, e lamenta apenas a falta de um dicionário alemão para tirar umas dúvidas. Mas não seja por isso, tenho ali mesmo na estante do quarto o dicionário Duden em doze tomos. E no fim das contas, se considerarmos seu estado etílico e suas limitações intelectuais, o Udo realiza uma tradução notável:

Berlim, 21 de dezembro de 1931

Querido Sergio

Pelo teu Silêncio adivinho que estás como sempre nos teus Livros naufragado (imerso?). Desolada por roubar da tua Leitura meio Minuto, venho te informar que nosso Filho Sergio um Ano de Idade repleto de Saúde hoje completa. Uma Fotografia prometo enviar-te na Oportunidade primeira, e certo estou de que no Mangokopf (cabeça de manga?) do Menino hás de te reconhecer.

Se tu não te importares, ao Tema de minha última Carta sem Resposta até hoje volto. Desde aquela Data o sr. Heinz Borgart, o Pianista a quem então me referi, tem demonstrado algo mais que Amizade em relação a Mim. Por Ti até hoje esperei, mas Tu sabes que proporcionar a meu Filho um verdadeiro Lar sempre almejei. Destarte, caso não obtenha Resposta tua dentro de um razoável Prazo, penso que livre estarei para considerar a Hipótese de me ligar a Heinz, que ademais poderia eventualmente seu Nome de Família dar ao Menino, que, caso tu tenhas esquecido, traz no Registro civil somente o Nome da Mãe — Anne Ernst, nunca é demais lembrar.

Amigavelmente,
Anne

4

irmãos germanos: os filhos do mesmo pai e da mesma mãe uns com relação aos outros; irmãos bilaterais; irmãos carnais

Se cunhássemos nossas cabeças eu e meu irmão, cada qual numa face de uma moeda, e se girássemos essa moeda com um peteleco forte, poderíamos vislumbrar a cabeça do meu pai e a cabeça da minha mãe quase simultaneamente. Já com a moeda em repouso tornamos a ser duas cabeças tão dessemelhantes que ninguém nos imagina irmãos. Só quem frequentasse muito a nossa casa, ou estudasse uma rara foto da família reunida, notaria que nós dois não somos propriamente opostos, e sim complementares. Mas entre mim e ele a partilha dos rostos de pai e mãe mostrou-se iníqua, com nítida vantagem para meu irmão. Seu rosto tem os traços do pai, que está longe de ser um homem bonito, mas no conjunto, por algum mistério, resulta numa versão masculina da nossa formosa mãe. Já eu herdei detalhes da mãe em desarmonia, como um nariz pontudo sem as maçãs salientes que o justificam, ou seus lábios carnudos que na minha boca pequena não têm cabimento. Os cabelos italianos, que meu irmão agora deu para usar em longos cachos, na minha cabeça viraram lã de arame. E talvez por um direito de primogenitura ele ficou com as cores maternas, os olhos esverdeados e a tez cor-de-rosa, relegando-me a pele rude do meu pai, além de prognatismo, olhos cinzentos e óculos. Se, de volta ao princípio, as faces do meu pai e da minha mãe se misturassem num dado rodopiante, poderíamos ter vindo ao mundo com várias outras caras, meu irmão e eu,

conforme a manha do crupiê, que na hora H sempre rouba para meu irmão. Sem contar o que não estava em jogo, o seu metro e oitenta e cinco de altura e os meus vinte centímetros a menos. Porém, num lance de dados invisíveis, acho que o acaso me compensou com atributos de espírito.

Nos arredores de uma duvidosa escola de propaganda, em cujas salas de aula jamais foi visto, meu irmão ganhou fama de desbravador. Com efeito, eram sem conta as estudantes que entravam donzelas no seu quarto, para saírem ajeitando por cima as roupas de baixo, e que eu registrava numa caderneta mental. Em algum fim de tarde ia procurá-las nos bares da Bela Vista, pedia licença para sentar à sua mesa e me apresentava como irmão do meu irmão. Era o bastante para que largassem o sanduíche ou as apostilas e me atendessem, e já na primeira conversa eu ganhava sua confiança. Dava atenção às suas confidências e até me sujeitava a embolsar bilhetes amorosos que, como é claro, não chegariam ao destino. Também ouvia duras queixas, porque meu irmão era um canalha que prometia o amor e tal e coisa e sumia sem dar satisfações. E folguei em aprender que nem todas lhe dariam uma segunda chance, se por hipótese procuradas, pois era um açodado, não era afeito a preliminares e muito menos a prorrogações. À noitinha trocávamos telefones, e no encontro seguinte meu irmão já seria assunto pífio, porque era de sonetos de Shakespeare para cima que se tratava. Sei que elas me ouviam embevecidas menos pela poesia que pelo timbre da minha voz, característica paterna em que, aí sim, meu irmão e eu somos gêmeos. E que seria meu trunfo no escuro do cinema, onde eu tinha duas horas para comovê-las, diverti-las, impressioná-las com palavras que meu irmão desconhece, fosse num filme da nouvelle vague ou nas comédias românticas da Metro. No fim da sessão as luzes da sala se acendiam gradualmente, o que sempre me dava a esperança de que elas se acostumassem aos poucos com a minha pele, meus esgares, que saíssem do cinema ainda impregnadas da minha voz profunda e não estranhassem o suor da minha mão na sua. Foi do Cine Majestic que levei para casa minha primeira ex do meu irmão, o que me dava o gosto de o estar chifrando um pouco. Foi também a primeira mulher na minha cama, pois até então eu só tinha trepado em randevus. Foi talvez a primeira mulher que fiz gozar, e muito, e demais, e com escândalo, me levando a desconfiar que com seus uivos pretendia chegar ao meu irmão onde quer que ele estivesse. Ao sair do meu quarto ela ficou se arrastando no corredor, espiando as lombadas dos livros, contemplando meu pai no escritório, depois na cozinha entabulou uma conversa interminável sobre culinária com a minha mãe, que preparava uma torta de morangos. Minha mãe não era boba, sabia muito bem o que prendia a farfallina, essas sirigaitas viviam por ali fazendo hora para ver se esbarravam com o Mimmo. Precavida contra o mau passo juvenil do marido, mamãe naturalmente fazia figas para esconjurar um neto a destempo. Mas no íntimo gabava-se do rodízio feminino no quarto do Mimmo, continha-se

para não desfraldar no varal seus lençóis sangrados, sempre fingindo acreditar que vinham todas estudar o mapa-múndi com ele. Vez por outra apenas reclamava de ele trancar a porta, já que ela poderia ter de entrar numa emergência caso meu pai precisasse de um Cervantes, um Quevedo, um Calderón de la Barca. E por ser maternalmente justa, se pudesse dividiria a mulherada dele meio a meio com o irmão desfavorecido. Por isso não sei como se sentiria se soubesse que meu irmão, depois de um tempo restrito aos seus domínios, foi visto farejando as cercanias da rua Maria Antônia, onde eu fazia o cursinho para a faculdade de letras. Era um campo fértil para ele, não porque as letras remotamente o atraíssem, mas porque nessa área de humanas a proporção de fêmeas era de dez para um. Percebi quando ele deitou o olho na Maria Helena, e ela custou a crer quando a preveni que aquele tipo era meu irmão. E não entendeu por que eu não os apresentava, achou um absurdo dois irmãos não se falarem, ela que por ser filha única crescera conformada a falar sozinha. Mas não pensei que meu irmão fosse se engraçar com ela, pois só na minha classe havia mais de vinte supostas virgens, e a virgindade era uma etiqueta de que ele, bem ao contrário de mim, não abria mão. A Maria Helena eu dava por certo que já não o era, embora ainda não tivesse tirado a prova. Mas ela morava só com a mãe, não tinha hora para voltar para casa, bebia cerveja, era esguia, tinha a bunda alta, tinha um não sei quê, um jeito meio liberal de caminhar, de falar com as vogais abertas, fora que a Maria Helena é carioca e cariocas são notoriamente mais soltas. Não fazia portanto o gênero do meu irmão, eram comigo suas afinidades. Fui eu que lhe apresentei Céline e Camus, e em troca ela me emprestou um Henry Miller cheio de sacanagens. Com ela dava para ver Godard, Antonioni e Bergman sem ter de explicar os silêncios, a ela pedi segredo e revelei a história do meu irmão alemão. Eu até quis lhe mostrar em casa a carta de Anne, mas ela achou que era uma cantada muito barata e me mandou catar coquinho. Por um nada a Maria Helena se magoava comigo, no minuto seguinte planejava casamento e filhos, logo adiante emendava gargalhadas com surtos de cólera, quer dizer, era louca na medida para se apaixonar por mim. De mais a mais topava qualquer programa, até me acompanhou ao estádio do Pacaembu para ver o Pelé jogar. E nas árvores do bairro gostávamos de nos encostar tarde da noite para uns beijos de língua que eu só alcançava subindo um pouco nas raízes. Pensei que logo, logo a Maria Helena entregaria os pontos, mas levei tempo para apenas chupar seus peitos com sutiã, e ela uma vez segurou meu pau por cima da calça. Isso ocorreu mais ou menos na época em que meu irmão deu para assediar a rua Maria Antônia. A temperatura entre nós dois então só fazia aumentar, e quando insisti para que subisse comigo em casa, ela aceitou com a ressalva de que talvez ainda não estivesse pronta para tudo. Sim, era virgem, e a notícia me esmoreceu, ao mesmo tempo que reavivou meus piores temores, pois meu irmão continuava de tocaia à porta do cursinho. Da minha sala

ele já tinha abatido cinco ou seis, inclusive a melhor aluna, que sempre me pareceu tão recatada. Era uma caipira até interessante com quem comecei a puxar conversa, um pouco para aporrinhar a Maria Helena, e na frente da Maria Helena eu a convidei para um cinema. Fomos ver O Anjo Exterminador, mas ela estava tímida demais, assistiu ao filme encolhida na cadeira e não achou graça nas minhas observações. E depois que lhe dei um tchau na saída do cinema, sem falar nada veio me seguindo de cabeça baixa, eu quase diria que com o rabo entre as pernas, a caminho de casa. Ouvi o arrastar de suas sandálias atrás de mim na rua Augusta, da avenida Paulista às ladeiras do Pacaembu, e da entrada de casa até meu quarto, onde se despiu sem pressa. Na cama, porém, de todas as antigas presas do meu irmão, a caipira se revelou a mais insaciável. A partir dessa noite extenuante passou a dar incertas lá em casa, a me procurar nos bares, e o caso acabou chegando aos ouvidos da Maria Helena. Mas eu não estava mais a fim de perder tempo com a Maria Helena, parti logo para cima de outra colega, e outra, e outra, se pudesse lamberia todas as mulheres que meu irmão teve na vida. Até que num fim de semana a Maria Helena me fez uma visita de improviso, com botas de cano alto e uma saia curta como eu só tinha visto em filme francês. Estremeci, por um segundo julguei que se vestia daquele jeito para ele. Mas não, me fez subir o primeiro degrau da escada, me deu um chupão no pescoço e falou de como estava ansiosa para conhecer meu quarto, queria até ver a famosa carta do meu irmão mexicano. Disse com voz rouca que agora sim estava decidida, queria que eu fosse o seu primeiro macho. Disse outras coisas do mesmo teor, mas naquele momento eu só reparava na coleção de teatro italiano na estante ao pé da escada. Começou a me incomodar, que nem quadro torto na parede, começou a me dar nos nervos uma lacuna acintosa na penúltima prateleira. Olha ali, falei para a Maria Helena, que olhou para trás e não viu nada de mais. E afinal não era mesmo nada grave, apenas um livro que fora retirado havia pouco, dentre dois volumes que agora se tocavam no topo e não na base, como dois amigos que se beijam sem se abraçar. Um tonto poderia até pensar que ali faltasse um livro pontiagudo, como um canino extraído de dentadura encavalada. A meu ver o ausente era um Pirandello, mas isso só minha mãe poderia tirar a limpo. Puxei a Maria Helena até a cozinha para lhe apresentar mamãe, que não lhe deu a mão porque naquele momento pressionava a massa na assadeira. Estava empenhada em dessa vez acertar o ponto para o marido, que apesar de apreciar suas tortas, depois de mangiá-las quase inteiras, sempre opinava que tinham ficado um pouquinho massudas. Era o que mamãe falava de si para si, primeiro porque também era filha única, segundo por perceber que a Maria Helena não lhe prestava atenção, estava longe dali. Foi quando ele se intrometeu na cozinha, meu irmão. Parou diante da Maria Helena e com a ponta do dedo levantou seu rosto pelo queixo, imitando ator de filme de caubói. Sempre de olho nela, pegou uma cerveja na geladeira, destampou-a no

puxador de gaveta, serviu-se de um copo e lhe estendeu outro, com o braço roçando o meu nariz. Irritado, avisei a quem quisesse ouvir que ia comprar cigarros no Riviera, onde bebi três uísques nacionais sem gelo, fumei três cigarrilhas e vomitei no balcão. Desci a ladeira devagar, tornei a subir, desci de novo e tomei um susto com a Maria Helena, que por um triz não trombou comigo ao sair de casa. Chorava aos soluços, e quando me viu tapou o rosto, escapou dos meus braços e saiu correndo rua acima com a roupa troncha, o zíper lateral da minissaia deslocado para o meio da bunda. E mesmo assim desengonçada, naquele relance a desejei como nunca, tomei banho pensando na sua figura, não dormi pensando nela a noite inteira. De manhã escolhi um Flaubert para lhe dar de presente, não Madame Bovary, mas A Educação Sentimental. Acontece que a Maria Helena nunca mais apareceu no cursinho, só bem mais tarde eu soube que passou no vestibular de arquitetura. Ainda liguei para sua casa, onde a empregada toda vez falava que d. Maria Helena estava no banheiro. Lá pelo vigésimo telefonema quem atendeu foi sua mãe, para me rogar que não importunasse mais a garota. E um dia a Maria Helena mandou um chofer devolver quantidade de poetas franceses que eu tinha surrupiado de casa, de Baudelaire a Francis Ponge. Foi mamãe quem os recebeu, repôs em ordem e me fez jurar que de uma vez por todas largaria de mão os livros do meu pai.

A Sergio de Hollanda,
com a longa admiração
e a amizade
do
Guimarães Rosa
Rio, 11.VII.56

GRANDE SERTÃO : VEREDAS

Gabola, gabarola, cabotino, meus colegas não me perdoavam por ostentar os livros autografados do meu pai nos corredores da faculdade de letras. E arriscando-me a aborrecê-los mais um pouco, eu não resistia a me referir sem cerimônia aos autores assíduos na minha casa, o João, o Jorge, o Carlos, o Manuel. O Sartre? De passagem por São Paulo fez questão de nos visitar com a Simone, extrapolei numa aula de filosofia. Mas os colegas me censuravam sobretudo o que lhes parecia um ar meio blasé, numa época de grande efervescência política. Disposto a me reabilitar, ainda no primeiro ano letivo passei a comparecer ao centro acadêmico sempre que se convocava uma assembleia, fosse para discutir a reforma universitária, fosse para reivindicar papel higiênico nos banheiros, fosse para eleger um comando de greve. A fim de melhor marcar presença eu geralmente levava de casa um volume de Das Kapital, e encostado na parede fingia ler Karl Marx em alemão, enquanto os líderes estudantis se digladiavam na frente da sala. E devo dizer que guardo boas recordações daquele nosso grêmio onde também havia exposições de arte, recitais de poesia, cantoria, cachaça e moças namoradeiras. Festas entravam pela madrugada até as vésperas de 31 de março de 1964, quando os militares tomaram o poder. Mas os acontecimentos eram bastante previsíveis, mesmo para quem como eu não tinha o costume de ler o noticiário. Pouco antes daquela data, numa esquina a cem metros da minha escola vi grupos descendo dos bairros elegantes rumo ao centro da cidade. Resolvi acompanhá-los por desenfado, já que, depois de uma palestra no centro acadêmico sobre o embargo a Cuba, tinha assistido a duas horas de aula de alemão, e a literatura francesa eu podia dispensar, por adiantado na disciplina. À medida que caminhávamos, vi afluir de outras ruas grupos sempre maiores, vi velas e mais velas acesas nos parapeitos, vi anciãos que nos saudavam das janelas, e na praça da República choviam dos prédios papéis picados sobre a multidão. Sinos bimbalhavam na praça da Sé, mulheres com véu na cabeça desfiavam terços, e achei melhor me retirar antes que algum maledicente me visse ali entretido com hinos religiosos, brados patrióticos e discursos apocalípticos em frente à catedral. Peguei de volta a rua Direita na contracorrente do povo que me olhava enviesado, como se fosse meu intento desafiar aquela espécie de procissão. E no viaduto do Chá uns rapazes com brilhantina nos cabelos pegaram a me hostilizar: provocador!, safado!, comunista! Fecharam meu caminho, me acuaram contra a balaustrada do viaduto, e só então atinei com o livro na minha mão, o segundo volume do Das Kapital, que imediatamente larguei no chão e me pus a espezinhar. Foi quando julguei ouvir uma fuzilaria, mas eram rojões lá para os lados da Sé, e no negrume do céu os fogos verde-amarelos me arrepiaram.

Lá em casa pouco se falava de política, se bem que meu pai, pelo que sei, tendia a ideias socialistas. Não as expressava ultimamente em público decerto porque, como supervisor geral do Cambesp, era subordinado a um governador

partidário do regime militar. Mas nas estantes do quarto do casal, um território até então quase estrangeiro para mim, além de teóricos mais conservadores e do já meio batido Marx, havia obras de Engels, Trótski, Gramsci, autores que li por alto para poder citar uma passagem ou outra deles por aí. Com o cerceamento do centro acadêmico, os alunos de filosofia, ciências e letras costumávamos nos encontrar nos bares das redondezas, onde o boca a boca nos deixava ao corrente das manifestações contra a ditadura que se realizavam vez ou outra pela cidade, obviamente sem a publicidade e a repercussão das marchas católicas do passado. E eu que não era de carregar faixas, ou de fazer coro a palavras de ordem, eu que na verdade nunca fui muito de andar em grupo, acabei tomando gosto por esses eventos. Circulava entre universitários e secundaristas, conheci militantes de organizações de esquerda, andei de braço com artistas, jornalistas, informantes, desocupados, malucos e moças insolentes com as pernas de fora que me lembravam a Maria Helena. Hoje mesmo, à saída das aulas, me excita deparar com a rua Maria Antônia fechada para o trânsito. Na primeira transversal há alguma agitação em frente ao prédio de uma associação de comércio, protegido por um cordão de isolamento que me parece um exagero. Mas a vinda de um camburão com a sirene a mil contribui para atrair novas levas de jovens que em alguns minutos ocupam todo o quarteirão. Em consequência chegam daí a pouco quatro caminhões com reforços policiais, e quando dou por mim estou metido no centro de um grande bochicho. Começa um empurra-empurra, e um sujeito de boina vermelha que não conheço se vira e me diz: o que é que você está fazendo aqui? Sem esperar resposta o imbecil tira a boina, e no que inclina o tronco para trás, cuido de salvar meus óculos de uma provável cabeçada. Mas antes mesmo que os companheiros nos apartem, todos nos voltamos para uns batedores em motocicletas que escoltam um Cadillac preto. É o Kennedy!, que diz alguém, mas não pode ser porque o Kennedy já morreu. É ele mesmo!, é o senador!, que dizem outros, é o Robert Kennedy!, e ao meu lado uma menina novinha dá vivas aos vietcongues com os olhos cheios de lágrimas. Espocam os flashes dos fotógrafos quando debaixo de vaias o americano salta do carro, e me parece moço para um senador, e magro e branco demais, e com cara de filho preterido. Pensei que a palidez fosse de medo, mas ele ainda esboça um sorriso e manda um aceno em direção a ninguém. E eis que um ovo acerta a cabeça de um grandalhão atrás do senador, um guarda-costas negro que permanece impassível, com o pixaim lambuzado. A golpes de cassetete os soldados investem contra um pessoal no alto da rua e arrastam para o camburão um rapaz todo enconchado, a cabeça dentro dos braços. Nesse entremeio o americano já entrou no prédio e os estudantes se concentram em torno do camburão: solta! solta! solta! O motorista aciona o motor e uns mais afoitos começam a balançar a carroceria, sem se incomodar com as bordoadas nas costas. O motorista agora ensaia uma marcha a ré, mas

desiste a tempo de não esmagar as meninas que dão socos na porta traseira. Solta!, solta!, solta!, que gritamos todos, e uns soldados afastam as meninas à força, dando a entender que vão bater feio nelas. Mas, pelo contrário, abrem a porta e libertam o rapaz, que só falta ser carregado em triunfo. O franco-atirador de ovos não é outro senão ele, o meu amigo Thelonious.

Levei anos sem ver o Thelonious, desde aquela bebedeira no Zillertal, quando nos estranhamos por causa do meu irmão alemão. Na época fiquei bastante agastado, mas depois de uns dias voltei a procurá-lo, assobiei em vão no seu portão algumas vezes. Ao telefone só sua mãe atendia, e eu desligava porque tinha um pouco de medo dela. Mas pelos rumores na vizinhança fiquei sabendo que o Thelonious passava uma temporada num reformatório, depois de ter sido flagrado pela polícia no Studebaker de um desembargador, ao lado de um comparsa alto e loiro, seguramente o Udo. Tal era nossa camaradagem naquele tempo, que no flagrante delito queria estar eu no lugar do Udo, não me importaria de tomar porrada com o Thelonious na delegacia, ter igual a ele a cabeça raspada no Juizado de Menores. Nós éramos unha e carne desde o jardim de infância, onde ele me emprestava bolas de gude, comia a goiabada da minha merenda e se chamava Pernalonga. Bem mais tarde, quando ele já era o Fangio, sentados à noite no seu quintal, de olho na luz da água-furtada onde sua mãe ouvia ópera, batíamos punhetas em competição para ver quem esporrava mais longe. Foi ele quem promoveu minha estreia num puteiro, depois me consolou, disse que a marafona era barriguda e que todo mundo um dia brocha. De outra feita lhe mostrei a purulência na ponta do meu pau e ele não teve dúvida: gonorreia. Ele já era cliente de um urologista na Boca do Lixo, conseguiu um desconto na consulta, depois me ensinou a desenrolar camisinhas no pau duro, ou seja, entre nós não havia segredos. Se nunca lhe falara antes do meu irmão alemão, é porque o caso para mim não chegava a constituir um segredo, estava ainda no campo mais tênue da imaginação. Mas a partir da noite em que a carta de Anne confirmou a existência de Sergio Ernst, este certamente passaria a ser o tema das nossas conversas, eu já nos via a planejar uma viagem clandestina num cargueiro para a Alemanha. Só que o Thelonious, conforme ouvi dizer, ao completar dezoito anos saiu direto do reformatório para morar com o pai nos cafundós do país. E, na falta de um amigo, eu não tinha com quem partilhar meu assunto, que só fazia bocejar as moças das minhas efêmeras relações. Na faculdade, mesmo os colegas mais ou menos próximos me viravam as costas nem bem eu mencionava a estada do meu pai em Berlim, achavam que lá vinha mais fanfarronice. Eu de fato poderia contar sem mentir que em 1929 meu pai entrevistou Thomas Mann no suntuoso Hotel Adlon, no bulevar Unter den Linden. Mas, não satisfeito, talvez me desse na telha acrescentar que, a despeito de sua consideração por Thomas, na ocasião papai roubou-lhe a namorada, com quem veio a ter um filho chamado Sergio. E uma noite em casa, no meio do jantar,

sem mais nem menos lancei esta: eu não me envergonharia de ter um filho alemão. Meu pai ficou com o garfo suspenso diante da boca aberta, enquanto meu irmão continuava a folhear a Playboy à esquerda do prato. Só mamãe, depois de um momento atônita, se manifestou: ma quem tem vergonha de um filho tedesco, Ciccio? Sei lá, disse eu, só sei que o Thomas Mann tinha vergonha da mãe brasileira. Era uma afirmação controversa, pelo que havia lido a respeito, mas feita com o propósito de suscitar uma reação do meu pai. Ele poderia retrucar que o próprio Mann reconhecia traços da ascendência latina em seu estilo, ou que a mãe lhe inspirara belas personagens para seus romances, poderia dizer em suma que eu estava falando asneira. Mas pronto, estaria estabelecida uma ponte entre nós, talvez daí em diante meu pai me ouvisse de vez em quando, me corrigisse, de algum modo me filiasse. Quem sabe até me admitisse na sala de visitas como um aluno ouvinte, nas noitadas em que recebia seus amigos escritores para beber um Old Parr e trocar novidades, anedotas, fofocas literárias. Toda coruja, mamãe reforçaria também meu uísque a cada vinte minutos, e a altas horas, quando os convivas se retirassem, papai num pilequinho sentimental poderia me deixar escapar reminiscências de Berlim. No entanto, visto que agora ele voltara a comer seus nhoques como se eu nada houvesse dito, insisti: devia ser porque d. Julia da Silva Bruhns Mann, com seu sangue de índio e português, falava alto, ria demais e flertava com meio mundo nos salões de Munique. Então meu pai finalmente pousou o garfo no prato e levou os óculos à testa, no que o imitei com a expectativa de que pela primeira vez na vida nos olharíamos nos olhos. Mas não, não foi para mim que ele se voltou, foi para o meu irmão, que lhe mostrava por baixo da mesa uma foto da Playboy: olha só que lombo! Formidável, disse meu pai, um lombo extraordinário! E mamãe catava farelos de pão na toalha, como sempre fazia quando se fazia desentendida nas refeições. Nunca jamais peguei um olhar perdido em minha mãe, acho que ela dormia com os olhos em reviravolta. E do jeito que controlava os passos da família, não duvido que soubesse do meu irmão alemão mais que o pai da criança. Porém me parecia inútil tentar extrair dela alguma inconfidência, assim como inutilmente tentei um dia forçar a gaveta da sua mesinha de cabeceira, onde eu supunha que ela guardasse relíquias dolorosas. Acredito mesmo que mamãe, antes de obrigar meu pai a casar na igreja, recuaria se soubesse que, além de ser ateu, ele tinha um filho natural na Alemanha. Mas depois do casamento, assim que começou a pôr ordem na casa, com certeza descobriu vestígios de Anne por toda parte. Cartas de Anne saltariam dos bolsos de um sobretudo, jazeriam nos cantos do escritório, cairiam dos livros que ela espanava. Cartas em alemão que ela cheiraria da primeira à última linha, algumas acompanhadas de fotos da loira com um bebê cabeçudo no colo. Terminada a faxina, mamãe juntaria o espólio daquela mulher a fim de fazer uma fogueira, não sem antes brandir a papelada na cara do meu pai. Mas deve

ter compreendido a tempo que, na nebulosa memória de Sergio, as cinzas das cartas de Anne ganhariam pouco a pouco requintes de alta poesia, a Anne cremada nas fotografias poderia virar quase uma Marlene Dietrich. Então mamãe preferiu organizar uma pasta com as lembranças da outra e trancá-la na gaveta da sua mesinha. Caso papai desejasse muito olhar alguma coisa, que não hesitasse em lhe pedir a chave.

Chamo o Thelonious, agito os braços, assobio, depois me sinto como um otário a implorar a atenção de um artista famoso. Parado a toda hora para cumprimentos e abraços, ele parece aflito para se afastar do tumulto, com o corpo fustigado e justo receio dos policiais à sua espreita. Mas entre os jovens que havia pouco enfrentavam cassetetes em sua defesa, já ouço quem demonstre certo desencanto ao vê-lo em liberdade: grandes coisas jogar ovo, foi o americano quem mandou soltar, puta sacanagem acertar o ovo no crioulo, quero ver é atirar coquetel molotov no quartel. E no que alguém anuncia que o Bob Kennedy está de saída, voltam todos ao centro da manifestação e o Thelonious fica meio perdido, olhando para trás. Tenho certeza de que agora ele me vê, mas nem assim atende ao meu chamado, sai em marcha batida rumo à rua da Consolação. Quando o alcanço, mostra-se arredio às minhas efusões, me pede por favor que pare com esse negócio de Thelonious, quer ser chamado de Ariosto. Num primeiro momento me soa esquisito, Ariosto, depois me vem uma lembrança remota da mãe a chamá-lo assim: já para dentro!, Ariosto, já para o banho, Ariosto! E ele hoje não está para conversa, só a muito custo fico sabendo que voltou a morar de vez em São Paulo, depois de romper com o pai e abandonar os estudos numa universidade rural. Na tentativa de puxar algum fio do nosso passado, pergunto-lhe pelo seu amigo Udo e fico sem resposta. Sua reserva parece confirmar o que ouvi em conversas de bar, que o pai do Udo sacou o filho da cadeia mediante acerto com o delegado, causando mal-estar na arraia-miúda policial. E que o Thelonious, ali abandonado entre bandidos e ladrões de galinha, pagou a conta em dobro: duas sessões de pau de arara, duas séries de afogamento com capuz e fala-se até que dois carcereiros o enrabaram, mas isso já vai por conta da maldade do povo. Não sei se as barbaridades da prisão podem tirar uma pessoa do prumo, ou se é simplesmente a nossa longa desconvivência que me provoca agora esta estranheza ao lado do Thelonious, aliás Ariosto. Ainda preciso me reabituar à sua cara, que na noite fechada só vejo à luz fugaz dos faróis dos carros, ou de vinte em vinte metros debaixo de postes com aquela luz amarela, mortiça, própria das calçadas de cemitérios. E eu já estava me afeiçoando ao nosso silêncio, quando beiramos os primeiros bares com televisões ligadas, uma pizzaria com fila na porta e finalmente o frêmito da avenida Paulista. Sob o letreiro em neon do Riviera Bar proponho um brinde, mas o Ariosto responde: prefiro não. E já na descida para casa ele relata entre dentes seu recente reencontro com o ex-amigo, ali mesmo no Riviera. Diz que bebia

quieto sua cerveja no balcão quando o Udo chegou por trás e começou a cutucá-lo: está de volta, Che Guevara?, ficou de mal comigo, Che Guevara? No quinto Che Guevara o Ariosto diz que virou e disse: vai procurar teu papai, aquele nazista. E diz que o outro rebateu: pior é a tua mamãe, que meu pai comeu e é puta. Até aí tudo bem. Mas em seguida o Udo soprou a franja para o alto, e foi o que fez o Ariosto perder a cabeça. Agarrou o cara pelos cabelos, partiu a garrafa de cerveja na quina do balcão e com um estilhaço sangrou aquela pele de seda, abriu-lhe uma beiça do olho esquerdo à mandíbula.

Um rangido de tábua no assoalho chama a atenção do meu pai: quem está aí? Deve ter pensado que era meu irmão, porque silencia assim que dou meu nome. Mas quando passo pela sua porta, me manda entrar. Não vou mentir que nunca entrei naquele escritório, na sua ausência eu entrava mesmo. Era uma sensação semelhante à de invadir o carro alheio, mas desta vez é como se eu o fizesse com o dono sentado à minha espera. Penetro pé ante pé na fumaceira e encontro meu pai de pijama como sempre o recordarei, recostado na espreguiçadeira com os óculos no alto da testa, um livro nas mãos e um toco de Gauloises prestes a queimar seus dedos. Agora ele ajusta os óculos para me enxergar e tosse duas vezes, sempre duas vezes, depois pergunta se andei mexendo nos seus Kafkas. Nunca, respondo de bate-pronto, aliviado porque pelo menos desse crime sou inocente. Aí ele me desconcerta: e o que é que está esperando? Eu? Acho que ainda não posso ler Kafka no original. Mas nem com três anos de escola você aprendeu alemão? Leva os óculos de volta à testa e retoma a leitura de um livro chamado Strahlungen, que salvo engano significa irradiações, resplendores ou coisa que o valha. Vou para a cama ainda atordoado com aquele curto colóquio, pois na minha cabeça papai nem sabia que eu estava na universidade. E assim distraído esqueço a luz acesa, mas está gostoso debaixo da coberta, onde me deito em posição fetal e estico os braços no meio das pernas dobradas, como num espreguiçar para dentro. Depois afago meu rosto, para ver se o sono vem, e é um consolo sentir minha pele livre das espinhas, que só deixaram pequenos bulbos e mossas aqui e ali. Ao cabo de tantos dissabores, acho até que estou ficando mais bonito, como sucede a quem sofre um processo sem saber por quê, como diz o Kafka, como diz meu professor de alemão. Tenho também a sensação de haver crescido tardiamente uns bons centímetros, o que me encoraja a procurar a Maria Helena, que ao que parece foi morar com o pai no Rio de Janeiro. É a primeira vez que entro num avião, na verdade um teco-teco que voa muito baixo, tirando cascas dos mausoléus do Cemitério da Consolação, o que me leva a reclamar do piloto, que é o Thelonious, ou melhor, o Ariosto, que fica nervoso e resolve fazer um pouso forçado bem na minha rua, em frente a um bunker que para mim é novidade, num subsolo da garagem lá de casa, onde ele entorna cerveja no chão e me ensina a preparar coquetéis molotov.

6

Com o portão enguiçado, e num convite a ladrões de livros, a garagem de casa lembra uma biblioteca pública permanentemente aberta para a rua. Mas não são adeptos de literatura os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão. Esses desocupados matam o tempo jogando porrinha, ou lendo os jornais velhos que mamãe amontoa num canto, sentados nos degraus do escadote com que ela alcança as prateleiras altas. Já quando fazem o obséquio de me liberar o espaço, de tempos em tempos entro para olhar as estantes onde há de tudo um pouco, em boa parte remessas de editores estrangeiros que têm apreço pelo meu pai. Num reduto de literatura tão sortida, como bem sabem os habitués de sebos, fascina a perspectiva de por puro acaso dar com um livro bom. Ou by serendipity, como dizem os ingleses, quando na caça a um tesouro se tem a felicidade de deparar com outro bem, mais precioso ainda. Hoje revejo na mesma prateleira velhos conhecidos, algumas dezenas de livros turcos, ou búlgaros, ou húngaros, que papai algum dia é capaz de querer destrinchar. Também continua em evidência o livro do poeta romeno Eminescu, que papai ao menos tentou ler, como é fácil inferir das folhas cortadas a espátula. Há uma edição em alfabeto árabe das Mil e Uma Noites que ele não leu, mas cujas ilustrações admirou longamente, como denunciam os filetes de cinzas na junção das suas páginas coloridas. Hoje tenho experiência para saber quantas vezes meu pai leu um mesmo livro, posso quase medir quantos minutos ele se deteve em cada página. E não costumo perder tempo com livros que ele nem sequer abriu, entre os quais uns poucos eleitos que mamãe teve o capricho de empilhar numa ponta de prateleira, confiando numa futura redenção. Muitas vezes a vi de manhãzinha compadecida dos livros estatelados no escritório, com especial carinho pelos que trazem a foto do autor na capa e que papai despreza: parece disco de cantor de rádio. Pode ser o caso deste escritor de óculos que não sei por que tenho agora em mãos, um americano chamado Varian Fry. Surrender on

Demand é o título do livro que papai rejeitou sem levar em conta os elogios de jornais de Nova York reproduzidos na quarta capa. Datam de 1945 a edição e os elogios, abaixo dos quais leio uma apresentação à obra, cujo autor *arriscou a vida resgatando alguns dos mais relevantes políticos, artistas, escritores, cientistas e músicos da França ocupada pelas tropas nazistas*. Biografias e reportagens não estão entre os gêneros literários preferidos do meu pai, que ademais deixou a Alemanha antes da implantação do nazismo. Todavia, observando melhor o corte do livro, seu aspecto um pouco menos coeso que o de um livro virgem, percebo que ele foi folheado sim, velozmente, como se folheia um jornal em busca do horóscopo, ou do resultado da loteria. Mais para o fim posso divisar uma sutil fissura no feixe de páginas, e foi ali que meu pai aparentemente encontrou o que lhe interessava. Na página 236, com efeito, vejo que ele sublinhou a lápis um nome no início do segundo parágrafo: *Entre os refugiados que cruzaram o Atlântico estavam a cravista Wanda Landowska, o psiquiatra Bruno Strauss, o pianista Heinz Borgart, o escultor*… Não entendo de imediato o destaque para um dentre tantos clandestinos que em 1942, segundo o autor, embarcaram em Marselha na rota dos Estados Unidos, do México, de Cuba e do Brasil. Mas logo em seguida subo as escadas de um só fôlego para constatar na carta de Anne que aquele pianista por quem eu não dava nada é ninguém menos que o relevante músico Heinz Borgart citado no livro. Corro os olhos pelas enciclopédias que ocupam duas prateleiras no meu quarto, miro as lombadas da alemã Brockhaus: *A-Arnheim*, *Arnika-Blavatnik*, *Blavatsky-Camelot*, abro o terceiro volume com mãos trêmulas: *Borgaard, Albert, engenheiro militar dinamarquês*, *Borganzo, cidade da Itália*, *Borgarnes, cidade na Islândia*, e mal acredito mas aqui está ele num verbete de bom tamanho: *Borgart, Heinz-Frederik*… Sem paciência para dicionários neste momento, mesmo que perca uma ou outra palavra posso traduzir o essencial: *Borgart, Heinz-Frederik* (*Berlin, 28. November 1902*)*, pianista e compositor* […] *filho do Dr. Oscar Borgart e de sua esposa Gertrude, nascida Gorenstein* […] *o pai renomado editor, de próspera família* […] *a mãe judia* […] *Borgart demonstra precoce talento na* […] *quando estuda piano e composição com os professores Artur Schnabel e Kurt Weill* […] *granjeia a admiração de um seleto* […] *e uma exitosa carreira nos anos 1920 com* […] *em 1929 realiza uma série de recitais com a obra completa para piano de Franz Schubert na Universidade de Heidelberg* […] *em 1932 leciona no prestigioso Conservatório de Colônia* […] *a chegada ao poder dos nazistas foi* […] *ainda em 1933 é demitido do Conservatório* […] *logra contudo mudar-se para Paris em 1934* […] *Sua mãe e sua irmã, que permanecem na Alemanha, viriam a perecer no campo de concentração de Auschwitz em 1943* […] *Heinz Borgart reenceta carreira na França malgrado* […] *mas entrementes requer cidadania francesa*

[…] *de 1935 a 1939 dirige a Sociedade Musical La Sonata* […] *em 1940 a queda da França provoca grande* […] *enfrenta novamente perigo de* […] *em 1942 a bordo de um cargueiro em Marselha* […] *Casablanca* […] *desembarca no porto de Santos, Brasil, onde* […] *residência na cidade de São Paulo*. Precipito-me na cozinha, onde mamãe prepara um almoço cheirando a alho, e na despensa há uma prateleira com livros de receitas, almanaques, guias de São Paulo e a lista telefônica: *Borges*, *Borges*, *Borges*, *Borges*, logo acima vem um *Borganti*, não há Borgart, mas páginas adiante consigo o endereço do consulado da Alemanha. O atendimento ao público se dá numa sala não muito grande do consulado, onde umas vinte pessoas fazem fila diante da mesa de uma funcionária loirinha. São em grande maioria cidadãos alemães que se curvam para falar baixinho com a moça, e pelo que entendo têm problemas com passaportes roubados, perdidos ou caducos. Avançando por fora da fila, aproveito uma brecha e num alemão básico pergunto pelo cônsul à loirinha, que me responde em português que o dr. Weis está de férias na Baviera. E o vice-cônsul?, e o adido cultural?, insisto em que deve haver na casa alguém habilitado a tratar de assuntos excepcionais, mas ela me sussurra que o secretário consular só recebe com hora marcada. Chama o próximo da fila e se recusa a me prestar outras informações, mesmo quando lhe digo que estou à procura de Heinz Borgart. Não é possível que a moça ignore Heinz Borgart, qualquer alemão conhece Heinz Borgart, há de haver no mínimo seu nome e telefone num cadastro oficial. Seca, a funcionária afirma que o consulado não fornece dados pessoais de seus concidadãos. Um sujeito no fundo da sala, talvez com a intenção de me apoiar, diz com voz grossa que os serviços diplomáticos do seu país sabidamente acobertam criminosos de guerra em toda a América do Sul. Mas outro alemão que já bufava atrás de mim retruca que caçadores de nazistas deveriam se dirigir à Interpol, em vez de empatar a fila do consulado. Uma discussão se propaga no ambiente, é nazista para cá, é sionista para lá, e a loirinha me fala com voz chorosa que não tem culpa de nada, se chama Lieselotte mas é brasileira de Santa Catarina. Com pena dela, ofereço-lhe a maçã que mamãe me deu, depois lhe pergunto se por acaso tem à mão as listas amarelas: *piano*, *piano*, *piano*, procuro um professor mas só vejo lojas de piano, e de estalo me lembro da escola de música perto da minha faculdade. Com sacrifício do lanche posso pagar um táxi, mas a escola de música não existe mais, virou uma pastelaria chinesa, daí resolvo descer num trote até o Theatro Municipal. Não há funcionários na porta dos fundos, aonde já chega a ressonância da orquestra, uma sinfonia frenética que sofre brusca interrupção. Recomeça após um minuto de silêncio, e da coxia observo a plateia vazia na penumbra e a luz chapada sobre o palco, em cuja extremidade oposta a tampa aberta do piano esconde a cabeça do pianista. Com delicadeza ingresso no palco, desloco-me à direita rente ao pano de fundo e, quando passo pela sombra do

tocador de tímpano, algum acidente leva o maestro a soltar um berro e jogar a batuta no chão. Cristalizo, não respiro, e por um tempo tudo o que se ouve é a batuta a quicar aos pés dos violinistas. Menos mau que não é comigo a fúria do maestro, é ao pianista que ele se dirige. Este dedilha algumas notas soltas e o maestro faz que não, sacudindo com veemência a cabeleira branca. Acho que são palavrões em russo o que ele grita, até ser acudido por um senhor acorcundado que sobe da plateia com sua maleta e enfia a cabeça nos intestinos do piano. O pianista começa a bater com insistência na mesma tecla, e a esta altura o maestro já deixou o palco, onde alguns músicos acendem cigarros e outros se levantam para distender os músculos ou procurar o banheiro. Fico então à vontade para transitar entre metais, madeiras e cordas rumo ao piano, e é uma senhora franzina que encontro sentada na banqueta. Tão logo ela se levanta para dar lugar ao afinador, pergunto-lhe se por acaso é discípula do mestre Heinz Borgart. Nem me olha, passa batido para a coxia e segue por um corredor onde há mais portas que paredes. Como tem cara de gringa, no seu encalço repito a indagação em francês, em inglês, em italiano, e já me arriscava no alemão quando ela bate a porta do seu camarim. De volta ao palco, não encontro maior receptividade entre uns músicos que sopram fumaça, tiram sonecas ou emitem com seus instrumentos sons banais que abafam minhas palavras. Na certa me ignoram porque ando em mangas de camisa, apesar de usarem gravatas frouxas e paletós sebosos, além de calças tão surradas quanto o meu jeans. Só o último dos violoncelistas mostra boa vontade: ¿el pianista Enzo Borja?, e indica com o arco o afinador de pianos: preguntele a Lázar, porque todos los afinadores del mundo son boquirrotos. De fato, durante um cafezinho num bar atrás do teatro, Lázar me enumera os pianos que afinou, não só em São Paulo como em Minas Gerais e no Sul, até no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. De virtuoses a diletantes endinheirados, de filhinhas de mamãe a boêmios com teclados queimados de cigarro, atende em palacetes, escolas e inferninhos, conserta de Steinways de cauda inteira a pianos de armário nacionais, não faz distinção entre clássico e popular, priva com músicos de jazz, bolero, tango, samba-canção e bossa nova, cita o nome de seus clientes um por um, mas nunca ouviu falar do pianista alemão Heinz Borgart. Judeu? Piorou, conheço toda a colônia, afino o piano da Hebraica desde a fundação. Lázar estabeleceu-se em São Paulo em 1950 e pode me assegurar que pelo menos desde então esse pianista não viveu na cidade. Nem acredita que um grande concertista europeu possa ter se adaptado a um país de clima tropical, onde os pianos desafinam de hora em hora. Vai por mim, diz Lázar, esse aí correu daqui assim que pôde, vai ver que está tocando valsas num kibutz. Agradeço, pago os cafés, e já na calçada Lázar faz questão de me passar seu cartão de visita para a improvável casualidade de eu topar com o tal pianista, dado que abundam na praça afinadores italianos de pouca confiança. Mas a este ponto já me persuadi de que Heinz Borgart partiu mesmo no fim da

guerra para refazer a vida na França, ou retomar na Alemanha a carreira de sucesso. Carreira de sucesso? Desejo boa sorte a esse senhor, diz Lázar, porque a maioria de nós meio que perdeu a mão depois da guerra. Ou você acha que na Orquestra Sinfônica de Budapeste eu era afinador de pianos?

De volta para casa confiro a data, 21 de dezembro de 1931, em que Anne escreveu a carta ao meu pai, pelo visto sem noção do que estava por vir. Em pouco mais de um ano seu prometido esposo estaria no olho da rua, impedido de dar concertos ou de exercer o magistério, e buscaria asilo na França com uma mão na frente e outra atrás. E o meu irmão aos três anos de idade seria enfiado às pressas num trem noturno, ou num micro-ônibus, ou na boleia de um caminhão por estradas tortuosas, sem compreender por quê, logo agora que aprendia a flexionar e justapor as palavras da sua exigente língua, teria de recomeçar o tatibitate na língua dos outros. Mas em pouco tempo cantaria o Frère Jacques sem sotaque, ganharia um cachorro e uma bicicleta, faria amigos, seria querido por uns e xingado por outros de ladrão, sovina, herege e fedorento. Xingado de apátrida, mais que qualquer parisiense amaria sua cidade, com a estrela amarela no peito percorreria um a um seus bulevares, avenidas, ruas, praças, pontes, passagens, impasses, conheceria o nome e a história atrás do nome de cada logradouro constante no mapa. E quando se preparava para explorar as linhas do metrô, já se veria envolvido em nova encrenca, sem entender que mal havia feito para embarcar num cargueiro lotado rumo a sabe lá que merda de país. E depois de chegar a São Paulo e achar a cidade pequena, chuvosa, feia e sem história, depois de lhe roubarem a bicicleta e de adotar um vira-lata, depois de aprender no ginásio a falar vai tomar no cu, depois de arrumar uma namoradinha gói, de jogar bola na várzea, de torcer para o Corinthians e tocar pandeiro, teria de fazer as malas de novo, iria quem sabe servir ao exército em Tel Aviv, ou feito um judeu errante seguiria o pai em excursões mambembes. Ou não, talvez nada disso tenha acontecido, porque em sua fuga intempestiva é possível que Heinz Borgart fosse obrigado a largar para trás mulher e filho. Mandaria buscá-los em Berlim, claro, assim que arrumasse a vida, mas uma vez em Paris, um jovem músico, nunca se sabe. Prefiro neste caso acreditar que às vésperas das núpcias a própria Anne se convenceria do erro que estava por cometer ao se juntar a Heinz Borgart, sobretudo do risco a que expunha o filho com esse enlace. E a fim de preservar o nome de Sergio Ernst, romperia sem piedade com o pretendente, o acusaria de omitir a mãe judia, de não lhe deixar claro que ao se tornar um meio Borgart, seu filho por força levaria um quarto de Gorenstein. A meu pai, porém, nunca daria conhecimento da sua separação, para não o poupar de imaginá-la noite após noite nos braços de um artista glorioso. Passaria por apertos, sim, mas não permitiria que meu pai o soubesse, nem jamais mendigaria uma pensão de quem sequer presenciara o nascimento do filho. Em compensação, cedo ou tarde

haveria de encontrar o parceiro definitivo, talvez um homem modesto, que a amasse mais que ela a ele mas que daria a Sergio um sobrenome sem mácula. Seria talvez um pequeno comerciante, um artesão, um escriturário, um ariano que de boa-fé simpatizasse com o nacional-socialismo, e que ao lado de Anne se vangloriasse do menino perfilado no estádio olímpico de Berlim, a cantar o Deutschland über Alles. Já nem duvido que exista veramente uma foto de Sergio de calças curtas e jaqueta cáqui com a suástica na braçadeira, mas desse irmão terei perdido notícias para sempre.

7

scontroso (it.): que tem um caráter pouco sociável, que facilmente se ofende, se irrita, se contraria

Desde seus tempos de Capitão Marvel, mamãe achava que o Ariosto era do contra, e ainda hoje se refere a ele assim: o teu amigo scontroso passou de matina mas eu não quis te acordar. Aonde ele foi, mamma? Que sei eu, o scontroso enjoou de te esperar e saiu com o Mimmo. Mamãe deve estar enganada, o Ariosto não tem por que sair com meu irmão. Meu irmão é o contrário de um scontroso, embora teime em se queixar que a vida hoje em dia não anda fácil para ele. Em pleno jantar de família, tem a desfaçatez de declarar à minha mãe que, depois dos quinze anos, não se encontram mais moças puras na cidade. E deu para frequentar portas de ginásios, onde sempre leva alguma incauta na conversa com aquela voz mais que nunca irresistível, agora que ele se presta a gravar locuções para comerciais de rádio. Até mamãe instalou um rádio na cozinha para não perder os reclames do Sabonete Palmolive, das caixinhas de emoções dos Chicletes Adams, ou da Cerveja Hércules: enfim um herói preto. O próprio Ariosto já deve estar cansado de ouvir na voz do meu irmão: quem não vive para servir ao Brasil não serve para viver no Brasil. E só mamãe não percebe que o scontroso nunca haverá de se bicar com um locutor que faz propaganda do governo. Em todo caso fiquei até mais tarde com a cabeça debaixo das cobertas de propósito, com a intuição de que meu amigo me esperava. Ele tem me procurado com certa insistência, mas os estudos de pós-

graduação me consomem noite e dia. Posso dizer que minha vida acadêmica está bem encaminhada, embora por enquanto eu me limite a dar aulas de português no cursinho pré-vestibular em troca de uma mixaria. Talvez eu até consiga antes do previsto uma posição no corpo docente da faculdade, pois alguns professores foram afastados, outros se demitiram em solidariedade, fora os que sumiram, fugiram do país. Muitos alunos também largaram o curso, e persiste um clima de apreensão no meio universitário desde os acontecimentos de 1968, quando o regime endureceu de vez. Acabaram-se as passeatas, bandeiras vermelhas dão cadeia, e nos bares onde ocasionalmente apareço não se toca em política. Aos domingos, por exemplo, janto numa cantina italiana da rua Augusta onde meu irmão imperou um tempo. Ali se bebe mais do que se come noite adentro, e não é difícil arranjar uma parceira para a madrugada. Como seria o caso de uma garota meio hippie que vive a tocar flauta numa mesa dos fundos, e que anos atrás espiei subindo a escada lá de casa. O que então me deu na vista foi um certo jogo de ancas à la Maria Helena, que já não se percebe sob a bata indiana quando ela sai com seus namorados ou namoradas às três ou quatro da manhã. E ontem por volta dessas horas, ao vê-la descomprometida à sua mesa, me apresentei como irmão do meu irmão enquanto ela tocava Eleanor Rigby. Na tentativa de arrancar um sorriso dela, ainda recitei o anúncio do meu irmão com impostação de locutor: Rádio Difusora AM, São Paulo, novecentos e sessenta quilo-hertz. Chamava-se Minhoca e não teve jeito de se lembrar do meu irmão, prova de que sua iniciação no sexo não foi das mais marcantes. Propus-lhe um vinho chileno, visto que em sua mesa só havia um copo d'água, mas em lugar do vinho ela aceitou um sorvete de chocolate. Não estava à espera de ninguém, nem se importava de ficar sozinha com sua flauta até as seis da manhã, quando seu pensionato abria as portas. Mas também me acompanharia numa boa, contanto que não fosse sujeira fumar um baseado na minha casa. Eu preferia não ir de maconha num primeiro encontro, porque não sou useiro, maconha nem sempre me leva ao nirvana. Porém mal entrada em meu quarto a Minhoca levantou a roupa mostrando belas coxas, apesar de magras e um pouco peludas, e tirou de dentro da calcinha uma bagana já chamuscada. Para mim ficaria feio recusar, depois que ela deu o primeiro trago e ainda retendo a fumaça me disse, com uma voz que saiu fininha feito a de uma velha esganada: vai fundo. Daí a pouco pegou a rir, apontando ao pé da estante quatro baratas que estrebuchavam de barriga para cima, cena comum desde que mamãe descobriu a dedetização. As baratas me recordaram velhas leituras, e não sei por que fui dizer a ela que nas câmaras de gás da Polônia as pessoas morriam arfando assim mesmo, na esperança de algum oxigênio acima do vapor de inseticida. Não contente, depois de novo trago lhe contei que nesse afã os mais fortes pisoteavam velhos, mulheres, crianças, e a Minhoca me exorcizava: que bode!, que onda ruim!, sai dessa! É que de quando em quando eu encasquetava com meu irmão alemão

metido em situações pavorosas, mas disso eu não falaria àquela garota. Apenas busquei debaixo do colchão minha cópia esfarrapada da carta de Anne e lhe pedi que ficasse atenta: *Berlim, 21 de dezembro de 1931*… A Minhoca achou por bem acompanhar minha leitura ao som de Yellow Submarine, fazendo trêmulos na melodia a cada acesso de riso. Para ela tudo na carta era hilariante, o meu pai imerso em livros, a cabeça de manga, e quando cheguei a Heinz Borgart deixou a flauta de lado e riu à solta, achou demais o nome do pianista, quase igual ao do seu antigo professor de piano. Como assim, quase igual? O primeiro nome é que é diferente, meu professor se chamava Henri. Tomei um susto, porque Henri é Heinz em francês, e nisso a Minhoca armou o bico para tocar Yesterday. Insisti: era Borgart?, era Borgart? Parou de tocar e falou com voz chorosa: não lembro direito, poxa, era meio parecido, mas faz tempo. Agora vai ter que lembrar, eu disse sacolejando sua cabeça: era um alemão? Olha só, você está muito perturbado, clareou o dia, enchi o saco, vou embora. Pedi desculpas, dispus-me a levá-la de táxi, mas precisava pelo menos saber se o professor era alemão. Sei lá, acho que era francês, agora chega, foi só o que ela me disse ao sair de casa. Fazia uma manhã bonita, fresca, e acabei seguindo a pé com a Minhoca, que tocou Michelle até a porta do pensionato quase em frente a um colégio de freiras chamado Des Oiseaux, a dois passos da minha faculdade.

Uma aula de português para um bando de maconheiros não me demanda mais de três horas de sono e uma ducha fria. Mas hoje, tresnoitado, paro de mãos vazias diante da classe, sem saber por onde começar a lição. Só me vêm à cabeça matérias de aulas passadas, anacolutos, metáforas, a noite indormida é um quadro-negro que esqueci de apagar. Através de lentes embaçadas, ou de milhares de noites em claro, vejo até um pouco de mim no rapaz de barba rala sentado na carteira que ocupei anos atrás. E a garota ao seu lado, de cabelos castanhos, é uma versão diminuta da Maria Helena, em meio a outras tantas alunas que também me lembram vagamente colegas daquele tempo, feito meninas abestalhadas que assistissem às mesmas aulas anos a fio. Para me impor ao burburinho que toma conta da sala, só se eu engrossasse a voz e fizesse uma chamada de presença, mas no momento me ocorre unicamente o nome de Henri Borgart, Bogart, Baugard, Breaugard. E os alunos já me viram as costas para conversar entre si, tal e qual a minha turma quando debochava do professor de português, que tinha jeitão de veado e acabou se matando com um tiro na boca. Com certeza riem dos meus sapatos, do meu relógio de segunda mão, do meu jeans fodido, sujo de giz e de outras melecas, que não tiro do corpo e cujos bolsos me ponho agora a apalpar. Súbito enfio a mão no bolso esquerdo até o fundo, e a cartolina por baixo da caixa de chicletes só pode ser o cartão de visita do afinador de pianos. De fato é, e apesar de curvo e desbotado, tendo sobrevivido a um ou outro mergulho no tanque de lavar roupa, ainda traz legíveis as coordenadas de Lázar Rosenblum. Abandono a algazarra da sala e disparo até

o telefone da secretaria, mas na casa do Lázar sua mulher me informa que ele saiu, vai passar a manhã cuidando do piano da TV Record. Ali acontece o famoso festival de música popular, e d. Dalila me fala de seus cantores prediletos, começa até a cantarolar uma balada romântica quando corto a ligação. Em vinte minutos de caminhada chego ao Teatro Record, onde encontro uma fila na bilheteria e uma pequena aglomeração junto à porta lateral. É a entrada dos artistas, protegida por seguranças a quem apresento o cartão de visita do Lázar, depois de forçar passagem entre fãs e puxa-sacos. O cartão passa de mão em mão, e um funcionário suarento vem me avisar que estou barrado, porque já tem um afinador no palco. Pois foi ele quem me chamou, afirmo cheio de moral, me passando pelo pianista do João Gilberto. Mas o João Gilberto não tem pianista nem concorre no festival, segundo os dedos-duros às minhas costas, então me esgueiro até o bar ao lado e peço um café no copo para tomar com um pé na calçada. Minhas pálpebras custam a se reerguer cada vez que pisco os olhos, e estou no quarto copo de café quando o Lázar sai pela porta dos artistas. Tem um chilique quando o arrasto pelo paletó, já não faz ideia de quem eu seja, e sua xícara ainda repenica no pires quando lhe pergunto por um certo Henri, pianista francês de sobrenome Borgat, Beaugars, ou similar. Rebate o cafezinho com um conhaque de alcatrão, que bebe de um trago depois de dar um gole ao santo, e com um ar enfastiado tira da maleta uma agenda gorda encadernada em couro de tartaruga. Mas antes mesmo de abri-la bate com a mão na testa e mata a charada: professor Henri Beauregard, cliente excepcional, tem não só um mas dois pianos que manda afinar todo santo mês, um Érard de meia cauda e um Gaveau de cauda inteira. Isso dito, faz menção de recolher a agenda, tem mesmo a audácia de me negar o endereço do pianista, alegando que os dados de seus clientes são confidenciais. Torço o braço do velho, cuja maleta aberta despeja no chão imundo do bar um punhado de ferramentas e um diapasão. À beira de um choro e mais corcunda que nunca, ele me suplica de mãos juntas que tome cuidado com a já desmantelada agenda, que desfolho mais do que folheio na ânsia de encontrar a letra H. Mas é na B que encontro Beauregard Henri, rua Henrique Schaumann, 449, tel. 807246. Uso o telefone ali mesmo no balcão, que na hora do almoço está apinhado de gente em disputa por pratos feitos, bifes acebolados com arroz e feijão-mulatinho. E, mesmo no meio daquela balbúrdia, não tenho dúvida de quem é a dona da voz feminina que me atende:

— Alu?

— Anne?

— …

— Madame Beauregard?

— Oui?

Com sua reticência, Anne por certo tentava reconhecer a voz que a

chamava de modo tão informal, pois um desconhecido não a trataria assim de saída pelo primeiro nome. E penso que ela perdoaria o arroubo, se pelo timbre identificasse seu interlocutor como um filho de Sergio de Hollander. Quem sabe até julgou num primeiro momento ouvir o próprio Sergio a chamar por ela, ilusão desfeita assim que me corrigi com um tratamento protocolar e boa prosódia francesa. Mas se madame Beauregard soubesse de fato quem falava, também seria compreensível que se sentisse ultrajada com o assédio telefônico à casa dela, que há vinte e sete anos no país já teria procurado meu pai se assim o desejasse. E tremo de pensar que estive em vias de chamá-la Frau Borgart, o que a levaria a bater o fone na minha cara com razão. Imagino que a família Beauregard, a exemplo de tantas famílias judias, tenha cortado radicalmente os vínculos com seu país de origem. E o piano ao fundo, soturno, me faz supor que naquela casa o passado amoroso de Anne seja um tabu tão intocável quanto as atrocidades da guerra.

— Alu?

8

No endereço dos Beauregard encontro uma casa com janelas fechadas, sem sinal de vida. É uma construção modesta, quase colada a seus dois vizinhos, num renque de sobrados trigêmeos que só pelas cores se distinguem entre si. O deles é ocre com venezianas verdes de madeira, sendo central a janela do segundo andar, e a do rés do chão deslocada para a esquerda em simetria com a porta. Um piano como aquele do Theatro Municipal, por mais desmontável que fosse, nesta casa só entraria içado por cima da fachada, desde que desmontassem o telhado também. Numa segunda etapa desceria pela escada nos braços de nativos pouco afeitos a tal serviço, e ainda mais confusos com os gestos do casal em pânico, ele pelo piano e ela pelas paredes. Mesmo assim é difícil imaginar ali dentro um aposento capaz de comportar um piano de cauda, que dirá dois. Fosse eu o moleque intrépido de outros tempos, já teria pulado a mureta e arrombado a janela para tirar a teima, e não preciso forçar a imaginação para me ver entre paredes como que inchadas, por efeito de espelhos, relógios, gravuras, arandelas e demais penduricalhos da decoração. E talvez me surpreendessem dois pianos com folga na sala de estar, como às vezes nos surpreende um defunto caber num caixão que lhe é menor. Os pianos estariam dispostos ao comprido, e seguindo em frente eu poderia conhecer a profundidade da casa, que da rua não tenho ângulo para avaliar. Mas primeiro eu subiria a escada de dois em dois degraus, e o andar de cima se assemelhará a um vagão estreito e escuro, ao cabo do qual toparei com o quarto do meu irmão. Ou haverá ao longo do vagão uma sucessão de cubículos, qual cabines de trem, para abrigar uma fieira de irmãos bilaterais, pois nada me garante que os Beauregard não tenham procriado durante sua estada em Paris, ou mesmo no Brasil. Não duvido que tenham gerado crianças em quantidade suficiente para obliterar a existência do filho alemão, que ao contrário dos seus irmãos de leite não estudaria no liceu francês, não poderia chegar perto dos pianos, comeria na cozinha e talvez nem morasse mais ali. Mas

hoje, ciente de que qualquer passo em falso me será fatal, não me atrevo sequer a abrir um portão cambaio e sem tranca, para pôr um pé no pátio cimentado que separa a mureta da casa. Muito menos me arrisco a transpassar seus corredores laterais até o quintal nos fundos, onde as roupas arreganhadas no varal me revelariam o verso e o avesso daquela família. Quedo imóvel defronte da casa, e somente agora reparo num canteiro aos pés da mureta, onde vicejam os gerânios de Anne. Olho com graça seu regador de zinco virado no chão, quando um gato branco salta não sei de onde para o pátio, indo se deitar no capacho ao pé da porta. Então me viro e vejo um casal a despontar na esquina, ela de lenço na cabeça e ele com um paletó xadrez. Mais um pouco e noto que ele usa luvas de pelica cinza, como só um estrangeiro usaria no início da tarde em bairro simples de São Paulo. Ela vem com uma bolsa a tiracolo e uma cesta de palha, onde sobressaem folhas de alface que não a desmerecem. Nem ele perde a pose, com uma garrafa de cerveja em cada mão e um pão-bengala debaixo do braço esquerdo. Que ele seja careca pouco se me dá, pois nunca me ocupei da sua figura, nem uma mísera foto sua havia na enciclopédia alemã. O que me abala são os cabelos dela, que já posso discernir sob o lenço, completamente brancos. Anne, a que eu esperava, ainda ontem era no máximo balzaquiana, embora tenha no mínimo a idade da minha mãe, que entretanto envelhece sem dar na vista. E quando ela crava em mim seus olhos azuis, me convenço de que já vi o casal anos atrás, numa noitada no Zillertal, tempo em que esparsos fios brancos davam a seus cabelos um tom de loiro esmaecido. Por hoje eu iria apenas lhes dizer bonjour, ia quando muito me oferecer para carregar as compras, ia estender a mão para cumprimentá-los, não para pedir esmola. Eu aliás pagaria adiantado umas aulas, se o professor lidasse com principiantes, mas ele se põe a caminhar de cara amarrada meio passo adiante dela para escudá-la contra o meu olhar. Chegando ao portão ele a impele para dentro e me dá a impressão de lhe murmurar ordens severas com a boca fechada. Ela tira com pressa o chaveiro da bolsa e abre a porta para o marido, que ainda parece lhe soprar as ameaças mais terríveis, como por exemplo virar uma estátua de sal caso se permita olhar para trás. Mas antes de fechar a porta, Anne deixa entrar o gato e furtivamente me olha mais uma vez.

Procuro um posto mais reservado ao suspeitar que me espionam por entre as ripas da veneziana, que permanece fechada com luz por dentro. E, já sentado na mureta do vizinho, esfrego os olhos ao avistar um homem que atravessa a rua com passos incongruentes. Está bêbado, penso, é um alemão entupido de steinhäger, ou será apenas um vagabundo chutando uma ratazana, mas quando chega perto é um menino manco com um pé de sapato mais alto que o outro e uma pasta magra na mão, eu diria um jogo de partituras. Toca a campainha e empurra o portão, assim que da porta de casa Anne lança um boa-tarde que à distância me soa quase sem sotaque. Logo tem início uma peça de piano que à

distância também me soa razoavelmente bem, até emperrar num determinado ponto e recomeçar da capo umas tantas vezes. E, depois de uma pausa mais larga, eis que a música renasce e flui suave como nunca, sem dúvida por artes de Henri Beauregard e seu Gaveau de cauda inteira. Aos meus ouvidos leigos é quase música em estado líquido, sem marcas de dedos. Acho que é uma berceuse, e no embalo de variadas melodias tiro leves cochilos no decurso da tarde. Mais que aprendizes desastrados, silêncios me despertam, bem como me alvoroçam passos ainda longínquos na calçada, quase sempre de alunos que se substituem de hora em hora. Já é noite quando termina o entra e sai, e a música que agora emana da casa dos Beauregard parece entorpecer a vizinhança, o bairro de Pinheiros, a cidade inteira. Só eu me mantenho alerta, empertigado na banqueta do piano Érard em frente ao Gaveau do professor, que me encara e ergue as sobrancelhas. Compreendo que me convida a acompanhá-lo numa valsa de Schubert a quatro mãos, mas corro os olhos pelo teclado e não sei nem onde fica a nota dó. Ainda bem que Anne me abraça pelas costas e, vestindo feito luvas suas mãos nas minhas, me induz a copiar os dedilhados do marido. E igual a uma mãe que ensina a criança a nadar, sem aviso me solta, mantendo suas mãos por perto só para me dar confiança. E lá vou eu, após um começo hesitante, quando suscito dois ou três olhares enfezados do mestre por esbarrar em teclas adjacentes. Logo, logo executo delicados contrapontos para Henri Beauregard e fico besta de ver como saltitam meus dedos de longo a longo no piano. Tranço as mãos, jogo a canhota para o alto, varro o teclado com o dorso da destra, com os pedais prolongo e abafo os sons a meu bel-prazer, como a brincar com o acelerador e o breque de um carro recém-furtado. Já nem preciso olhar o instrumento, só tenho olhos para Anne, que me aponta no aparador um caderno de partituras com a efígie de Schubert na capa. Anne agora quer me ensinar a ler o que já sei tocar, o que em tese pode ser útil, como para um escritor aprender a ler seu livro enquanto o escreve. Ou senão exigirá que eu siga a partitura à risca, pois a esta altura me abandono a improvisações, crio novos caminhos para a valsa que a meu ver envaideceriam o próprio Franz Schubert. O caderno de partituras, porém, uma vez aberto se revela um álbum de retratos, cuja primeira página traz imagens em sépia do meu pai de braço com Anne, que engravida foto a foto nas ruas de Berlim, tendo por fundo a Biblioteca Nacional, o Museu Pergamon, o Portão de Brandemburgo. Já a página seguinte mostra fotos atuais em technicolor que só mamãe pode ter tirado, com meu pai no escritório a sorrir para a câmera ao lado do meu irmão brasileiro. Há também uma foto em preto e branco que Anne pode ter inserido na última hora para me agradar, onde apareço em criança agachado com uma bola de futebol, enquanto meu irmão se esparrama sobre o braço da poltrona na qual papai está sentado. A evidência de que Anne e meu pai nunca deixaram de se corresponder me deixa tão perplexo, que por pouco não perco o andamento da valsa. E Anne não se contém,

proclama que fora do horário de visitas Sergio a recebe clandestinamente no Museu do Ipiranga, do qual é diretor e tem todas as chaves. Fico alarmado porque ela desembucha em alemão e num tom mais agudo que o último agudo dos pianos, mas o marido continua a tocar de olhos fechados, enlevado com a própria música, ou fruindo meus floreios como se fossem seus. E tome páginas e páginas com poses dos amantes no salão nobre do museu, ou de mãos dadas num tílburi, ou abraçados numa cama com dossel. Acho até que entrevejo as branquíssimas nádegas de Anne, numa inusitada passagem de mi para ré menor, quando uma voz grosseira interrompe a minha exibição: o que é que você está fazendo aqui? É ele, enfim, meu irmão alemão ainda moço, muito alto, muito loiro e encantador com uma vasta cicatriz na face esquerda revigorada pelo queloide, semelhante a um caranguejo em alto-relevo: o que é que você está fazendo aqui? Sacode meus ombros com uma força desmedida que quase me derruba da banqueta, na verdade a mureta do vizinho de onde prontamente me levanto. E quem me agride é um moreno de gravata vermelha que empunha um soco-inglês: o que é que você está fazendo aqui? Tiro os óculos por instinto na iminência do murro, mas o que tilinta em suas mãos é um molho de chaves, porque ele é o dono da casa em cuja mureta ousei sentar a bunda. E só não me bateu por temor de um pedestre que nem é tão forte assim, um homem da minha estatura que acaba de passar e de quem só posso enxergar a nuca, ao repor meus óculos. Ainda o vejo de perfil num relance mal iluminado, quando abre o portão dos Beauregard sem tocar a campainha. Acho que tem um nariz grande, testa alta, óculos, carrega livros, tem a chave de casa e só pode ser ele. Há de ser meu irmão alemão.

Henri Beauregard encerrou seu recital logo que Sergio entrou em casa, e os dois estarão dividindo uma cerveja à espera dos quitutes de Anne. Penso em rodelas de batata, cebolas, penso num cordeiro assado, estou cheio de fome mas não arredo pé daqui enquanto tiver esperança de que meu irmão saia para a noite. Não vejo mal em abordá-lo sob um pretexto qualquer: por favor, sabe onde fica a rua Teodoro Sampaio?, obrigado, está indo para lá?, incomoda se eu for junto?, este bairro é muito simpático, você sempre morou aqui?, não diga, alemão?, nem parece, o seu português é melhor que o meu, mas se preferir podemos falar na sua língua, wie geht es dir?, danke, eu nunca, mas meu pai morou em Berlim, o nome dele é Sergio, não diga, você também?, Sergio é um nome tão raro na Alemanha, você vai para o centro?, então podemos pegar o mesmo ônibus, não estou sendo chato?, no caminho eu lhe conto um segredo de família, você guarda segredos?, deixa que eu pago, um dia ainda lhe mostro a carta que tenho no outro bolso, jura que não conta para ninguém?, Berlim, 21 de dezembro de 1931… Através da veneziana, é uma luz azulada que agora tremula, e em vez de Schubert me chega a voz dolente de um jovem a cantar: olá, como vai?, eu vou indo, e você, tudo bem? Os Beauregard não são exceção na rua,

também assistem ao festival de música popular na televisão. Mas não por muito tempo, porque logo a única luz visível na casa é amarela e vem das frestas da veneziana do casal no andar superior. No quarto dos fundos meu irmão pode estar se arrumando para alguma festa, embora já passe das onze. Se puxou ao nosso pai, na proximidade dos quarenta não estará mais a fim de namoricos, mas de mulher séria para casar e constituir família. Foi por essa idade que papai se mudou para São Paulo, aonde à mesma época chegava a minha mãe a reboque de uns parentes fugidos de Mussolini. É curioso que a guerra tenha trazido de tão longe para a mesma cidade as duas mulheres do meu pai, embora com perspectivas bem distintas. Os parentes comunistas da minha mãe tinham laços familiares com um certo conde Matarazzo, cujos herdeiros não lhes negariam emprego nas suas indústrias. Até minha mãe poderia eventualmente trabalhar num almoxarifado, digamos, onde demonstraria a mesma diligência com que hoje arranja os livros do meu pai, para quem em horas extras prepara tortas e bem ou mal deu um par de filhos. Já os Beauregard, além de terem em vista um futuro turvo, por tudo o que viram e viveram não se prestariam a pôr crianças no mundo alegremente. Dedicaram atenção exclusiva a Sergio, que com o tempo talvez até se entediasse por ser um bem-amado sem rival, o favorito num vazio, meu irmão sem mim. Nisso de alguma forma lembraria papai, cuja infância foi como uma quarentena, depois que seu irmão mais velho morreu de febre amarela. Mas ele pelo menos ensaiou uma independência no fim da juventude, e acho que nunca saberei se foi a saudade do país, da língua, dos pais, da casa, dos livros, ou uma forte premonição que o trouxe da Alemanha antes da hora. Ou talvez lhe tenha chegado um telegrama da mãe mais ou menos nos seguintes termos: *RECEBEMOS ESTUPEFACTOS NOTICIA AFFAIR AVENTUREIRA ALEMA PT EXIGIMOS IMMEDIATO REGRESSO PT ESTAH SUSPENSO DEPOSITO MENSAL CONTA CORRENTE DEUTSCHE BANK PT*. Faço votos de saúde e vida longa aos Beauregard, mas meu pai dificilmente sairia em definitivo da casa dos seus se uma meningite não tivesse vitimado meus dois avós de uma tacada. Hipocondríaco de longa data, mudou de ares na mesma semana, cavando um emprego público em São Paulo por intermédio de literatos influentes que, na ilusão de retribuições em forma de resenhas generosas, ainda indicariam seu nome para o suplemento cultural da Gazeta. Ou sabe lá se papai não veio atraído inconscientemente pelos volumosos seios de mamãe, legado da minha avó materna, a exuberante Donatella, que pagou por seus pecados na navalha do marido napolitano. Esse crime de honra me vem à mente no momento em que se apaga a luz do quarto do casal Beauregard, e sou tomado por um ciúme absurdo. Não sei por quê, me atormenta a ideia de que ele a toque e manipule sob os lençóis, depois de se despirem no escuro. E de nada me adianta apurar os ouvidos cá embaixo da janela, se for verdade que na cama os germânicos são bem mais discretos que nós latinos. Fico matutando se em tempos idos Anne não

descobriu com um Heinz silencioso prazeres que Sergio nunca lhe deu com estardalhaço. E como o ciúme é um túnel, que dá num túnel dentro de um túnel, já me pergunto se Anne não conheceu o pianista ainda na época em que saía com meu pai. E se meu pai pusesse em dúvida a fidelidade de Anne, quanto mais a paternidade da criança, estava por fim explicada sua partida intempestiva de Berlim. Ao dar à luz, Anne teria à cabeceira um Heinz Borgart mais complacente, ou otimista, pronto para perfilhar uma criança que já apostava ser deveras sua. Só me estranha que Heinz aprovasse um filho seu chamar-se Sergio, a não ser que homenagear o pretenso pai, depois de examinar a cara e o pinto do bebê, fosse uma fórmula genuinamente alemã de galhofa. Mas num ônibus noturno a caminho de casa, mais sereno, admito que me excedi em atribuir tamanha perfídia a Anne, que em sua carta a meu pai ressalta o tanto que o filho tem dele, promete até enviar uma foto do menino em breve. E já me faz rir meu ciúme de Heinz, aliás Henri, que, à beira dos setenta como meu fatigado pai, na cama com Anne deve lhe beijar a testa e olhe lá.

9

— Alu?

— Sra. Beauregard?

— Sim?

— Bom dia, aqui é o namorado da Minhoca.

— Minhoca? Que Minhoca?

Não me espanta que Anne se mostre arisca com estranhos, deve ser fastidioso cuidar da agenda do marido. Mesmo que esta não seja tão carregada, ela precisa dar a impressão de que o é, alegar que para este ano uma data está difícil, exigir pagamento em espécie, perguntar o nível do candidato, deixar claro que monsieur Beauregard não perde seu tempo com ensinamentos rudimentares. No entanto insisto em que o professor se lembrará da antiga aluna e, de modo a amolecer o coração de Anne, explico que a minha namorada só se afastou dos estudos em virtude de uma meningite. Hoje graças a Deus a Minhoca está curada e os doutores lhe recomendam que retome o quanto antes a vida normal, a faculdade de filosofia, o piano, a natação. O mais doloroso na doença ainda é o estigma, basta ver como vizinhos menos esclarecidos e até mesmo colegas universitários viram a cara ao encontrá-la. Na piscina do Club Athletico Paulistano, até outro dia os sócios debandavam nem bem ela aparecia de maiô. Que horror, diz Anne, que horror, e na palavra horror, talvez muito arraigada, o acento estrangeiro se manifesta com peso. Anne agora já admite a possibilidade de um horário na próxima semana, mas a espera para mim seria angustiante. Pergunto se não haveria mesmo uma brecha ainda hoje, pois gostaria de fazer uma surpresa à minha namorada em seu aniversário, mas Anne fecha questão, hoje é absolutamente impossível. Então suspiro e confesso que já previa a negativa, tanto assim que marquei para a Minhoca uma entrevista com nova professora. É quando Anne se ouriça, quer saber quem é a cuja, indaga com desdém o nome de sete ou oito pianistas brasileiras. Então me dá na veneta

inventar uma musicista recém-chegada de Leningrado, e do nada me vem o nome Nastasya Filippovna. Receio ter passado do ponto em vista do silêncio de Anne, que parece consultar o marido à porta do banheiro, pois em seguida ouço um som de descarga. Mas na volta ela assente em abrir para a Minhoca um horário suplementar logo mais às oito da noite. Ainda me dou ao luxo de perguntar se àquelas horas o velho mestre não estaria cansado. Advirto ademais que será necessária alguma paciência com a Minhoca, porque a meningite deixa sequelas.

Antes de ser punido a golpes de tamanco, eu jurava que mamãe esquecia a bolsa aberta de propósito, com a carteira à mostra, para que de quando em quando eu me servisse de cinco ou dez cruzeiros. Nunca me preocupei em disfarçar o furto, se eu sentisse alguma culpa não largaria sua carteira mal fechada por ali, às vezes fora da bolsa. E no mesmo balcão da sorveteria onde meu irmão tomava seus milk-shakes, eu me fartava de sundaes e bananas split sem medo de ser denunciado em casa. Eu achava natural que mamãe contrabalançasse por baixo do pano as regalias que meu pai dava ostensivamente ao primogênito. Daí que me senti traído quando ela ralhou comigo, armadilha de mãe é a coisa mais atroz. As tamancadas não resultaram em maiores hematomas, mas as palavras dela me magoaram por um bom tempo: ladro!, ladrone!, rattone! Peguei ojeriza a bolsa de mulher, ainda mais depois do dia em que a Maria Helena largou a sua no meu colo e me pediu um drops de hortelã, com os olhos vidrados na tela. Mas o filme era escuro, e pelo tato eu encontrava canetas, chaves, estojo, batom, modess, tudo menos o tal do drops. O que mais havia eram umas bolotas de papel, e ninguém me tira da cabeça que desde o início a Maria Helena desejava que eu as abrisse. Quando a tela se iluminou com um close da Monica Vitti, li por fim a coleção de torpedos no verso de pules de jogo do bicho: larga esse babaca gostosa!, ainda vou te fuder tezão!, linda busseta!, e como se não bastasse o mau português, a letra tosca do meu irmão era inconfundível. Passaram-se os anos, eu já tinha superado esses traumas, e vem agora uma bolsa de couro cru me provocar. Pertence a uma gaúcha aluna minha, que no fim da aula entrou no banheiro com uma colega. Dou meu telefonema para Anne Beauregard na secretaria, fumo meio cigarro, olho em volta e entro também no banheiro feminino. Ali encontro o que esperava, cochichos e risotas dentro do sanitário e ar impregnado de maconha. Meus propósitos eram honestos, eu pretendia negociar com elas de cara limpa, estava disposto a gastar metade do meu salário no material. Mas a bolsa da gaúcha, devassada em cima da pia, exibe uma trouxa de papel de jornal do tamanho de uma laranja que não faz mistério do seu conteúdo. A maconha não poderia se me oferecer de modo mais explícito, pois na folha amarrotada da Gazeta estão legíveis o título de uma coluna, Boas Novas de Macondo, e o nome de seu autor, Sergio de Hollander. Já vou botar a mão no bagulho, quando ao seu lado me

chama a atenção uma carteira entreaberta, bem à feição da carteira da minha mãe. Só que em lugar de notas de dinheiro com a cor desmaiada que costumam ter, cintila ali dentro uma cartela com a imagem de um palhaço vermelho, azul e amarelo, que a princípio tomo por um curinga de baralho infantil. Mas olhando melhor, o palhaço é um mosaico de selos pequeninos, umas pastilhas que eu só conhecia de forma avulsa. Por serendipidade, eu novamente deparava com uma prenda ainda mais preciosa que a cobiçada, além de mais portátil. Conto por alto vinte e quatro selos de ácido, antes de guardar a cartela dentro da antologia do Fernando Pessoa, que na sala de aula nunca me foi tão útil. Deixo o banheiro a tempo de não tropeçar numa faxineira que vinha entrando, embrulho o livro no pulôver para protegê-lo da chuva e chego resfolegante ao pensionato da Minhoca. Toco a campainha várias vezes até que uma noviça abre uma nesga da porta e veda com rispidez minha entrada, pois a casa é restrita a moças de família. Sentado na soleira da portaria, sob o umbral que mal me poupa da chuva recrudescente, espero uma, duas, três horas, eu não acreditava mesmo que a Minhoca acordasse antes do meio-dia. De resto ela nem poderia sair de casa, porque a rua alagou com o temporal, choveu granizo no fim da manhã. O asfalto ainda está molhado, mas já bate um solzinho quando a Minhoca aparece vestindo um jeans tão velho quanto o meu, só que frouxo, desenxabido, dando por falta do corpo antigo. Passa indiferente por mim e se demora um minuto na calçada com a flauta apontada para o alto, para um arco-íris. Decide sair pela direita sempre olhando o céu, como a se guiar pelo arco-íris, e a retenho a um passo de dobrarmos a esquina. A transversal está bloqueada por dois camburões e uma penca de policiais com armas pesadas, que interpelam os passantes e obrigam os motoristas a dar marcha a ré. Tento puxá-la pelo braço, mas a Minhoca se desvencilha e teima em seguir justamente por aquela rua. Ela parece mesmo se empenhar em ser detida na barreira, onde um sargento inspeciona sua flauta, depois a apalpa nos sovacos, nos seios e nos flancos, me deixando sem respiro enquanto se demora nas suas partes íntimas. Ao ser liberada, a Minhoca desaparece tocando flauta além dos camburões, e se eu quiser alcançá-la terei de contornar mais que depressa o quarteirão, mesmo porque os policiais vêm subindo a rua onde sou o último civil à vista. Aperto o passo na rua do pensionato igualmente deserta e tenho a impressão de que a patrulha já dobra a esquina atrás de mim, muito embora não me conste que Fernando Pessoa seja um autor perigoso. Mas um novo pelotão começa a montar guarda na esquina seguinte, e só me falta surgirem cães farejadores de última geração, viciados em substâncias lisérgicas. O jeito seria buscar asilo no pensionato, mas ante as minhas orações a noviça não somente me nega entrada como ameaça telefonar para uma delegacia de ordem pública. Encolhido na sombra da portaria, feito um mendigo adormecido na soleira, por enquanto não sou incomodado, e depois de um tempo convenho que não haveriam de mobilizar o Exército nacional para

prender um merda como eu, com migalhas de entorpecente dentro de um livro de poesia. Mas por via das dúvidas guardo meu posto, tão cedo não me arriscaria naquela rua tão silenciosa, pacata demais. Escuto até os passarinhos do colégio ali perto, quando guincham pneus na esquina e vejo entrar na rua um camburão que breca de repente. E arranca num zás-trás, deixando um homem acocorado no meio da rua, um rapaz de cabelos pretos mais ou menos da minha idade. Com o corpo teso e as duas mãos no chão, como um corredor na linha de partida, o rapaz olha para um lado e para o outro, olha para o céu sem arco-íris. E ao primeiro tiro larga a mil em direção à rua de onde veio, talvez no intuito de voltar para a casa dos amigos, da namorada, da mãe. Antes da esquina estaca, rodopia, corre de volta para cá, e é quando a fuzilaria se intensifica. Eu não gostaria de ver sua cara, e de fato não vejo porque explode, a cabeça dele explode antes que eu possa fechar os olhos. Quando os reabro vejo o rapaz que ainda foge, mas sem a cabeça, é um corpo sem cabeça que corre uns dez metros, botando sangue pelo pescoço, pela barriga e pelo cu, quando tomba não muito longe do pensionato. Logo depois vem o segundo camburão, que pelo menos tem a misericórdia de não esmagar o corpo, antes de o recolher pela porta traseira e partir. Apesar do calor, visto o pulôver e ainda assim me estremeço inteiro, olhando o vermelhão do sangue apenas diluído nas poças d'água. Tocam sirenes, tocam os sinos de uma igreja, e a rua aos poucos recupera o movimento, os automóveis, os pedestres com suas sacolas, as babás com carrinhos de bebês, um moleque com a camisa da Seleção e uma bola debaixo do braço. Só eu não consigo me mexer, embora necessite falar com a Minhoca, que não sei por onde anda a estas horas. Pergunto as horas a uma senhora que passa com sua sombrinha, porque meu relógio parou ao meio-dia e meia, mas ela me olha com repugnância. Num reflexo levo as mãos à cabeça e não a encontro, mas deve ser porque as mãos estão dormentes. Minhas pernas fletidas no chão parecem não ter ossos, o livro não pesa mais que as moscas no meu colo, meu corpo inteiro está insensível do pescoço para baixo, como se eu tivesse levado um tiro na espinha. Mas ainda que esteja aleijado para sempre, considero uma dádiva ter olhos de ver o céu azul, os fiapos de nuvem, o balanço das saias plissadas das meninas do Colégio Des Oiseaux. A vida se renova aos meus ouvidos pelo fru-fru das saias e pelo canto de um bem-te-vi, que não é bem-te-vi, é uma flauta, é uma flauta doce que toca Hello, Goodbye. E salto sobre a Minhoca como se a amasse muito, como jamais amarei mulher alguma. Beijo-a num lábio, na flauta, nos dentes, na bochecha, na orelha, nos cabelos, digo-lhe um chorrilho de palavras que nem eu entendo. Melhor assim, porque se eu lhe falasse do que ia pelo meu pensamento, ela diria que estou perturbado, que amarrei um bode preto e que já deu no saco. A Minhoca deve ter razão, e durante meu abraço vejo como as manchas de sangue no asfalto se apagam com a borracha dos pneus de Volkswagens, Fords Galaxie e Simcas Chambord. E mesmo quando meu

arrebatamento começa a esfriar, a Minhoca continua pendurada nos meus ombros, com unhas que penetram as malhas do meu pulôver, talvez porque neste momento também me ame sobre todas as coisas. Ou talvez porque pressinta o presente que tenho para lhe dar.

À mesa da sala de jantar, recito para a Minhoca: *A flor que és, não a que dás, eu quero./ Porque me negas o que te não peço?/ Tão curto tempo é a mais longa vida,/ E a juventude nela!* Gostou? Acho que não entendi. Então leia você mesma. Ao ver a cartela com o palhaço psicodélico ao pé do poema, a Minhoca arregala os olhos e suas pupilas se dilatam por antecipação. Até mamãe acha o palhaço engraçadinho, quando entra com os dois pratos de canelones requentados. Mas ver o molho de tomate me nauseia, e arranco o livro das mãos da Minhoca ao me levantar: agora não, mais tarde. Deixo-a com seus canelones e subo para tomar um banho, preciso estar apresentável para a visita aos Beauregard. Com os cabelos molhados momentaneamente lisos, penteio-os feito um turbante. Cato numa prateleira debaixo da pia, atrás dos romancistas africanos, a touca de meia de náilon que amoldo na cabeça com movimentos giratórios. Envolto na toalha, com o jeans numa das mãos e o Fernando Pessoa na outra, chego ao quarto onde dou com a Minhoca em pelo na minha cama. Está deitada de lado, com uma sensualidade algo afetada que se desmancha diante da minha aparência. Aponta a touca na minha cabeça e se acaba de rir, num sinal de que alguma guimba escapou da revista policial. Eu não me importaria se ela risse de mim até o anoitecer, porque não estou com muita disposição para o sexo. Porém não posso refugar, agora que ela me chama com olhos melosos, e ao me deitar procuro relembrá-la a subir a escada com meu irmão, quase lhe peço que me chame pelo nome dele. A Minhoca se contorce inteira debaixo de mim, e é com os pés sobre os meus ombros que ela vem, e vem de verdade, vem chorando, vem me arranhando e vem muito depressa. Não me iludo tanto assim com meus talentos na cama, é a expectativa de sensações outras e mais altas que a deixa assim acelerada. Ainda estou deitado exânime em cima dela, e a Minhoca já me pede para reler aquele poema do palhaço. Mais tarde, repito, e ela desconfia que não vai ver a cor de um selinho de ácido antes de se submeter a toda sorte de sexo selvagem. É a cartela inteira que vou lhe dar, meu amor, mas agora não, mais tarde. Visto a camisa social e o terno marrom que foi do meu irmão, e que mamãe encurtou para a minha formatura. Tiro a touca e balanço os cabelos já secos e escorridos, ficando meio parecido com o Ringo Starr de óculos, não acha? A Minhoca acha que sim, mas mal repara na minha cabeleira, só faz perguntar de minuto em minuto se agora já é mais tarde. Mais tarde é só depois da aula de piano, baby. Aula de piano? Hoje você tem aula com o professor Henri Beauregard. Aquele velho careta? Ele mesmo, honey. Vou não. Vai sim.

Carminha, então era você? Anne beija a Minhoca, deseja-lhe feliz aniversário, e a cortesia com que me acolhe sugere que estou irreconhecível de paletó, gravata e franja. Da sua banqueta, prensado entre o piano e a janela, Beauregard manda boas-vindas à Minhoca com um forte acento francês, pois de alemão já não parece mesmo haver resquícios naquele lar. Em bom francês dirige-se à mulher: esse tipo aí, ele não é o mesmo que rondava a casa ontem à tarde? E ela: sim, Henri, mas esse jovem, a meu aviso ele é inofensivo. À primeira vista não é fácil entender a planta daquela sala, toda ocupada pelos dois pianos que acompanham as reentrâncias e sinuosidades das paredes. Tem-se a impressão de que Beauregard e seus pianos já estavam ali antes das paredes, erguidas com justeza não por um engenheiro, mas por um alfaiate. Só resta espaço ao pé da escada para uma saleta com um móvel de televisão, quatro cadeiras em torno de uma mesa acanhada e um sofá de dois lugares onde Anne me instala. Depois ela se enfia entre os pianos e a parede, esbarra de leve nuns quadros com paisagens campestres e sai de cena por uma porta no fundo da sala. Enquanto isso a Minhoca, que já vinha de mau humor, coça a bunda ao ouvir uma advertência do professor por não ter trazido seu caderno. Revolve uma pilha de partituras no chão, escolhe a sua, e em vez de repetir o trajeto de Anne, vai de gatinhas por baixo dos pianos diretamente à sua banqueta. Parece inibida pelo professor, pois custa a engrenar a música, que toca que nem criança com dois dedos de cada mão. E observando a silhueta de Henri Beauregard, pergunto-me o que irá pela cabeça de um homem que antes dos trinta foi parceiro de Kurt Weill, lecionou no Conservatório de Colônia, dava recitais na Universidade de Heidelberg, para terminar a carreira em São Paulo, aturando uma garota mal-educada que toca piano com quatro dedos. Dá para entender que esteja irritadiço, e logo agora que a Minhoca começa a mostrar certa desenvoltura, ele a reprime marcando o compasso com tapas no piano: mais lento, Carmen!, andante, Carmen!, stop, Carmen!, stop! Quando o professor se põe a interpretar o mesmo tema de olhos fechados, levanto-me na surdina, contorno os pianos de raspão e abro a porta de Anne para lhe pedir um copo d’água. Lívida, ela recua dois passos com uma faca e uma cebola nas mãos, e o gato em cima de um tamborete dobra de tamanho com os pelos brancos eriçados. Já num francês caprichado, digo merci a Anne por me ter considerado um tipo inofensivo, e num átimo seu rosto enrubesce por inteiro: estou desolada, monsieur, não imaginávamos que o senhor falasse tão bem a nossa língua. Não se inquiete, madame Beauregard, fiquei tocado pela sua deferência à Minhoca e pela generosidade do seu marido, que ainda está a me regalar com esta valsa de Schubert. A isso Anne reage quase com indignação, porque a música em questão não é valsa nem é Schubert, é o Clair de Lune de Debussy. Perdão, madame, como a senhora pode ver meu forte não é a música, mas a literatura. Mostro meu livro a uma distância prudente, com receio de que Anne o queira manusear, mas ela me serve um copo com água da torneira e não

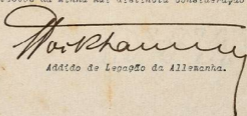
parece interessada em Fernando Pessoa. Corta a cebola em rodelas com golpes secos, e eu ainda enumerava os heterônimos do poeta quando ela diz que seu filho também tem essa mania de livros, malgrado não serem ela nem Henri grandes leitores. C'est la vie, diz, meneando a cabeça, e despeja a cebola na frigideira ao mesmo tempo que me despede gentilmente da cozinha: foi um prazer conhecê-lo, monsieur… monsieur… Faço uma pausa à espera do seu olhar: Hollander, monsieur Francisco de Hollander. Anne me encara boquiaberta, examina meus olhos cinzentos, meu cocuruto, a queixada inconfundível do meu pai, depois desvia a vista, põe o espinafre para escorrer, começa a picá-lo miudinho e murmura que há muitos anos teve um amigo com esse nome, Hollander. A revelação é interrompida pela Minhoca, que martela os graves do piano e bate sua tampa com estrondo. Orra, velho pentelho!, é o que ela grita ao entrar na cozinha. Vem decidida a me tomar o livro à força, mas susta o ataque ao topar com o gato: Piaf, meu amor, minha amiguinha predileta! Agachada, deixa-se estar olhos nos olhos com Piaf, que levanta o rabo e as orelhas, enquanto Beauregard reprisa ao piano a melodia da noite anterior. Mas a senhora falou de um amigo Hollander? Quem sabe não o conheço, tenho parentes que moraram em Berlim no entreguerras. Anne abre o forno, fecha o forno, abana o rosto, refoga o espinafre, tenta remediar a inconfidência com digressões atropeladas. Alega que nunca esteve em Berlim nem tem grande afeição por alemães, até porque sua família materna vem da Alsácia, que em tempos foi anexada pela Prússia, a exemplo da Lorena, que ela conhece por ter cursado quando moça a escola de teatro de Nancy, onde foi colega de Hollander, Ismael Hollander, um promissor comediante que mais tarde seria deportado para um campo de concentração. Agora Anne quase queima os dedos ao remanejar no forno a travessa com costeletas de porco, e me pede mil perdões pelas gafes trás gafes desta noite, como a de aludir a Auschwitz na minha presença. Tenho grande respeito pela saga do seu povo, diz Anne, a quem tranquilizo mais uma vez porque não sou judeu. Ah, bom?, então me desculpe duplamente, mas Hollander na Europa é tido como um nome israelita. Bem, não sei, lá em casa nunca se falou disso, nós brasileiros somos uma gente muito misturada. De qualquer modo meu pai, Sergio de Hollander, testemunhou a escalada do nazismo na Alemanha e que eu saiba não sofreu constrangimentos. Teve até relações amorosas com uma jovem chamada Anne Ernst, de excelente família germânica. Mesmo vendo-a pelas costas, tenho certeza de que Anne sorri lisonjeada, e é quando o professor encerra seu número numa evidente senha para que a mulher se apresse: amei nosso entretém, monsieur, só lamento não poder convidá-los para o jantar. Você também é sempre bem-vinda, Carminha, nem que seja para prosseguir seu tête-à-tête com Piaf. Vou acompanhá-los, diz, lavando as mãos na pia, e ao enxugá-las num pano de prato dá um suspiro curto e um saltito juvenil: um momento, monsieur Hollander. Tira da geladeira um rocambole cheirando a

maçã e separa uma fatia num prato de sobremesa: o senhor disse que seu pai morou na Alemanha? Entrega-me o pratinho coberto com um papel de pão: é uma receita da minha avó alsaciana, ele vai gostar. Sigo-a roçando a parede da sala, enquanto a Minhoca engatinha com Piaf por baixo do piano e Henri Beauregard se refugia no banheiro no vão da escada. Pretendo saldar a conta, mas Anne se recusa a cobrar por quinze minutos de aula. Insisto, bato pé, ou não terei coragem de pedir uma nova chance em nome da Minhoca. Chego a tirar dinheiro do bolso, mas ela se faz de ofendida. Ainda procuro protelar o adeus, volto para endireitar uns quadros na parede, aliso o piano do professor Beauregard, e estou tecendo elogios ao seu design art déco quando escuto o ruído da chave na fechadura, vejo a maçaneta girar sozinha. Paralisado defronte da porta por onde entrará meu irmão alemão, repasso na memória as ideias mais fantasiosas que fiz dele, desde que soube da sua existência. Recordo quantas vezes sonhei com ele, a cada sonho com uma cara diferente, caras que se transfiguravam no aquário do sonho, seres que desvaneciam com a luz da manhã, durante os anos em que ansiei por este encontro. E agora já não quero que a porta se abra, por mim aquela maçaneta poderia girar perpetuamente em falso. Prefiro continuar a ver meu irmão em sonhos, com sua cara ainda sem acabamento. Penso que vê-lo assim à queima-roupa, com excessiva nitidez, será como ver escancarada na tela de cinema a personagem de um romance que eu vinha adivinhando fio a fio, no tempo da leitura. Será como um jato de farol na personagem de um romance que eu lia à luz de vela, porque suas feições se aperfeiçoavam ao passo que se indefiniam. Se pudesse, eu pediria ao meu irmão que me esperasse lá fora, para ser de novo o vulto noturno que entrevi em trânsito. Mas a porta range, a maçaneta desfaz seu giro, e o que tenho diante de mim não pode ser meu irmão alemão. É um homem da minha idade, com a pele branca meio escamada, o nariz adunco de Henri e uma calvície precoce a caminho. É sinceramente um tipo banal, desses que a memória não imprime, que não frequentam sonhos. Eis meu filho Christian, diz Anne em francês, e este cavalheiro aqui, ele é monsieur Hollander, namorado da nossa querida Carminha. Christian cumprimenta-nos com a cabeça, porque está sobrecarregado de livros, e se escafede escada acima saltando degraus. Anne abre a porta da rua, a Minhoca me puxa pela manga do paletó, e já do lado de fora pergunto de supetão: e o outro, madame? O outro? O seu outro filho, madame. Ouço um som de descarga, e mesmo na contraluz percebo como Anne enrubesce antes de responder: não temos outro filho, monsieur Hollander. Bate a porta, e estou no portão quando ela torna a abri-la: psiu. É para Piaf, que vinha atrás da Minhoca e volta correndo para dentro.

De pé num ônibus lotado, agarro-me ao pratinho depois de ver a Minhoca sumir na noite com meu Fernando Pessoa. Mas vou com aquela velha sensação de ter esquecido alguma coisa, minhas mãos sempre dão por falta de alguma

coisa que não sei o que é. Talvez me tenha faltado insistir em apertar a mão de Christian, com quem afinal tenho ou tive um meio-irmão em comum. Por seu intermédio não me deve ser difícil saber de Sergio, se fugiu de casa, se mudou de nome, se deu desgosto à família, se cumpre pena num presídio, ou se, como temo, não existe mais. Neste caso extremo, posso imaginar Christian com o coração na boca a me falar do irmão mais velho, não tanto por causa de um amor fraterno, mas pelo assombro de quem se viu tão perto de uma fatalidade, um raio que lhe caiu ao lado. Mas também pode ser que ele nunca tenha ouvido falar de Sergio, que se calhar morreu ainda criança, deixando nos pais uma espécie de remorso branco. Uma culpa inexpiável que teria levado os Beauregard a cobrir o menino com um silêncio tão espesso quanto aquele que ninguém quebra lá em casa. Porém, disponho de outros silêncios para negociar com Anne em minhas próximas visitas. A mim parece claro que ela deseja que eu volte, do contrário me teria dado o doce num prato de papelão, e não de porcelana de Limoges. Agora que me conheceu, ela seguramente vai querer saber o que é feito do meu pai, mas não vou saciar sua curiosidade assim de mão beijada. Mencionarei apenas en passant suas viagens ao redor do mundo, seu casamento em Teerã, seu comércio de sedas, seus cavalos de raça, sua perna amputada. Da minha mãe descreverei as roupas furta-cor, o sorriso enigmático e um ou outro episódio mais picante que terei de interromper ao me lembrar de um compromisso. No dia seguinte Anne já estará à minha espera no portão, fingindo pentear a gata, mas aí terei esquecido o assunto dos amantes de mamãe e passarei horas na cozinha a falar do meu irmão encanador, sua tez escura, seus olhos amendoados, seu temperamento muçulmano. Até que num fim de tarde, de costas para mim, Anne me segredará sua paixão por outro homem antes de Henri. Cortando cebolas, ao som de um piano lúgubre, vai me falar das melhores noites de sua vida em Berlim, na companhia de um forasteiro que a levava para dançar o charleston, um tratante que lhe deixou um filho na barriga e um gosto ruim na boca ao partir para a América do Sul. Meu pai, entretanto, para todos os efeitos será não mais que um desconhecido a quem ela manda doces, tão naturalmente como serve carne de porco ao marido judeu. Judeus renegados como Heinz Borgart há por toda parte, e para tanto não lhes devem faltar motivos. Nos tempos da Inquisição, sabe-se que judeus convertidos chegavam a imputar o judaísmo a legítimas famílias cristãs, no empenho de desviar a atenção de suas próprias origens. Mas se Anne me assevera que os Hollander são judeus, não vou devolver na mesma moeda, nem correr atrás de árvore genealógica para contestá-la. Mesmo porque ela poderá retrucar que o constatou em suas intimidades com meu pai, e tampouco serei eu a conferir se o velho é circuncidado. Também é possível que papai lhe tenha confiado tal segredo como justificativa, ou subterfúgio, para recusar seu sobrenome ao filho. E não é culpa dele se Anne, imprevidente, pôs logo outro judeu em seu lugar. Talvez ela tenha

mesmo uma queda por semitas, contanto que pouco ortodoxos como Henri, ou tão dissimulados quanto o meu pai, que devora linguiças calabresas com polenta nas tardes de domingo. E em noites de spaghetti alla carbonara, como hoje é o caso, se chego atrasado para o jantar não encontro na tigela mais que uns poucos fios de pasta asciutta embebidos em ovos, porque dos cubos de toucinho ele já deu cabo. Menos mau que sobrou bastante pão para raspar a tigela, e nem bem me sento, o glutão já fareja o pratinho de sobremesa que eu ia lhe dar na hora do café: o que é isso aí, hein? Empurro-lhe o prato com displicência, e ao remover o papel que cobria o doce, papai só falta babar: apfelstrudel! Uma amiga lhe mandou, digo, sem notar que mamãe entrava com uma torta de abacaxi: che amica?, chi l'ha mandato? Papai dá uma garfada no apfelstrudel, fecha os olhos ao mastigá-lo e põe-se a balbuciar como que alguma prece, alheio aos mimos da minha mãe: tem torta de ananás, Sergio, com massa fininha. Os olhos do meu pai se umedecem, e é em alemão que ele recita agora: *Nas estantes os livros se esfumam/ Com todos os seus ouros e castanhos;/ E tu pensas em países percorridos,/ Em quadros, nas vestes/ De mulheres que perdeste*. Fala português!, Sergio, fala português!, mamãe suplica. Olhando-a como a uma empregada nova na casa, papai lhe ordena que busque na geladeira uma garrafa de Liebfraumilch, um vinho do Reno que ele só aprecia por causa do nome. E bebe a garrafa inteira, e recita todos os sonetos de Rilke, e canta a valsa do filme O Anjo Azul, e tarde da noite ainda escuto sua voz de barítono no quarto, entoando aquela cantiga de ninar que diz guten Abend, gute Nacht: boa tarde, boa noite.

DEUTSCHE GESANDTSCHAFT
LEGAÇÃO DA ALLEMANHA
SECÇÃO CONSULAR.

J.Nr. 771 III/31.

Rio de Janeiro, den 21.September 1932.

Illmo. Senhor,

Accusando a recepção da sua carta de 31 de Agosto dirigida ao Bezirksamt Tiergarten, que encaminhei ao referido Bezirksamt, agradeço-lhe sinceramente o seu empenho em favor da creança.

Com os protestos da minha mui distincta consideração

Addido de Legação da Allemanha.

Illmo. Senhor

Sergio de Hollander,
Rua Maria Angelica 39,
Rio de Janeiro.

Livro gasto intitulado Il Martirio di San Gennaro, foto de mulher de seios fartos em antigo traje de banho, foto da mesma mulher vestida de melindrosa com minha mãe em roupinha de marinheiro e, dentro de um envelope pardo, um bilhete da legação alemã ao meu pai, datado de 21 de setembro de 1932, um recibo de cento e cinquenta mil-réis da mesma legação em nome do meu pai, datado de 3 de abril de 1933, e uma cópia em carbono de carta datilografada, sem assinatura, cujo texto assim traduzo do alemão:

Rio de Janeiro, 31.8.32

Subprefeitura de Tiergarten
Secretaria da Infância e da Juventude, Tutela Pública
Berlim
A.C. Legação da Alemanha

Senhores

Tomei conhecimento de sua carta de 27.5.1932, por intermédio da legação da Alemanha no Rio, pela qual sou informado que meu filho Sergio, filho de Anne Ernst, nascido em Berlim em 21 de dezembro de 1930, é mantido às expensas do Estado.

Para resolver essa situação, que só posso lamentar e para a qual eu gostaria de encontrar uma solução compatível com minhas condições econômicas, permito-me apresentar-lhes, com o consentimento da Legação, duas propostas concernentes ao futuro do meu filho.

A primeira dessas propostas — a preferível a meu ver — seria fazer vir a criança ao Rio, onde ela moraria com a minha família. No caso em que essa proposta seja aceita pela srta. Ernst, os custos correrão evidentemente por minha conta.

No caso em que a mesma proposta seja inaceitável e que a criança deva permanecer na Alemanha, enviarei a contribuição mensal de 150 mil-réis, a única que me seria possível enviar no momento.

Na esperança de que os senhores considerem minhas propostas com benevolência, subscrevo, muito respeitosamente,

Que Anne quisesse se livrar de um fardo desonroso, ou que compactuasse com a mesquinhez de um marido, ou que de pura birra tenha impedido que uma criança de ano e pouco ganhasse uma família no Brasil, nada se compara ao seu desplante de mandar por mim um doce para o meu pai. Seria mais desculpável

se, rancorosa até hoje contra o amante fujão, ela lhe mandasse um apfelstrudel envenenado, como vingança em prato frio. Mas ao guardar de volta os documentos, esbarro no fundo do envelope pardo com uma foto pouco maior que uma carta de baralho, trazendo no verso os nomes Sergio e Anne Ernst com a caligrafia da minha mãe. Detenho-me em Sergio, uma criança de cinco ou seis meses, idade em que somente as mães sabem dizer com convicção a quem o bebê puxou. Para mim é um bebê igual a qualquer bebê, exceto por uns olhos assustados, olhando para o alto. Já a Anne que sorri para o filho, mesmo levando em conta a distância de quarenta anos, não é a Anne que conheço. Com um rosto quadrado, nariz agudo, certo ar de camponesa, a mulher da foto está menos para madame Beauregard que para minha própria mãe, é como um primeiro esboço da minha mãe que meu pai tivesse posto de lado. Minha mãe que neste momento se anuncia lá embaixo, recém-chegada da missa: Sergio, ti preparo un caffè. Trato de reordenar os papéis como os encontrei, grosso modo, para que ela não se sinta obrigada a me passar uma descompostura. Mas deixo a gaveta dois dedos mais aberta do que estava, para que mamãe não tenha dúvida de que a andei bisbilhotando, como acredito que era sua intenção. E mesmo que não fosse, ela já não terá como reclamar a foto de Sergio e Anne Ernst que levo comigo: foto de quem? Estou convicto de que em sua noite insone, enquanto meu pai cantava um acalanto aos brados, mamãe juntou as pistas que tenho largado aqui e ali do meu interesse obstinado pela história de Sergio Ernst. E por mais que o tema lhe seja incômodo, na sua cabeça é esse o único caminho possível de me aproximar do meu pai. Para ela, a ouvir meus desastrados palpites literários, papai há de sempre preferir que meu irmão o distraia com as historietas da Luluzinha ou as últimas notícias da Brigitte Bardot. Em contrapartida, poderei ganhar sua atenção, seu crédito, seu mais íntimo reconhecimento, caso tenha êxito no rastreio de um menino de identidade incerta, porventura sobrevivente aos anos de terror, numa cidade bombardeada e partida ao meio. Pois ainda que meu pai aprenda todas as línguas e devore todas as bibliotecas do mundo, talvez seja incapaz de concluir a grande obra da sua vida enquanto não suprir essa pequena ignorância dentro dele. Esta manhã, portanto, mamãe me chamou ao seu quarto com o pretexto de lhe alcançar na última prateleira as Confissões de Santo Agostinho. Pediu-me que tirasse os sapatos, a fim de subir em sua mesinha de cabeceira, e foi quando pela primeira vez vi semiaberta a gaveta dos seus segredos. Ela ainda me comunicou que iria à igreja, como se eu desconhecesse sua rotina dominical, e foi-se embora esquecendo o Santo Agostinho na cama.

Com novos dados na mão, eu pretendia refletir nos meus próximos lances, mas mamãe precipitou o jogo ao me impingir o pratinho de porcelana com uma fatia da torta de abacaxi. Exigiu que eu o entregasse antes do almoço à minha amiga alemã, com os agradecimentos em seu nome. Ela temia que com o tempo o doce perdesse o viço, mas o que levo grudada no prato é uma massa de aspecto

marmóreo, coberta com meia rodela de abacaxi cor de ferrugem. Dou-me o trabalho de ir ao bairro de Santa Cecília, onde há uma doçaria portuguesa aberta aos domingos, e substituo a torta por meia dúzia de papos de anjo. Faz um dia mormacento, de céu carregado, e do portão dos Beauregard creio surpreender um acesso de fúria de Henri, por trás das janelas sempre fechadas. Mas quando madame Beauregard abre a porta, antes mesmo que eu toque a campainha, o berreiro do marido não passa de uma chamada interurbana em alemão: vou lhe remeter as partituras de Ravel pelo correio rápido, com recomendações ao maestro Köllreuter! Ao me ver ali plantado, madame por pouco não volta a se fechar em casa. Deve ter notado na hora a triste impressão que me causa, e não por estar em robe de chambre e sem pintura alguma no rosto mal amanhecido. Decerto percebe que acaba de ser despojada do papel de mulher amada e possuída por meu pai, aquela que veladamente eu desejava como a uma mãe desejável. Aposto que o tempo todo ela sabia que eu a tomava por outra, e tinha um prazer coquete em se passar por outra, quando mais não fosse para praticar suas lições de arte dramática da juventude. Escolada no método Stanislávski, já se sentia à vontade na personagem de Anne Ernst, de quem na vida real tinha roubado o marido. E agora baixa uma nuvem de antipatia entre nós dois: oh, não, aqui de novo, monsieur? Recolhe o regador num canto do pátio, abre uma torneira e com um esguicho de água descarrega na gata sua irritação. Vim tão somente lhe trazer uns papos de anjo, madame, uma especialidade da minha mãe. Oh, merci, sua mãe é muito gentil, quer que eu vire uma baleia com seus doces portugueses. E regando os gerânios: pode depositá-los em cima do muro, o Henri tem estômago de avestruz, come de tudo. A propósito, madame Beauregard, fiquei intrigado ao ouvir seu marido ainda agora, eu tinha entendido que a senhora não gostava de alemães. Madame afronta-me com o regador em riste: Henri nasceu em Berlim mas não é alemão, monsieur Hollander, é cidadão francês tanto quanto eu e, mais que eu, tem desprezo por aquele país. É então que, enervado com seu tom de voz e exasperado com o incessante exercício de piano de Henri, disparo: quero falar com o professor, é um assunto do interesse dele. Surda à minha pretensão, ela se abaixa para remover uma flor definhada, mas não resiste a espiar a foto que ora lhe exibo: este é meu irmão Sergio com sua mãe Anne Ernst, uma berlinense que o destacado pianista Heinz Borgart conheceu muito bem. Eu ia lhe mostrar de quebra a carta de Anne, porém hoje madame está deveras intratável: Henri quando solteiro pode ter se aliviado com não importa quantas Annes, monsieur, salvo essa aí que mais parece uma camareira. Michelle!, chama o marido, e ela abandona o regador emborcado no chão: adeus, monsieur, desejo-lhe uma boa jornada. E ao ver caírem os primeiros chuviscos nos gerânios que acaba de regar, Michelle ainda resmunga: merde. Chove nos papos de anjo, a gata mia no capacho, e eu fico assim num vai não vai até que a porta se abre outra vez. É Christian, de terno, gravata e guarda-

chuva, a quem prontamente estendo a mão: bom dia, Christian, sabe onde fica a rua Teodoro Sampaio? Ele não só me permite acompanhá-lo como me oferece metade do seu guarda-chuva, uma amabilidade que chega a me emocionar: danke, Sie sind zu liebenswürdig! Não fala alemão? Seu pai não lhe ensinou? Sou um grande admirador de Heinz Borgart, suas gravações de Schubert não saem da minha vitrola. Não conhece os discos? Não gosta de música? Ah, eu também aprecio literatura francesa. E russa? Não diga, estou lendo Os Irmãos Karamazov pela sétima vez. Em francês, claro, são as melhores traduções. O quê, você lê no original? Em alfabeto cirílico? Puxa vida, nem meu pai sabe russo. Que linha de ônibus estamos esperando? Táxi? Não diga, eu também.

Christian dá ao chofer o endereço do Hotel Danúbio, pouso da sua namorada, por coincidência ali ao lado do restaurante alemão onde não seria má ideia almoçar logo mais. Ele não conhece o Zillertal, ao contrário do pai, que diz detestar a Alemanha mas não passa sem um joelho de porco regado a espuma de cerveja. Convido-o com a namorada para o almoço, nos fins de semana tem feijoada completa no Zillertal. A namorada, contudo, nem vai querer descer do quarto, chegou a São Paulo esta manhã e já embarca de volta amanhã cedo. É complicada essa vida de aeromoça, afeta o sono, os intestinos, desregula a menstruação. Mas para um namorado não é nada mau, no fim do ano Christian terá direito a um bilhete da Air France para Paris. Já se informou que em janeiro haverá um leilão de manuscritos do André Gide, e está economizando para fazer um lance. Um cartão-postal do Congo com uma mensagem sucinta e o autógrafo do Gide pode sair por menos de oitocentos francos, uma pechincha. Nascido em São Paulo, Christian Beauregard é professor na Aliança Francesa, dos autores franceses sabe quase tanto quanto eu, e ao longo da conversa fomos passando do francês para o português e vice-versa sem nos darmos conta. Acho que foi em francês que nos despedimos à porta do Danúbio, e cem metros adiante salto do táxi debaixo de chuva fina, com a sensação de que hoje se iniciou uma amizade. Oxalá uma amizade duradoura, de longas confabulações, em que mudaríamos de língua suavemente ao menor sinal de desentendimento. O que me lembra pelo avesso o Ariosto, que vira e mexe falava disparates e não dava o braço a torcer, tinha ideias fixas numa língua só. É bem verdade que em sua fase de Cassius Clay cismou de falar um pouco de inglês, aprendeu umas gírias americanas que nem eu conhecia. A fim de incentivá-lo, dei-lhe de presente o Jack Kerouac, pensei que ele talvez gostasse. Mas o Ariosto não tinha paciência para leituras, já nas primeiras páginas implicou com o livro, achou péssimo o inglês do cara. E seguiu pela vida falando sozinho aquele inglês da cabeça dele, uma língua intrincada, feita só de mal-entendidos. Mais recentemente nem em português conseguíamos nos comunicar, seu vocabulário cifrado me perturbava. Eu já não saía para beber com o Ariosto, por receio de que às tantas ele deixasse escapar seus novos codinomes, ou me instigasse a militar em sabe lá que sigla. Hoje em

dia, para ser sincero, ao chegar ou sair de casa dou sempre a volta no quarteirão a fim de não passar em frente à casa dele. E nunca mais respondi ao assobio que ele me ensinou na infância, o assobio em dois toques com que o Zorro chamava o Silver. O assobio que às vezes julgo escutar assim do nada, na sala de aula, num cafezinho, no cinema, e que neste instante me pega parado à beira da sarjeta de onde, com impulsos apenas contidos, fito as rodas dos carros que passam a oitenta por hora. O semáforo não fecha, o tráfego não cessa, e para matar o tempo dou uma olhada nos jornais expostos na banca. Numa primeira página muito escura, com mais fotos que texto, leio que um terrorista foi morto em confronto com a polícia em São Paulo, no bairro da Consolação. Desvio os olhos para a foto de um lance de futebol noturno, para um flagrante de apreensão de cocaína, para o close de um estuprador, e sem querer volto à notícia do terrorista morto em confronto com a polícia em São Paulo, ontem às 12h30, no bairro da Consolação. Fecho os olhos para não ver seus restos mortais, mas quando os reabro a foto é de um piloto de corrida decapitado numa colisão em Indianápolis, daí sem querer volto à notícia do terrorista morto após renhido tiroteio com a polícia em São Paulo, ontem às 12h30, na rua Gravataí, no bairro da Consolação. O assobio em dois toques que acabo de ouvir é o apito de um guarda, e ao ver o vaivém dos pedestres na faixa zebrada da avenida dou um pique a tempo de alcançar o outro lado. Com taquicardia, respiro fundo, olho ao redor, só não me lembro mais por que eu tanto queria atravessar a rua. Este lado é como um espelho do outro, com os mesmos pedestres aflitos para atravessar de volta, os mesmos minúsculos botecos com idênticas bundas grandes do lado de fora, além de uma banca de jornal igual a todas, onde vejo exposta uma primeira página tenebrosa com a notícia de um renhido tiroteio, ontem às 12h30, nas proximidades de uma creche e de um pensionato, na rua Gravataí, Consolação. Mas o nome do terrorista morto não é Ariosto Fortunato, como por um triz me pareceu, e sim Akihiko Matsumoto, vulgo Japinha.

Eleonora Fortunato eu conhecia desde pequeno, embora ela pouco descesse do seu ateliê na água-furtada. Quando a via de passagem, eu às vezes achava que ela era o pai do Capitão Marvel, pois não havia homem na casa fora aquela pessoa de calças compridas. Mais tarde outras mulheres aderiram à moda, mas a meu ver as calças compridas as deixavam com pernas curtas, comparadas às de Eleonora Fortunato. Ela também tinha pescoço comprido, como costumam ter as aves pernaltas, e seu rosto triangular, até quando pintado para sair, me parecia de uma beleza um tanto masculina. Da sua voz mal me lembro, de algum sorriso menos ainda, porque ela não dava bola para crianças, e mesmo crescido acho que nunca olhou para mim. Daí meu pasmo ao vê-la sentada à minha espera de manhã cedo, quanto mais com olheiras tão negras, os olhos injetados e a longa cabeleira grisalha em desordem, como que desfalcada de alguns chumaços. Quando entrei na sala, mamãe lhe servia um uísque puro e fazia que não com a cabeça enfaticamente, porque Eleonora Fortunato lhe perguntava com voz grave se por acaso tinha cara de vaca. Incontinente lhe perguntou se não era o cúmulo o pai do seu filho, às voltas com seus rebanhos no Mato Grosso, não se dignar a responder a um telegrama desesperado. E ao me ver, emenda no mesmo tom: e você, você acredita que nem meu advogado me atende? São uns cagões, diz, são todos uns cagões, e sua voz se exalta mais e mais, talvez com a intenção de ressoar lá em cima no escritório do meu pai. Levanta-se para proclamar que ganhou medalha de prata no Salão de Belas Artes, expôs na última Bienal de São Paulo, toda semana dava entrevistas sobre arte abstrata, e agora não consegue que saia nem uma nota nos jornais. Você também é um cagão, joga na minha cara, referindo-se porém ao que jogou na cara do comandante da Polícia Militar, que não tem colhões para peitar os agentes que sumiram com seu filho. O cínico mostrava-lhe uns fichários com fotos pavorosas de assaltantes, traficantes, homicidas, quando todo mundo ali sabia que o Ariosto não era um facínora, mas um menino bem-nascido com ideias de jerico. E, após uma semana sem notícias dele, Eleonora Fortunato conta que só lhe restou recorrer a Heydrich, um industrial que, pelo que se comenta à boca miúda em sociedade, tem amizades nos quartéis. Ela o conhecia de vernissages, anos antes lhe vendera um quadro, e revoltou-se ao ser barrada na sua mansão. Xingou o vigia, discutiu com os cachorros, tantas fez que a mulher do Heydrich veio recebê-la no jardim, mas já desceu chamando-a de vaca para baixo. Ela ainda apelou para os sentimentos da sra. Heydrich, que também é mãe, e ouviu como resposta: mas filho meu não é filho da puta. É aí que eu entro, Eleonora Fortunato quer que eu procure o Udo. Está crente que Udo Heydrich haverá de sensibilizar o pai, se souber que seu melhor amigo nunca mais foi visto, depois de arrastado de casa por policiais à paisana. Prometo atender ao seu pedido, porque a uma mulher assim transtornada não posso dizer que mal conheço o Udo, nem sei onde ele mora. Muito menos eu diria a Eleonora Fortunato que o Udo não se comoverá com os

apuros daquele que lhe rasgou a cara com um caco de vidro. E nem bem ela vai embora, papai desata a falar alto e de cambulhada no escritório. São uns trogloditas, me parece ouvir, são uns gorilas escrotos, e bem ou mal compreendo que ele se refere ao caso de Ariosto Fortunato. Cambada de torturadores, escuto agora com todas as letras, e embora seja mais que justa sua indignação, papai deveria ter mais cuidado com o que fala no telefone. Pois você é um cagão, ele grita, não vai publicar porque é um cagão! E com essas palavras meu pai, que vinha de se aposentar do serviço público, põe termo à sua longa colaboração com A Gazeta.

Chego ao trabalho atrasado, encontro minha sala vazia, e na secretaria me informam que a diretora me espera para uma conversa particular. A Natércia e eu nos damos há anos, estudamos juntos neste mesmo cursinho, e no vestibular em que passei sem esforço ela foi a primeira colocada. Recém-formada na faculdade, onde era a melhor aluna da turma, assumiu a diretoria do cursinho e me convidou a dar aulas de português. Chamava-me uma ou outra vez à sua sala, e me dava gosto ver aquela menina do interior que conheci tão encabulada, matuta mesmo, agora em versão falante e altiva, sempre de salto agulha ou botas de couro. Nossas conversas em torno dos poetas surrealistas estendiam-se pela tarde, e do trabalho saíamos para um drinque, um teatro, não raro para terminar a noite na minha cama. Mas depois do seu casamento a Natércia começou a me evitar, e quando esta manhã me chama à sua sala é para que eu assine as duas vias da minha carta de demissão. Por motivos estritamente pessoais, diz a carta, para fechar um ciclo, buscar novos desafios, crescimento profissional etc. Houve uma denúncia que lhe cabia apurar, e ela não hesitaria em abrir uma sindicância se fosse outro o funcionário envolvido no caso. Mas, em consideração aos nossos antigos laços, ela me oferece a oportunidade de deixar o emprego discreta e espontaneamente. Olho seus olhos amarelos, procuro adivinhar que cartas ela tem na manga, estou inclinado a pagar para ver, mas a Natércia sustenta o olhar e não parece estar jogando. Enfim desisto de me bater por um salário aviltante, assino os papéis em que abro mão de qualquer ressarcimento e saio da sala sem me despedir daquela ninfomaníaca. Passo na secretaria para recolher meus pertences e noto que todos ali já sabem da minha desgraça, até no olhar estrábico da faxineira me vejo como um proscrito. E caminhando à deriva pela cidade, especulo sobre o real motivo da minha dispensa, a começar por compreensíveis ciúmes do marido da Natércia, um homem idoso, decano da faculdade de direito. Por outro lado essa mulher ambiciosa, que não faz muito se graduou doutora em letras, que até outro dia me enchia a paciência na cama com assuntos de semiótica, talvez me veja como um concorrente, agora que foi aberta uma vaga na cadeira de literatura comparada cujo titular se exilou no Chile. Não descarto mesmo a possibilidade de ela ter estimulado alunos meus a prestarem queixa contra mim, seja por atrasos constantes, excesso de faltas, bafo

de álcool, ou até porte de LSD. Mas o mais grave, nos tempos que correm, é que uma demissão mal explicada deixa no ar a suspeita de que sou meio esquerdista, enquanto a Natércia, como toda cu de ferro, nunca sequer chegou perto do movimento estudantil. E se minha vida pregressa for esmiuçada por gente da atual reitoria, por força virá à tona minha proximidade com adversários do regime, até mesmo militantes da guerrilha urbana. Em breve meu nome cairá em alguma lista negra, escolas públicas me fecharão as portas, nem mesmo em colégio de padres serei bem-visto. Lembro-me então do Christian, penso que na Aliança Francesa os agentes da repressão não se atreverão a meter o nariz. Com um emprego na Aliança, por modesto que seja, terei respaldo para me aplicar nas minhas pesquisas à margem das intrigas do círculo acadêmico e à espera de melhores ares no país. Fora que, lidando no dia a dia com o Christian, não me faltarão ensejos de trocar umas palavras com Heinz Borgart, sem embargo da sua mulher. Dirijo-me pois à escola no centro da cidade, confiante na minha formação de nível superior no idioma francês, que na prática é até mais fluente que o do meu amigo. Já de chegada esbanjo à toa meus predicados, porque a recepcionista com seu francês precário entende que vim me matricular e me recomenda o excelente curso noturno para adultos. Pergunto pelo seu superior, e ela diz que d. Nicole deu uma saidinha para o médico, marcou uma consulta de urgência no ginecologista após um ligeiro sangramento. Quanto a Christian Beauregard, é o seu professor preferido, talvez por ser sagitariano igual a ela, mas está em aula e não há meios de eu convencê-la a chamá-lo um instante. De qualquer forma, caso eu deseje aguardar, ali está a sala de espera com um sofá e uma pilha de revistas na mesa de centro. Ela ainda me aponta um lavabo, um bebedouro, comenta os trinta e oito graus à sombra que ouviu na Rádio Tupi e mordisca uma barra de chocolate: está servido? Folheio três ou quatro Paris Match, daí procuro outro passatempo com a recepcionista, que só tem a me oferecer sua revista de fotonovelas. Livros, deve haver na diretoria, mas ela não está autorizada a retirá-los. Depois de muita relutância, porém, acaba por me trazer para uma espiada rápida o que encontrou na gaveta de d. Nicole, uma edição de bolso de Justine, Les Malheurs de la Vertu, do Marquês de Sade: *Sim, Constance, é a ti que dedico esta obra*… Há tempos tive em mãos um exemplar numerado deste romance, que papai guardava na estante giratória ao lado da espreguiçadeira, a salvo da minha mãe. Li-o na época por partes e aos sobressaltos, nas raras saídas do meu pai, tal como agora sou alertado a cada minuto da iminente chegada de d. Nicole. *Nessa época fatal para a virtude de duas meninas, tudo lhes falta num único dia*... Sôfrego, mais com a memória que com os olhos, releio as vicissitudes da infeliz Justine, temente a Deus, e de sua irmã mais velha, Juliette, entregue às delícias da libertinagem. E no momento em que a caçula, aos doze anos, repele a investida libidinosa do seu pároco, protejo o livro de crianças e adolescentes que vêm enchendo a sala de espera até se

revezarem festivamente com as turmas de saída. Ao reabrir o livro, tenho a ilusão de vê-lo ilustrado com figuras das meninas em flor que vi passar, possíveis futuras alunas minhas: *Oh!, senhor, eu disse aos prantos e precipitando-me aos joelhos daquele homem bárbaro, deixai-vos enternecer, eu vos conjuro…* Imagino que também d. Nicole seja interrompida a miúdo em sua leitura, como indicam as dobras nos cantos de sucessivas páginas. Mas pode ser que as dobras marquem os trechos que mais lhe interessaram, como este em que Justine, ainda virgem, é subjugada pelo terrível Coração de Ferro, *depois que fiquei como ele desejava, tendo-me feito pôr os braços no chão, o que me fazia parecer um animal…* É quando a recepcionista atende a um telefonema e me comunica que d. Nicole não voltará ao trabalho esta tarde, e é bom mesmo que tire uma semana de resguardo, porque é muito agitada e já sofreu dois abortos espontâneos. E Coração de Ferro mais uma vez ameaça possuir Justine à força, sem prejuízo de sua virgindade: *Se as gravidezes a assustam, elas não teriam lugar desta maneira, sua bonita cintura não se deformará jamais; essas primícias que lhe são tão caras serão preservadas…* Absorto na leitura, só percebo que anoiteceu ao ver meu maço de cigarros vazio. Postado à minha frente, o Christian me estende o seu: aceita um mata-rato?

Não sei por que diabos fui convidar o Christian para jantar justamente neste francês, agora que sou um desempregado. O La Casserole é um dos restaurantes mais caros de São Paulo, e o Christian, que deve ganhar da aeromoça vinhos da primeira classe, não se contenta com um bom tinto nacional. Já os livros que traz amarrados numa cinta se revelam num lance de olhos menos sofisticados do que eu supunha: um dicionário Petit Robert, um Larousse Português-Francês-Português, três gramáticas progressivas, uma coleção do Asterix e quatro álbuns com as aventuras de Tintin, além de dois volumes com sobrecapas improvisadas. O primeiro destes ele desembuça por baixo da mesa, assim que o maître se afasta com nossos pedidos. Pensei que fosse mais um Marquês de Sade, mas é um livro russo cujo título o Christian sublinha com o dedo: Мистерия-буфф, isto é, Mistério Bufo, de onde por óbvio deduzo que Маяковский é Maiakóvski. E ao dar com o nome do autor do segundo livro, гоголь, não consigo me reprimir: GOGOL? Segurando meu braço o Christian me adverte que boa parte dos garçons, porteiros e choferes de táxi da cidade são informantes da polícia, para quem o mero conhecimento da língua russa pode ser comprometedor. E quando em cochicho ele equipara nosso Estado policial ao da Alemanha nazista, penso que já exagera um pouco. Mas aproveito a deixa para trazer à baila o nome de Heinz Borgart, que no Brasil pelo menos não precisa temer algum processo de higiene racial. O Christian franze a testa como se não me compreendesse e, passando do português para o francês, declara que seu pai foi perseguido pela Gestapo em função de suas ligações com grupos anarquistas. Claro, digo eu, e foi numa célula anarquista de Charlottenburg que ele conheceu

Anne Ernst. Nunca ouviu falar? É esta aqui, meio prejudicada pelo ângulo da foto, o corpo mal refeito da gravidez. A criança? A criança é o meu irmão Sergio, aos seis meses de idade. Mas poderia ter sido seu irmão adotivo, senão dê uma olhada nesta carta. Hoje você e eu seríamos irmãos afins, não é incrível? Pode ficar com a carta, leve a foto também, seria interessante mostrá-las ao teu pai. O quê, vocês não se falam? O garçom traz o prato de entrada do Christian, um foie gras de cinquenta cruzeiros novos saboreado em silêncio. Depois ele me diz que pretende alugar um apartamento, desde que consiga um reajuste pela inflação nos proventos da Aliança Francesa. Manda o garçom trocar seu chateaubriand, que prefere mais malpassado, e me pede uma prova da minha omelete. Diz que não se incomodaria de morar num quarto e sala de edifício popular, pois ter vizinhos barulhentos será no mínimo mais divertido que acordar todo dia com o piano do pai. Ainda criança de colo, não entendia por que seu pai passava horas sentado a batucar naquela imensa caixa preta. Mas não demorou a ser ele mesmo entronizado na banqueta almofadada do piano marrom onde, brincando, brincando, aprendeu a ler o pentagrama antes do beabá. Cedo se resignou a praticar seis horas diárias toda manhã, habilitando-se a executar feito um menino prodígio qualquer partitura em que batesse os olhos. E, todavia, seu desempenho não correspondia às exigências do pai, que o criticava por tocar as mais variadas peças sempre do mesmo modo algo mecânico. Por isso, antes de dormir, era submetido a quarenta minutos de Chopin, com que o pai se exibia para que ele entendesse o que é tocar com sentimento. Mas por mais que se impressionasse com o semblante de Heinz Borgart ao interpretar seus prelúdios, o pequeno Christian não conseguia perceber sentimento algum no som de um piano que, francamente, para ele pouco diferia de uma matraca. Perseverava nos exercícios só para agradar o pai, a quem não ousaria confessar que nunca na vida distinguiu os tons daquelas notas que seus olhos liam e seus dedos tocavam tão fielmente. A essência da música era um mistério para o Christian, que chegava às vezes a estranhar a mãe falar tão devagar com ele, quando ela cantava La Vie en Rose na cozinha. Ressabiada, Michelle o levou a um especialista, que diagnosticou no filho uma severa amusia congênita, vulgarmente conhecida como surdez musical absoluta. Tais palavras soaram como música, por assim dizer, aos ouvidos de um garoto que a partir de então teria as manhãs livres para jogar bola com os colegas de grupo escolar. Mas não, Henri não queria acreditar em tamanha charlatanice, achava que o filho estava de pirraça, e ao vê-lo em desespero esmurrar o teclado, condenou-o à reclusão de seis horas diárias no quarto. Michelle ainda quis defender a criança, argumentou que até um gênio como Charles Darwin padecia do mesmo distúrbio, comparou o marido a um pintor vaidoso que amaldiçoasse o filho por ter nascido cego. Mas no fim só lhe restou fazer companhia ao garoto, com quem aprendeu a jogar futebol de botão no chão do quarto, e a quem um dia levou o

único livro que tinha em casa, uma velha brochura dos seus tempos de menina com as fábulas de La Fontaine. Moral da história? De um castigo paterno colhem-se os mais inesperados frutos. O Christian apegou-se à literatura, desde os clássicos que a mãe lhe comprava na Livraria Francesa até os últimos lançamentos internacionais que a namorada lhe traz de Paris. E depois de solicitar ao garçom uma sobremesa, profiteroles, desculpa-se pelo desabafo, mas as diferenças com seu pai só fizeram se acentuar na idade adulta. E se soubesse qual era o meu fito ao procurá-lo, teria me desencorajado já na sala de espera da Aliança Francesa. Agora sou eu que lamento ter azedado seu jantar com um assunto trivial, pois o que de fato me importava era arrumar um ganha-pão na Aliança, que tem tradição de acolher dissidentes políticos no mundo inteiro. Dito isto, esperei que o Christian me oferecesse pronta ajuda, que prometesse por exemplo dar referências minhas à d. Nicole, mas ele olha o relógio, espanta-se que já passe da meia-noite e pede um conhaque Napoléon de saideira. No táxi, fala baixinho em francês da sua expectativa pelo fim de semana, quando a aeromoça vai lhe trazer uns livros em russo da primeira fase do Nabokov, que viu num sebo de Saint-Germain. Mas não consigo guardar os títulos que ele cita, nem registrei os rumos que tomou seu monólogo até o fim do nosso percurso, quando o Christian discorre com gosto sobre uns problemas íntimos da mulher do Tolstói. Diante de sua casa às escuras, declino do convite para entrar e não sei se ele fica ofendido. Sem se despedir, desce do táxi com um trejeito tortuoso de corpo, talvez por causa da bebida, talvez pelo peso dos livros.

Minha casa também está um breu, mas ao passar pela porta do meu irmão creio ouvir soluços femininos. Ingênuo, tempos atrás cheguei a me comprazer com os indícios da sua decadência. Eu vinha notando que meu irmão, contumaz caçador de raparigas imaculadas, já admitia no seu quarto mulheres de segunda mão, algumas passadas dos vinte. E não eram raras as que, mal entravam, revoltavam-se e saíam batendo a porta. Mas também havia as que pouco a pouco se apaziguavam, ou aparentemente até se deleitavam com o que ali acontecia, não sem antes choramingar e pedir clemência à maneira da pobre Justine: *Oh! monsieur, não tenho experiência alguma nisso*… Então comecei a desconfiar que meu irmão, com ganas do abominável Coração de Ferro, dedicava-se a iniciá-las em práticas viciosas que mamãe sem dúvida reprovaria. Não pretendo porém me arvorar em juiz da sua conduta sexual, mesmo porque pela fresta da minha porta eu ultimamente examinava essas moças de alto a baixo, para abordá-las algum dia nos bares que ele frequenta, lá para os lados da Rádio Tupi. Mas hoje, depois de montar guarda até tarde da noite, vou me deitar sem sucesso na minha inspeção. E fico com a pulga atrás da orelha porque meu irmão é de índole celibatária, jamais gostou de dormir acompanhado. Uma vez satisfeito se escarrapacha na cama, pega a falar de outras mulheres, conta piadas escatológicas, aponta baratas nas estantes, em suma, dá sempre um jeito de se

livrar das suas hóspedes. E já debaixo da coberta me dou conta de que esqueci a porta encostada, mas por acaso me convém deixá-la assim, a fim de melhor acompanhar os movimentos da casa. Fingindo dormir, ao menor ruído pularei da cama para avaliar a misteriosa visitante, quem sabe desta vez uma bagaça, uma bruaca, uma mulherinha que meu irmão esconde porque danosa à sua reputação. Ou, pelo contrário, pode ser ela a interessada em não se expor, uma mulher elegante, muito superior a ele, uma mulher de outras rodas, uma mulher casada.

Desembesto atrás dela sem perspectiva de alcançá-la, porque corremos à mesma velocidade escada abaixo, bem mais velozes do que a escada, que virou rolante. E à medida que a Maria Helena reduz seu ritmo, eu também começo a me cansar, porque possivelmente a escada descendente arremeteu para cima. Não sei em que momento esse fenômeno ocorreu, nem tenho referências para conferir a inclinação da escada, que rola solta no meio das nuvens. Só sei que a escada sobe porque vejo a Maria Helena no alto dela, e só sei que a Maria Helena está no alto porque vejo sua calcinha branca por baixo da saia. E de repente a Maria Helena menstrua, em sua calcinha surge como que um botão de flor vermelha que logo desabrocha, tinge a calcinha inteira e pinga sangue nos degraus que agora retrocedem sob os meus pés. Quando alcanço exausto o fim da escada, o sol me deslumbra e perco o rastro da Maria Helena, a areia absorve seus sangues numa praia que deve ser a de Copacabana. Sem sombra de dúvida é a Copacabana de que a Maria Helena me falava, com tantos biquínis e guarda-sóis multicores, com os dorsos das ondas como touros a ponto de espumar na arrebentação. E eis que o tempo fecha, as cores desbotam, o mar se aquieta e a areia da praia desaparece sob a multidão de corpos estendidos e grudados uns nos outros. São corpos nus que tateio com os pés, com medo de despertá-los, mas que estão frios e rijos e ossudos, ruins de pisar. Nem bem me habituo ao meu caminho de peles, e já tenho de escalar entulhos de corpos acinzentados, de velhos, de meninos, de cavalos, cães e gatos, de peixes que parecem ratos, de ratos que parecem pombos, de bebês, de fetos e de mães com seios murchos, mas necessito chegar de qualquer maneira à casa caiada sem janelas lá no cume, que será um posto de salvamento ou um forno crematório. Cá estou, e a poça de sangue fresco no capacho é um bom auspício, sinal de que meu irmão judeu ainda vive, mesmo vazando sangue na escada rolante de cimento que leva a um aposento repleto de livros russos e dizeres em cirílico nas paredes em torno de uma cama desarrumada com uma mancha de sangue que se alastra no lençol até transformá-lo numa bandeira vermelha, sobre a qual pretendo dormir profundamente. Mas é impossível, porque na superfície do meu sono há interferências, há passos que conduzem soluços de mulher, há uivos, há alguém tocando um piano sem notas que mais parece uma máquina de escrever. *A-Crump*, *Crumpet-Haywire*, *Hazard-Omelet*, *Omen-Skein*, *Skeletal-Zyxomma*, leio com olhos remelentos lombadas de dicionário. Vejo meu jeans jogado no chão e, ao longe, talvez lá embaixo na sala de visitas, não custo a reconhecer a voz de Eleonora Fortunato. Espreguiço-me, vou ao banheiro, volto, escruto o silêncio no quarto do meu irmão, meu pai arranca mais um papel da sua Remington e eu remancho na cama até me certificar que a mãe do Ariosto já se foi. E dou na sala com minha mãe que tira roupas amorfas de uma sacola de plástico, estica uma por uma as saias, as camisetas, as calcinhas brancas, dobra-as com esmero e as acomoda numa valise castigada. Abre agora um vestido de bolinhas e me

percebe sem me ver: é molto magra a amorosa do teu amigo, e nem uma sopa quis tomar. Quando me olha, acha como sempre que estou com mau aspecto, vem me tirar a febre com as costas da mão, diz que Eleonora Fortunato perguntou por mim. A pintora trouxe de casa o que restava do vestuário da Tricita e ficou contente ao se inteirar que a menina ainda repousa. Aceitou um uísque, lastimou-se um bocado pelo filho, mostrou-se impaciente para saber da minha conversa com o tal do Udo, mas passada a hora de eu sair para o trabalho partiu ao encontro de um político de oposição, um deputado bravíssimo. Tinha ademais esperança de ser recebida à tarde pelo arcebispo, por isso provavelmente não veria mais a Tricita, a quem augurava uma boa viagem de volta ao seu país. E sem que eu nada lhe pergunte, minha mãe põe-se a explicar que teria acolhido a menina de bom grado no leito de casal, se papai não roncasse tão forte. Também achou que comigo ela ficaria mais à vontade, quem dera eu a espairecesse com histórias do meu cupincha em seus tempos de Capitão América. Mas eu ainda estava para fora esta noite quando meu irmão chegou e insistiu em oferecer sua cama à Tricita. Ele dormiria num colchonete ao pé da cama, mas não hesitaria em se ajeitar no sofá da sala, se ela julgasse inconveniente dividir o quarto com um estranho. Apenas lhe desaconselhava dormir no meu quarto, porque eu costumava chegar da rua fora de horas, às vezes bêbado, às vezes em más companhias. E a Tricita só concedeu em subir com ele, segundo minha mãe, porque temia acordar sozinha no meio da noite, atormentada que estava com a notícia do sequestro do seu querido. Precisava ademais se recuperar da longa viagem num banco de ônibus, sem falar das filas, do trânsito e das caminhadas em São Paulo com uma mochila enorme nas costas. Depois de uma visita à família em Buenos Aires, chegou desinformada ao seu endereço paulista, e Eleonora Fortunato mal lhe abriu a porta. Recomendou-lhe que pernoitasse em abrigo menos vulnerável, como a casa vizinha, dos Hollander, uma família insuspeita. Tudo isso escuto sem dar um pio, pois quem sou eu para tirar satisfações com a minha mãe. Mas se Eleonora Fortunato tivesse me esperado, eu lhe perguntaria sem rodeios se ela sabia com que espécie de crápula a moça passara a noite, daí quem sabe ela tomasse as dores do filho. Ou vai ver que, para Eleonora Fortunato, a esta altura o Ariosto já estará tão provado em espancamentos, choques elétricos e vexames, que o flagelo de ser corno seria quase um refrigério. De fato, em pesadelo recente, lembro-me de tê-lo visto com os pulsos presos às costas por uma corda, e ser assim alçado em pêndulo até desfalecer com os ombros desarticulados. E ao me perder em fuga pelos corredores desse pesadelo, encontrei-o no chão de um calabouço, de mãos e pés atados, o torso em convulsões como se as vísceras lhe fossem roídas, talvez por um rato atochado cu adentro. Mas neste momento o que me vem à cabeça é a mão do meu irmão a meia-luz descendo devagar pelas costas da namorada do Ariosto, é essa a cena que imagino quando mamãe dobra o vestido de bolinhas e

diz: filho, larga de pensar estupidezes. Logo ouço o vaivém de passos no segundo andar, o abre e fecha das portas do quarto e do banheiro, e assim que a Tricita aponta na escada de calças compridas, só posso recordar a Eleonora Fortunato dos meus primeiros sonhos lúbricos, das minhas poluções noturnas. É dela seu corpo longilíneo, seu rosto anguloso e mesmo seu olhar esquivo, seu modo de quase me ignorar quando mamãe me apresenta como amigo inseparável do Ariosto. Mas é claro que o Ariosto jamais sequer vislumbrou nela o que me salta aos olhos, ele na certa pensa haver-se encantado com o que a Tricita tem de moleca, de mascar chicletes com a boca aberta, de andar com uns tênis de bico descascado e a mochila de camping às costas. Certo desjeito de guria que cresceu sem se dar conta, uma meia inocência fatalmente irresistível para meu irmão, que vem na sua cola e a cerca de mesuras, numa evidência de que ainda não atingiu seus objetivos. Convida-a para o café da manhã, diz que o banho a deixou muito cheirosa, mas acho difícil que a convença com seu arremedo de castelhano: yo gusto de sus cabejos assim mojados. A Tricita tem mais o que fazer, pretende entregar ainda hoje uns regalitos que amigos brasileiros mandaram de Buenos Aires para parentes e conhecidos. E mamãe, dobrando uma última blusa, lhe pede que não repare na valise, tão velha quanto a dona, ambas vindas da Itália antes da guerra. Sugere que um dos filhos a ajude com a bagagem, mas a Tricita garante que a mochila é leve, o que mais contém são biscoitos argentinos. Admirada de que mamãe não conheça os alfajores, lhe dá de presente um pacote da marca Havanna: son muy ricos, con dulce de leche. Era o que faltava para meu pai surgir de pijama no alto da escada: que biscoitos são esses, hein? E depois de tirar do bolso um guia de São Paulo, a Tricita gagueja uns endereços que traz decorados, em bairros que meu irmão, por cima do seu ombro, aponta no mapa: Santo Amaro, Paraíso, Vila Maria, Bom Retiro, Tatuapé, Freguesia do Ó… Disponho-me a guiá-la em seu périplo, pois numa São Paulo que não para de crescer, os mapas tão logo impressos já são obsoletos. Fora que uma jovem desacompanhada estará sempre à mercê de malandros e delinquentes, digo, querendo dizer que nem a mochila nas costas a defenderá de ser encoxada nos ônibus lotados da cidade. Nesse meio-tempo, porém, meu irmão já extorquiu do papai quantia suficiente para rodar uma semana inteira de táxi. Pois tenho ideia melhor, posso me encarregar dos regalos da Tricita, enquanto ela segue diretamente para a rodoviária. Ela no entanto teima em entregar os alfajores em mãos, visto que não tenciona voltar a Buenos Aires de pronto, e entre as famílias que visitará não vai faltar quem lhe ceda um teto. A deixar o país sem seu companheiro, prefere que lhe amputem as pernas, é o que ela afirma com ânimo hispânico, para em seguida morder o lábio inferior e baixar os olhos marejados. Então meu irmão lhe diz que para papai, mamãe e especialmente para ele seria uma desfeita ela recusar nossa hospedagem. Com a ponta do dedo ergue seu rosto pelo queixo e declara: pegaremos uno táxi na caje

da Consolación. E quando a Tricita permite que meu irmão tome a mochila das suas costas, penso que apenas começa a se deixar despir.

Eu não queria estar em casa para ouvir gemidos argentinos na cama do meu irmão. Tampouco gostaria de estar no quarto quando ela batesse à minha porta com a roupa amarfanhada. Portanto foi providencial o telefonema do Christian, dizendo que a Colette, como ele apelida d. Nicole, me pediu que passasse no início da noite na Aliança Francesa. De terno e gravata, antes de sair fui à prateleira dos poetas franceses, aqueles que anos atrás tinha emprestado à Maria Helena, poetas que releio cada vez de um jeito e às vezes tento adivinhar como ela os lia. Rimbaud, acho que já o leio com olhos femininos, e qualquer dos seus poemas me faria boa companhia na sala de espera, além de me render prestígio com a Colette. Mas d. Nicole não pode mais me atender, está reunida com o ex-marido, que na opinião da recepcionista é a cara do marido da Elizabeth Taylor. Se é verdade que ele bate nela, não o Richard Burton mas o ex-marido, isso é da conta da d. Nicole, que me desejou boa sorte e mandou me entregar um impresso com os requisitos e as datas dos testes de admissão para professores da Aliança em unidades do interior. Explodem gargalhadas, zoeira, alunos em bando me dão encontrões, atravessam a sala e ganham a rua. Logo atrás o Christian, como que surpreso por me ver ali, abre um sorriso e pousa seu feixe de livros na mesa da recepcionista. Pensei que fosse apertar minha mão, mas é o Rimbaud que ele me toma, besta de ver aquela edição de 1920 de Le Bateau Ivre, ilustrada com dois desenhos do próprio poeta. Manuseia o livrinho, calcula que valha uma fortuna, e na saída propõe jantarmos num restaurante chamado La Cocagne, muito superior ao de ontem à noite. Já vai acenar para um táxi quando lhe aviso que vim desprevenido, não trouxe a carteira, só tenho uns trocados no bolso. No ônibus, ocupa o último assento livre e lê o poema cinco vezes de enfiada até desembarcarmos na esquina da sua casa. Busco assuntos, agradeço-lhe por ter intercedido por mim junto à Colette, mas ele anda apressado na minha frente. Então resolvo lhe contar que desisti de lecionar na Aliança, agora que a editora aprovou meus originais, me fez uma oferta com adiantamento e tudo. Um romance, pois é, um roman à clef, é incrível que eu nunca lhe tenha falado do meu romance. A editora? Privilégio, Editora Privilégio, uma empresa pequena, não muito conhecida, mas aberta a novos talentos. Já se escuta o piano de Heinz Borgart quando o Christian estaca na calçada, me fila um cigarro, e noto um tremelique na sua pálpebra direita. Está na cara, eu sabia das suas veleidades literárias, ele tem um livro pronto na gaveta: mas é poesia, e nem Rimbaud viveu de poesia. Diz que ficaria até meio sem graça de tomar o tempo de um editor com uns versos que nem à namorada teve coragem de mostrar. Mas, enfim, são poemas na linha de Ievtuchénko e de outros russos contemporâneos que finjo conhecer: *Os livros que lemos também nos leem/ Os livros veem em nossos olhos gritos e sussurros ocultos/ Os livros ouvem tudo o que*

tememos… No meu fraco entender é Tchaikóvski a melodia sentimental que da casa do Christian acompanha sua récita: *O silencioso retorno dos livros emprestados/ Por aqueles que se amam uns aos outros/ Não se parece com um recíproco favor*… Com seus cabelos ralos a esvoaçar, ele é a própria imagem que faço de um poeta russo declamando ao vento. Tenho então pelo Christian um ímpeto de admiração, de orgulho mesmo, que logo se desmancha, pois não suporto a ideia de que ele, e não eu, venha a publicar um livro. Se eu amanhã tivesse acesso a uma editora, não vejo por que o indicaria, se posso eu mesmo me aventurar na literatura. E assim como o Christian se dá o direito de emular poetas russos, serei capaz de escrever um romance inspirado na Alemanha dos anos 30, tão presente nas minhas leituras e fantasias. Posso romancear por exemplo a história de Anne Ernst, cuja foto com meu irmão no colo guardo no bolso da camisa e várias vezes por dia tenho a compulsão de olhar. E vivo tomando sustos porque ela nunca está onde a deixei, está no bolso direito do jeans, depois não sei como vai parar num bolso traseiro, e evapora, e me escorrega da manga feito carta de mágico, e súbito me parece uma Virgem de Copas com o Menino, e me pergunto se a srta. Ernst terá virado um espírito zombeteiro. Agora mesmo a foto se meteu dentro da cueca, pegada aos meus pentelhos, e cada vez que a reencontro tenho vontade de beijá-la agradecido. É difícil acreditar que esta Anne a olhar o filho com devoção seja mulher de o abandonar num orfanato. Mas o que hoje me escapa à inteligência talvez se esclareça ao término do livro, quando eu revisar o que escreveu a minha mão inconsciente: *A neve, a neve, a neve, a neve… A vizinha veio tomar um café e de novo me perguntou se o amante brasileiro era filho de índios selvagens. Quando passou a borrasca, vesti o neném para sair e aos olhos de Ingeborg ele semelhava um esquimó… Passei em mais duas livrarias da Kurfürstendamm. Eu aceitaria trabalhar na caixa, mas preferia voltar a ser auxiliar de vendas… No primeiro dia da primavera levei meu filho no carrinho para passear no Tiergarten. Veio também Ingeborg com o marido, ambos desempregados como eu. Aos Schneider falta dinheiro mesmo para o café, portanto não devo me queixar… Finalmente fui à Alexanderplatz e ao sr. Abrahamovski vendi o anel de ouro branco que S. me deu… À beira do lago perguntou-me Ingeborg se era doloroso ser apontada na rua como mãe solteira. Ri alto, bem alto, do jeito que S. gostava… Esta manhã me apontaram na rua e alguém resmungou: Jüdin*… Eis afinal uma hipótese que só me havia ocorrido nos piores sonhos, a de que Anne Ernst tivesse lá sua cota de sangue judeu. E assim posso entender que, com instinto premonitório, em maio de 1932 ela tenha confiado Sergio Ernst à tutela do Estado, requerendo que se desse ciência do fato ao pai natural da criança, Sergio de Hollander, cristão, brasileiro mas de pele branca, descendente de flamengos castiços. Este não a decepcionará, vai se prontificar a custear a viagem do menino e abrigá-lo no Rio

de Janeiro. Mas como manda a lei, será dado à srta. Ernst um prazo para refletir e, queira Deus, voltar atrás na decisão de renunciar ao filho. Tal prazo não está vencido quando os nazistas chegam ao poder, e antes que as autoridades a procurem e averiguem sua identidade, e a de sua mãe, e a de sua avó, Anne partirá de Berlim, descerá em Hamburgo, se esvairá em Frankfurt para ressuscitar em Munique, quiçá em Viena. Ainda não sei se será detida sem papéis numa fronteira, se vai se fazer passar por neta do Kaiser, se terminará seus dias num hospício ou num campo da Polônia, mas pelo menos terá sempre o consolo de que a criança estaria em boas mãos, numa praia ensolarada do Brasil. Não estaria, na realidade, seja porque a origem hebraica de Anne foi denunciada por algum vizinho, seja porque o novo adido alemão cortou o contato com meu pai, seja porque meu pai perdeu a correspondência do consulado dentro de sabe lá que livro. Esse mistério papai poderia me desvendar, se me desse liberdade para uma conversa a dois. O que não seria de todo inviável, caso ele viesse a saber que me tornei um homem de letras. Não seria por mim que ele tomaria conhecimento do meu romance, muito menos com a trama que tenho em mente, ainda que as personagens reais figurem com nomes trocados ou referidos pelas iniciais. Só não posso impedir que ele um dia o receba como cortesia da editora, e o abra incrédulo, e o comece a ler de mau humor, e contra a vontade se deixe arrebatar pela narrativa que o remete a episódios perdidos na memória, quem sabe de um livro vagamente alemão que Assunta não terá meios de encontrar nas estantes. E que ele se aflija sobremodo, porque sua memória literária sempre foi mais brilhante que a da própria existência, e talvez não tenha mais tempo de vida para reler sua biblioteca inteira. E que então me chame ao escritório e tussa duas vezes e me indague em tom de voz ameaçador, entrecortado por falsetes suplicantes, o título do livro do qual copiei o meu. E que eu ria alto, aponte minha cabeça e diga: da minha Mangokopf, com base em fatos verídicos levantados à custa de anos e anos de pesquisa. E que minha resposta lhe soe logicamente irretorquível, porque me saiu da boca em límpido alemão. E que a partir daí só nos comuniquemos em alemão, para desgosto do meu irmão e suspicácia da minha mãe, que sem entender palavra verá o marido deixar de lado o prato para comentar o quão fascinante lhe pareceu a jovem A.E., com risco de se tornar quase inverossímil S.H. largá-la em Berlim. E que me confesse ter concluído a leitura algo frustrado, por falta de informação sobre o destino do garoto. E que por fim eu o desafie a revelar que destino daria a S.E., fosse ele o romancista. Mas aí talvez ele desconversasse, e parasse de falar em alemão, e me desse as costas e perguntasse ao meu irmão que tal as argentinas, e elogiasse os spaghetti alla puttanesca da minha mãe. E mamãe não veria a hora de acabar o jantar, para alojar meu livro entre os romances do João, do Mário, do Graciliano e demais amigos do meu pai, intuindo que mais se ufanaria de mim se não me lesse. Mas não se furtaria a uma rápida espiada, e ao abrir o livro a esmo, bateria

os olhos desgraçadamente numa cena de sexo. Menos mau que desta vez não seria um sessenta e nove ou coisa do gênero envolvendo meu pai, mas uma cópula austera entre A.E. e H.B., pianista que merece um capítulo à parte no romance. Pianista que a srta. E. acreditou disposto a levá-la com o filho para uma turnê na América, antes de descobrir que era somente mais uma A. com quem ele se descarregava. Este pianista de quem só me separa uma janela vazada, e que com uma conversa de homem para homem regada a cerveja posso levar a se gabar de suas aventuras galantes. Este velho fauno que acaba de fechar o piano, já vai ao banheiro, daqui a pouco vai se sentar à mesa e logo mais se deitará com a mulher. Mas o Christian não tem pressa, pega a falar que além de poeta é tradutor, traduziu direto do russo toda a obra poética de Pasternak, que em princípio também teria interesse em ver publicada: *Cai a neve, cai a neve/ Não em flocos, nem ao léu/ Mas como por uma pele/ Rota, a abóbada do céu/ Como se a brincar no sótão*… Bruscamente se interrompe, diz que teve uma ideia genial, me faz uma espécie de continência e se precipita dentro de casa. Sinto as mãos vazias, me apalpo todo, dou com a foto de Anne no bolso do lenço do paletó. Mas não era a foto que me faltava, é o Rimbaud que o Christian não me devolveu. Toco a campainha várias vezes, ninguém me atende, vou-me embora sem vontade de voltar para casa. No Riviera não haverão de me negar três ou quatro uísques fiados.

Ele deve estar com a menina em algum hotel. Foi o que eu disse para sossegar mamãe, que passara a noite em branco por causa de maus pressentimentos. De camisola e descabelada, ela fervia o leite para o meu café da manhã quando tocaram a campainha com insistência. Era ele, só podia ser o Mimmo que tinha perdido de novo as chaves, mas ao abrir a porta a baixinha é atropelada por quatro intrusos que sem apresentações indagam se esta é a residência de Domingos de Hollander. Mio figlio!, dov'è mio figlio?, toda vez que está para chorar mamãe regride à língua nativa. Perguntam-me se falo português, anunciam uma busca pelos pertences da hóspede argentina, e sem escapatória os conduzo à valise da Tricita no sofá da sala. La valigia di mia mamma!, protesta mamãe ao ver como eles retalham a canivete o forro da valise, depois de despejarem no tapete as calcinhas, as blusas, as saias, o vestido de bolinhas da Tricita. Não basta, eles procuram cartas, bilhetes, agendas, diários, publicações marxistas, e o vozerio já deve chegar ao escritório onde meu pai, sempre distraidamente atento a tudo, talvez pense que se trata de mais desses jovens ávidos por literatura a quem não nega livros por empréstimo. E quando alguém menciona o nome Beatriz Alessandri, sugere à minha mãe que procure a estante dos hispano-americanos, pois tem lembrança de tal personagem num conto do Borges. Um tipo mais atarracado quer saber de que Borges o velho lá em cima está falando, dado que ele mesmo se chama Borges, conforme me exibe na carteira: *Jorge Borges — Inspetor de Polícia*. Tento fazer graça com a coincidência, aponto o alto da estante fora do meu alcance e lhe prometo um exemplar do seu xará caso haja uma duplicata. Mas o inspetor não está para brincadeira, dá um sinal para que os três grandalhões evacuem a prateleira dos ficcionistas argentinos, e uma primeira edição do El Aleph com a lombada reforçada por esparadrapos vem parar nas suas mãos. Com seu grosso polegar de unha encardida, folheia de trás para a frente o livro a modo de baralho, e entre a capa e a página de rosto acha um cartão que faço questão de lhe traduzir. São umas poucas linhas do editor Gonzalo Losada, recomendando vivamente os contos de Borges ao meu pai. Faço-lhe ver que o bilhete argentino data de 1949, mas ele não quer saber de histórias, ordena a seus asseclas que recolham o livro numa saca de lona, alheio à indignação da minha mãe. Também é descoberta uma folha avulsa dentro de um Cortázar com esta anotação: *Los pocos lectores que en el mundo había* [ilegível] *se pondrán también de escribas*. O Borges chega a debochar da garatuja do papai, que mais lhe parece uma criptografia, e por via das dúvidas confisca igualmente o Cortázar. Chamo-o de lado e lhe explico que essa Beatriz Alessandri, por nós conhecida como Tricita, passou acidentalmente uma noite na casa, mas ninguém lhe deu ousadia para mexer na nossa biblioteca. E proponho uma vistoria no quarto onde ela dormiu, no intento de ditar um limite aos meganhas que já atacavam as prateleiras de chilenos e cubanos. Perturbado em suas leituras, papai assiste da porta do escritório aos quatro sujeitos de cabelos

oleosos e paletó com caspa que sobem a escada atrás de mim. Quem são esses quadrúpedes?, fala, mas essas palavras felizmente só eu entendo, pois a dicção do meu pai, quando nervoso, é pior que a sua letra cursiva. Está com o rosto inflamado, as bochechas trêmulas, e mamãe o faz voltar à espreguiçadeira onde lhe tira a pressão e ministra um ansiolítico para dissolver debaixo da língua. Já no quarto do meu irmão, os agentes correm os olhos pelas paredes de livros e parecem assustados com a tarefa que os aguarda. Passam as mãos por cima dos livros, com esforço os arrancam em blocos para ver o que se oculta por trás, e dão com novas paredes de livros ainda mais compactas, onde as baratas se infiltram como por veios de um mármore. Logo os tiras desistem das estantes e vão vasculhar a escrivaninha do meu irmão, sobre a qual só há revistas de sacanagem, com uma gaveta cheia de camisinhas e vaselina. Mas a segunda gaveta está trancada, obrigando um esbirro a lançar mão de uma gazua. E dali de dentro vejo com espanto emergir uma foto em sépia do meu pai com Anne Ernst, que o Borges larga no meio das piranhas nas capas de revista. Ainda há no fundo dessa gaveta uma pasta de cartolina, de onde ele retira manuscritos alemães do meu pai e um documento que traz impresso no cabeçalho o que me parece o timbre da prefeitura de Berlim. São papelórios da Alemanha, digo, me adiantando para traduzi-los, mas o inspetor, desejoso de mostrar serviço aos seus superiores, ou meramente a fim de punir minha avidez, decide apreendê-los também. Atira a pasta na saca, olha as estantes com ar de entojo e dá por encerrada a operação policial. E depois de acompanhá-los à saída, subo de volta num pulo com receio de encontrar mamãe a xeretar no quarto do meu irmão. Examino agora a olho nu a foto do meu pai muito esguio, de chapéu-coco e gravata-borboleta, abraçado a uma Anne Ernst com a gravidez já aparecente no vestido justo, diante de um sobrado com mesinhas no jardim de inverno. Suponho tratar-se de um café literário, pois no verso vem escrito com caligrafia inclinada para a direita: *Sergio und Anne, Literaturhaus, 11-7-30*. A fisionomia de Anne não era novidade para a minha mãe, que já devia mesmo estar cansada de observá-la com o menino no colo, tentando entender o que meu pai vira nela. Mas na certa vacilaria ao reconhecê-la na figura desta mulher radiosa, muito senhora de si e do meu pai, com o filho dele como um rei dentro da barriga. Escondo a foto por baixo da gaveta arrombada do meu irmão, a quem papai a confiou como em testamento. E compreendo afinal de quem tanto se falava noites adentro, quando os dois sentavam lado a lado no escritório. Porque papai, tanto quanto eu, era incapaz de guardar segredos, mas é óbvio que não iria se abrir com seus amigos do meio artístico, se pretendesse manter um mínimo de reserva em torno do seu affair berlinense. Com minha mãe ele evitaria atiçar ciúmes do passado, melhor deixá-la pensar que nunca mais soube de Anne Ernst, depois que a megera abandonou a criança a cargo do Estado. Mas as explicações que ele pode ter pedido a Anne, as respostas que recebeu ou não, as cartas que remeteu às

autoridades alemãs, o paradeiro de Sergio Ernst que andei investigando com tamanho afinco, tudo isso ele terá revelado de graça ao meu irmão, que talvez mal soubesse onde fica a Alemanha e dificilmente aprenderia algum dia a falar Ernst. E o inventário que tinha desses fatos papai lhe recomendou que trancasse numa gaveta, a qual meu irmão como é provável nunca mais abriu, porque perdeu a chave. E esses papéis estavam hoje em poder da polícia, para serem esmiuçados por algum detetive mal e mal versado em alemão e enfim despachados para um arquivo morto.

Assunta! Assunta! Assunta, cadê o Orlando? Mamãe baixava o fogo, deixava a massa de molho, pedia licença às moças, pegava o Orlando na estante, ou o Ulysses, ou a Lady Chatterley, ou com as tragédias de Sófocles subia ao escritório, descia esbaforida à cozinha, e a cena se repetia toda noite. E cada noite se ampliava o elenco de moças na sala, oferecendo uma espécie de retrospectiva da vida amorosa do meu irmão. Para acompanhar a macarronada traziam garrafões de vinho, e sempre havia um violão para puxar canções de Violeta Parra e Joan Baez. Sentadas no chão, trocavam confidências, lamuriavam, riam baixinho, mas tão logo eu entrava em casa declinavam a vista, pois minha aparição tornava mais sensível, se não intolerável, a ausência do meu irmão. Eu era como um negativo dele até para Eleonora Fortunato, que me ignorava ao distribuir camisetas estampadas com o retrato do filho desaparecido. Essas camisetas mamãe não apreciava, achava agourentas, temia que as moças encomendassem à pintora modelos com a estampa do Mimmo. Mas para Eleonora Fortunato meu irmão era café-pequeno, depois de uns sopapos na delegacia voltaria pimpão, belo como sempre. Comparava-o à valise de Assunta, que uma boa costureira deixaria nova, ao contrário das telas e gravuras que a polícia estraçalhou a canivete na mais recente investida à sua casa. Acrescia que meu irmão tinha um pai ilustre, bem relacionado, em vez de uma mãe destrambelhada igual a ela. Papai de fato recorreu ao secretário de Justiça de São Paulo, que não tardou a ligar de volta a fim de lhe comunicar que não localizara o rapaz nas dependências do Estado. Até o editor da Gazeta, com quem meu pai estava rompido, foi solícito e apurou que nos últimos dias a reportagem não havia registrado acidente de trânsito, briga de bar ou qualquer ocorrência policial envolvendo Domingos de Hollander. Então mamãe enfiou na cabeça que o filho tinha partido com a Tricita para Buenos Aires. Aliás, tinha previsto semelhante desenlace ao presenciar o primeiro encontro daqueles dois, uma fulguração de parte a parte que a transportou à noite em que cruzou com meu pai num corso de Carnaval. E ao notar meu pai cada vez mais abatido, buscava persuadi-lo de que em breve algum portador nos traria cartas e fotos do casal, bem como uns pacotes de alfajores. Às ex-namoradas do meu irmão, mamãe contava o quanto a nora argentina lhe fazia gosto, o quanto havia orado para o filho esposar moça direita. Ainda achou de bom-tom agradecer a Eleonora

Fortunato por lhe ter encaminhado a menina, que com a graça de Deus haveria de lhe dar um neto para o ano. E como ninguém se atrevia a contestar minha mãe, a vigília lá em casa arrefeceu, em uma semana acabaram-se as visitas. Sobrei eu para alimentar seus devaneios, para lhe figurar os noivos em Buenos Aires, ora a tomar chocolate no Café Tortoni, ora a flanar na Plaza San Martín, ora a saudar um poeta cego na Calle Maipú. Eu já me pegava quase a crer nos lances que criava, me via até suscetível de alguma estima pelo meu irmão assim fictício e sua muchacha infiel. Ao mesmo tempo me revoltava ao imaginar a cara do desonrado Ariosto se algum dia reaparecesse na minha frente, o que ao Christian parecia fora de cogitação. A seu ver, com o devido respeito ao meu amigo de infância, a luta armada na América do Sul era uma bravata suicida. Sem querer ser pessimista, o Christian disse que tampouco gostaria de estar na pele do meu irmão, caso o tivessem interceptado com a montonera e sua mochila recheada de correspondência clandestina. E eu que nunca morri de amores por aquele irmão, eu que o teria trocado por um irmão alemão sem pestanejar, passei a me inquietar com a ameaça de ficar sem irmão nenhum. Naqueles dias de incerteza eu partilhava sobressaltos com a minha mãe cada vez que tocavam a campainha de casa. Enquanto eu tremia por notícias funestas, ela ansiava por uma carta, um cartão-postal, um telegrama da Argentina. Mas após algum tempo sem novidades era natural que a campainha me fosse quase indiferente, como deve ficar surdo aos sinos quem mora atrás da catedral. Toda manhã o carteiro trazia livros e livros em embrulhos que mamãe nem mais abria, deixava que se acumulassem no chão da sala. Inútil entregá-los ao meu pai, que agora vivia recostado com os olhos vagos na espreguiçadeira, um Proust fechado no colo e uma bituca de Gauloises entre os dedos. Recusava ir para a cama, mal tocava nos pratos que mamãe lhe levava e só se levantava amparado nela para fazer suas necessidades. O dr. Zuzarte já o examinara, queria interná-lo para tirar umas radiografias, mas papai tinha horror a hospitais. Mamãe portanto arrastou o colchonete do meu irmão para o escritório, onde à noite se deitava, sem pregar olho, ao pé do marido. E a fim de atender a qualquer emergência, passei a dormir de porta aberta no quarto do meu irmão ali contíguo. Dado a incursões sorrateiras naquele cômodo, para apanhar um Unamuno ou devolver um Lorca, eu nunca pudera sequer me sentar na cama dele. E agora fui tomando gosto pela maciez do seu colchão, pelos lençóis que por mais que se lavassem não perdiam o cheiro de mulher. Ao despertar, dei para me servir do seu guarda-roupa, arregaçando as barras das suas calças Lee e as mangas das suas camisas de linho, que me batiam nas coxas à guisa de túnicas. É possível que papai se iludisse ao me ver com aqueles trajes, porque ficava agitado, fazia menção de falar alguma coisa, arquejava, arquejava, depois tossia. E um dia em que mamãe saiu para a missa, me ocorreu mostrar ao velho sua foto com Anne no café literário, a fim de estimular suas mais caras reminiscências. Ocupei pela

primeira vez a cadeira ao seu lado, me curvei sobre a espreguiçadeira e me arrisquei até a cantar a valsa do Anjo Azul à maneira dele, enquanto levava a foto daqui para lá, em círculos, em zigue-zague, com a ideia de que seus olhos a seguissem. Mas ele mantinha os olhos fixos em mim, uns olhos assustados que repentinamente me lembraram a expressão do pequeno Sergio Ernst no colo da mãe.

Não era de hoje que mamãe rezava a novena de San Gennaro por intenção do meu pai, esperançosa de que ele ainda viesse a recuperar a fé. E nos últimos dias ela queria me convencer de que, com seus penosos estertores, ele manifestava sua contrição pelos não poucos pecados cometidos ao longo da vida. Pelo que sei do meu pai, nem o conhecimento dos textos sagrados, nem mesmo as meticulosas leituras da Suma Teológica o fizeram menos ateu. Contudo, posso até conceber que ao se ver à beira do inferno, que em seus pesadelos talvez fosse uma eternidade sem livros, ou uma livraria infinita com livros em brasa, ele fraquejasse. Também pode ser que se sujeitasse esta noite ao sacramento para fazer um derradeiro agrado à minha mãe. De qualquer modo, queira ou não queira, ele já não tem forças para enxotar o velho padre Bonnet, que chega com os santos óleos para a extrema-unção. E quando vê de perto as barbas brancas do padre, meu pai emite uma voz crepitante: São Jerônimo… É um delírio, claro, mas dá ares de milagre ele se pronunciar nesta circunstância, após tantos dias mudo. Meu filho, diz o padre, sou o vigário Bonnet e venho da igreja do Calvário lhe trazer a bênção dos enfermos. Mas papai insiste: São Jerônimo… São Jerônimo, cadê a Assunta? E mamãe, tomando sua mão: estou aqui, Sergio, devo buscar o São Jerônimo na estante? Papai aperta a mão dela, silencia, e o padre dá início à sua oração: por esta unção e por sua grande misericórdia, o Senhor te perdoe… Soa a campainha, e desço para atender à porta apreensivo porque não são horas de carteiro. É um motorista particular que me entrega um pacote de livros e um bilhete do secretário de Justiça com um pedido de desculpas pelo mal-entendido. Descarto os Borges, os Cortázar, os Neruda e dois volumes de poesia de Nicolás Guillén, para alcançar no fundo do pacote a pasta de cartolina. Dentro da pasta, dou por falta do papel timbrado que me lembro de ter visto nas mãos do inspetor. Mas posso inferir o seu teor pelos manuscritos do meu pai, em três rascunhos de cartas incompletas que assim traduzo:

Ao Tutor Municipal
Câmara Municipal de Berlim

Rio, 15 de dezembro de 1936

Prezado senhor!

Desde o recebimento de sua carta de 15 de maio de 1936, tenho feito pesados esforços para coletar todos os documentos necessários à adoção de Sergio Ernst na Alemanha. Conforme lhe preveni, as certidões de nascimento brasileiras não bastam à corte alemã, porque delas não se depreende a religião,

Falei ao senhor da possibilidade de conseguir as certidões de batismo de meus antepassados. Como o catolicismo era a religião do Estado brasileiro até 1889, certidões de batismo eram, na verdade, as únicas certidões de nascimento então existentes. É muito difícil, porém, quase impossível, conseguir esses documentos, uma vez que seria necessário saber de antemão e com certeza em que lugar (cidade e igreja) eles se encontram. No meu caso, essa investigação é ainda mais difícil porque meus antepassados provêm de diversos

Rio, novembro de 1937

Ao Subprefeito
da Administração Regional de Tiergarten, Berlim
Secretaria da Infância e da Juventude, Tutela Pública

Desde a minha resposta à sua carta de 26 de maio de 1937, esforcei-me bastante para conseguir todas as certidões necessárias, minhas e de meus antepassados, a fim de comprovar a origem ariana do menino Sergio Ernst, que se encontra sob tutela pública. Infelizmente, as condições aqui no Brasil não facilitam essas investigações. Até 1889, não existiam nem sequer certidões de nascimento, porque o catolicismo era, até então, nossa religião estatal, e as únicas certidões eram

Até o momento, tenho apenas minha certidão de batismo, a certidão de batismo de minha mãe e a certidão de casamento dos meus pais. Nem mesmo a certidão de batismo de meu pai consegui obter. Escrevi sem sucesso para Pernambuco — o estado de nascimento de meu pai, bem distante do Rio. Não souberam me informar sequer a igreja onde meu pai, já falecido, foi batizado.

Não seria possível enviar uma soma mensalmente para o sustento do menino? Agora que ele vai fazer sete anos, renovo minha sugestão e peço encarecidamente ao senhor que a transmita à srta. Ernst. Eu lhe ficaria muito grato por esse empenho. Caso Sergio Ernst pudesse vir para cá, eu teria grande alegria em lhe propiciar uma boa educação. Caso isso não seja possível, pergunto ao senhor a quem

devo

Envio-lhes em anexo a certidão de batismo de minha mãe e a minha, bem como a certidão de casamento de meus pais.

Rio de Janeiro,

Prezado senhor,

Desde a sua última carta, procurei repetidas vezes

Meus esforços não foram, portanto, profícuos. Não recebi resposta às cartas nas quais solicitei

An
den Bezirksbürgermeister
des Verwaltungsbezirks Tiergarten
Wohlfahrts- und Jugendamt
Abt. Amtsvormundschaft

Rio de Janeiro, XI/37

Sehr geehrter Herr

Seit meiner Antwort an Ihre
Brief vom 26.5.1937 habe ich mir viele
Bemühungen gegeben alle notwendige
Personenstandsurkunden für mich und
meine Vorfahren zum Nachweis der
arischen Abstammung des Kindes Sergio
Ernst unter Amtsvormundschaftstehend
zu beschaffen. Leider erleichten nicht
die Verhältnisse hier in Brasilien solche
Untersuchungen. Man hatte sogar keine
amtliche Geburtsurkunde bei uns
bis um 1889 weil der Katholizismus
bis dahin unsere Staatsreligion war,
und so waren die einzige Urkunde
vorhanden die Taufscheine.

— Alu?

— Michelle? Pardon, madame Beauregard?

Ela não me responde, nem desliga, parece largar o fone fora do gancho. Talheres que triscam louças, pão cortado a faca de serra, batidas de saleiro entupido contra a mesa, ouço ruídos do jantar de uma família sem assunto, tirante a gata que não para de miar. Embolso as cartas ao ver mamãe que desce com o padre, beija-lhe a mão, abre-lhe a porta, sobe de volta para meu pai, e continuo pendurado no telefone à espera do Christian. Penso nos sentimentos da minha mãe em relação a Sergio Ernst, que para ela supostamente vivia desde tenra idade com uma família de adoção. Ela sem dúvida reservaria um espaço em suas preces para que o alemãozinho crescesse saudável, não tivesse complexos por ser filho postiço, nem viesse um dia reclamar sua parte na mirrada herança dos Hollander. Porém, se porventura mamãe ficasse a par da condição periclitante do menino, seria capaz de querer adotá-lo ela mesma, incitaria meu pai a resgatá-lo em Berlim no meio da guerra. E perante essa jovem esposa napolitana que o tinha em tão alta conta, era compreensível que papai omitisse seu fracasso em missão bem mais modesta aqui no país. Neste momento sobrevém um acorde de piano, seguido dos passos ligeiros do Christian escada acima. Desligo o telefone, releio, tresleio as cartas, e me pergunto se meu pai ainda solteiro, insatisfeito com os resultados de suas consultas, não terá empreendido pessoalmente uma pesquisa acerca de seus antepassados em Pernambuco. E à força de fuçar arquivos de cartórios e de paróquias em ruínas de engenhos de açúcar, quem sabe logrou, sim, os dados genealógicos que lhe faltavam. Mas, nesse caso, por um ou outro motivo não julgou conveniente enviar a Berlim o que encontrou. Esses particulares eu carecia de comentar com o Christian, que costuma opinar sem rodeios a respeito de qualquer tema. E ainda por cima é filho de judeu, por menos que o queira admitir, como sabe lá se sou bisneto de escravos, ou mesmo de um rabino de Amsterdam. O Christian talvez tivesse resposta sobre a sorte de uma criança de estirpe duvidosa, à mercê da administração pública na Alemanha nazista. Seria esquecida num armazém? Seria julgada pela qualidade dos cabelos? Seria condenada pela anatomia do nariz? Pelo sim, pelo não, poderia um burocrata entediado assinar a sentença fatal? Torno a ligar para o Christian, dá sempre sinal de ocupado, e já passa das dez quando mamãe se recolhe ao escritório onde meu pai ronca regularmente. Decido ir à casa dos Beauregard, que encontro mais sombria do que nunca à contraluz da lua. Empurro o portão, contorno a casa, há uma lâmpada acesa no quarto dos fundos, e quando dou por mim, sem querer chamei o Christian com o velho assobio do Zorro. Ele não me assobia de volta, porque na certa não sabe assobiar, mas abre a janela sem se espantar comigo àquela hora de improviso no seu quintal enluarado.

Assim como o Ariosto raramente me recebia em casa, o Christian sempre

fez mistério sobre aquele quarto onde nem a mãe entrava, nem a aeromoça, nem ninguém. É de fato um quarto abafado, cheirando ao seu corpo e a nicotina, mas o cenário não difere muito do que eu previa, uma bagunça de livros até nos cantos da cama de lençóis retorcidos. Depois de me exibir uma camisa vermelha da seleção soviética com CCCP em letras brancas, ele cata no chão um volume de poesia de Пýшкин, isto é, Púchkin, e me faz sentar ao seu lado na cama, decidido mais uma vez a me iniciar no idioma russo. Mas eu vinha com o propósito de lhe falar do caso Sergio Ernst, e o estado do meu pai não me permite demorar na rua. E quando lhe conto do meu pai agonizante, engasgo. Pareço adivinhar que logo mais, ao ouvir meus passos na sala de entrada, mamãe se debruçará no guarda-corpo da escada e me dirá para subir depressa: súbito!, súbito! Vai arregalar seus olhos verde-garrafa, ligeiramente vesga como jamais a vi, e cairá no choro: è morto!, tuo papà è morto! Chorará ao me dar a notícia talvez muito mais do que se a recebesse, pegará a tatear minha cara feito uma cega. Então a estreitarei em silêncio contra o peito e beijarei seguidamente sua cabeça. Quando eu a embalar de leve, ela por instantes vai se distrair, para recobrar o pranto no arranco da própria voz: tuo papà, figliolo!, è finito! No escritório, o dr. Zuzarte e um sujeito obeso me darão os pêsames e voltarão a confabular de costas para o meu pai. Espiarei uns livros, pensarei em girar a estante giratória, resistirei a encarar meu pai na espreguiçadeira quase tal qual estava ainda agora, de olhos fechados como tantas vezes ficava ultimamente. Mas o que de relance me dará a impressão de um simulacro, de uma estátua mortuária com retoques, será devido à falta dos óculos na sua testa e de algum livro no colo, além da mão direita à feição de segurar cigarro sem o cigarro. De resto vestirá o habitual pijama bege, e seu semblante terá a cor acinzentada dos mortos que ele já vinha adquirindo em vida dia a dia. Permanecerei um tempo em estupor a um passo daquele pai defunto, que mamãe ainda afagará nas faces e nos cabelos. Quando ela descer para providenciar água e café, vou querer beijá-lo como nunca me permiti, mas sentirei repulsa ao contato da sua testa gelada. E ao recuar esbarrarei no gordo, um agente funerário que terá acabado de receber do doutor o atestado de óbito para adiantar os papéis no cartório amanhã cedo. E que aproveitará para me expor os modelos de caixão no seu catálogo: *Colonial: Cr$ 1300,00*, *Prestige: Cr$ 1500,00*, *Chanceler: Cr$ 1750,00*… Não fosse pela minha mãe eu iria respirar lá fora, ou tomaria um trago no Riviera, ou procuraria um cinema com sessão à meia-noite, ou puxaria conversa com algum transeunte: sabe onde fica a avenida Paulista?, está indo para lá?, obrigado, é que meu pai morreu. Aí quem sabe eu desatasse a chorar tudo o que precisava, como por pouco não choro agora na cama do Christian ao lhe traduzir as cartas do meu pai. E quando tropeço em suas frases inconclusas, entendo que ali meu pai interrompeu sua escrita para não chorar por sua vez de raiva, de humilhação. No fim da minha leitura o Christian olha para o chão,

meneia a cabeça, e eu já estava preparado para um parecer severo. Notícias alvissareiras não eram seu forte, e com efeito ele considera remotas as possibilidades de o garoto ter se safado, quanto mais se tivesse alguma parecença comigo. Argumenta ainda que, se vivo fosse, a esta altura já teria se informado da identidade do pai, e por intermédio da embaixada brasileira chegaria sem dificuldade ao renomado professor Sergio de Hollander. Resta crer que Sergio Ernst não se interesse por esse encontro, quer porque seja hoje um homem amargurado, ressentido com o pai, quer porque tenha se tornado um homem próspero, desdenhoso de parentes no Terceiro Mundo. Seja como for, o Christian aposta que não me sobrará mais tempo nem cabeça para essas histórias de irmão alemão, agora que a biblioteca do meu pai vai me pertencer. Passarei os dias ocupado em contemplá-la, terei mesmo a presunção de ler e absorver seus livros todos, que minha mãe já me trará antes que eu lhe peça. Deverei por sinal me desdobrar em cuidados com d. Assunta, pois em casais assim entranhados, segundo o Christian, a viuvez costuma ser breve. Quando um dia ela me faltar, ele desde já se oferece para reordenar meus livros, caprichoso passatempo para quem foi criado numa casa desprovida de estantes. E depois do expediente na Aliança Francesa, estará sempre disponível para me fazer companhia no escritório ou num bistrô à minha escolha. Do mesmo modo, assim que ele se mudar para um apartamento de solteiro, poderei procurá-lo a qualquer hora sem constrangimentos, pretextos, artimanhas, sem mais namoradinhas de aluguel ou editoras de araque. Olho meu relógio, faço menção de me retirar, mas o Christian segura meu braço e me revela que tem pensado em largar a Aliança a fim de atender à alta demanda de aulas particulares. Poderia até me ceder alguns alunos e, se eu estivesse de acordo, arranjaria um alvará para abrirmos um curso de idiomas na minha casa. Ainda nos restariam noites e madrugadas para tocarmos a valer nossos projetos literários. Conta com meu olhar rigoroso sobre a sua poesia, pois da minha alma delicada já lhe dei prova ao presenteá-lo com o livrinho do Rimbaud. Em troca, me incentivaria a investir por exemplo num romance de formação, em que eu tratasse da minha infância conturbada, dos meus conflitos familiares, dos meus impasses sentimentais. Começa a me incomodar a fala ciciante do Christian no meu ouvido, um palavrório confuso em que alterna português e francês aleatoriamente. E quando com a mão no meu joelho diz que não poderão faltar no romance minhas inquietações de adolescente, minha sexualidade aflita, minha atração por outros meninos, me levanto de forma um tanto abrupta. Depois receio tê-lo melindrado por coisa à toa, mas ele reage com naturalidade: já vai? Põe-se a folhear seu Púchkin e sem erguer os olhos me recomenda que deixe a casa de mansinho para não acordar seus pais. Recomendação escusada, pois já no meio da escada percebo luzes no andar de baixo, escuto miados, um resmungo de velho. E é quase enternecedor deparar com Heinz Borgart de cuecas, agachado na cozinha, a verter no pratinho

da gata um dedo do leite de seu copo. Noutra situação talvez me faltasse esta audácia de lhe dirigir a palavra: professor Beauregard? Enquanto a gata se arrepia toda, ele se apruma e me interpela com acento áspero: o que o senhor faz aqui?, o senhor entrou pela janela? Peço perdão, admito que tenho sido impertinente. No meu afã de abordá-lo apelei até para sua esposa, mas madame Beauregard já me deixou claro que o maestro não deve ser molestado. Ainda assim, em última instância procurei esta noite o seu filho, que talvez soubesse me informar se é possível encontrar em disco a Türkischer Marsch de Mozart por Heinz Borgart. Mas com o Christian perdi meu tempo, nem o Tripelkonzert do Schubert que o senhor gravou para a Haydn Society ele conhece. Depois de beber seu leite o pianista já se mostra mais sereno, visivelmente bem impressionado com minha pronúncia dos nomes alemães. Então declaro acompanhar sua trajetória musical há anos, desde que li alusões ao seu talento em antiga carta enviada a meu pai por Anne Ernst. O senhor há de se lembrar de Anne Ernst, é esta Fräulein aqui com a criança no colo em 1931. Passo a foto a Heinz Borgart, que por um triz não esmaga a gata ao sentar no tamborete: criança feia…, mulher robusta…, 1931…, mas oh! sim, a mãe celibatária e o filho chorão, se não me engano tirei eu mesmo este retrato. Pois bem, digo eu, o menino é meu irmão por parte de pai. Quer dizer que seu pai é o famoso cantor, aquele? Segundo Heinz Borgart foi a sra. Schmidt, ou Schneider, enfim, foi a zeladora do seu edifício quem lhe contou que a vizinha fora engravidada e abandonada por um cantor de tangos. Ou seria o compositor de cinema, aquele judeu que fugiu para Hollywood? Talvez a memória também se perca na tradução, porque depois que lhe solicito a gentileza de me falar em sua língua, seu relato flui abundantemente: observei à zeladora Frau Schumacher que, apesar de eu sentir muito pela tal vizinha, a lei do silêncio deveria valer para todos os moradores. Eu estava orgulhoso do meu novo apartamento na Fasanenstrasse, num último andar com sala ampla o suficiente para meu Bechstein de cauda, não sei se o senhor me entende. Só me aborrecia ter de fechar o piano às dez da noite, quando ninguém se ocupava de calar a boca da criança com uma mamadeira, uma chupeta, um chumaço de algodão, enfim. Mas o neném trocava a noite pelo dia porque somente a música o acalmava, assim justificou-se comigo a srta. Ernst no pátio interno do edifício, aqui mesmo onde bati este retrato numa tarde de verão. Mãe e filho habitavam um quarto no rés do chão do segundo bloco, e meus ensaios reverberavam no pátio como numa concha acústica. Quando às dez da noite baixava o silêncio, ela ainda o tentava ninar cantando o acalanto do Brahms, mas o neném era exigente, uma nota em falso já o irritava. Compadecido, concedi recebê-los uma ou outra noite no meu apartamento, onde com o piano em surdina dedilhava as últimas teclas, imitando caixinha de música até ele pegar no sono. E retomava a musiquinha toda vez que ele despertava, pois Fräulein sem se dar conta exaltava a voz

sempre que me falava do pai da criança. Ainda posso ouvir suas risadas a relembrar como se encantou por ele na cafeteria da UFA, a companhia cinematográfica alemã, mas o senhor seu pai nunca lhe relatou essa passagem? Ao ouvir da garçonete o nome do cavalheiro, a srta. Ernst entendeu que se tratava de Friedrich Holländer, autor da música do filme O Anjo Azul, então rodado naquele estúdio. Já ele a cortejava à distância confundindo-a com a dançarina austríaca Lily Ernst, que talvez contracenasse com Marlene Dietrich no cabaré do mesmo filme. E de tanto se entreolharem, já viviam, no dizer dela, uma paixão irremediável quando foram apresentados, ela uma datilógrafa de plantão a serviço dos roteiristas da UFA, ele um correspondente mal pago de jornal sul-americano que, por um punhado extra de marcos, redigia em sua língua legendas de filmes alemães. Gabava-se Fräulein de que com menos de um ano em Berlim o namorado dominava nosso vocabulário à perfeição, leitor voraz que era. Em consequência de tão intensas leituras, mesmo seu alemão coloquial era literário. Antes de articular suas belas frases ele as transcrevia e passava a limpo em pensamento, assim como conferia numa tela mental as palavras que ela lhe dirigia. E quando ela lhe comunicou que esperava um filho seu, ele se deteve longo tempo a mirá-la com seus olhos míopes. Só no dia seguinte se disse exultante com a novidade, trouxe-lhe um buquê de violetas e levou-a para beber num Biergarten. Sempre que a deixava em casa tarde da noite, ele ouvia reprimendas de Frau Schumacher por cantar em alta voz as cançonetas do seu país. E só não convidava mais Fräulein para dormir consigo porque seu quarto de pensão se abarrotava de livros à proporção que a barriga dela crescia. Mas a fim de melhor assistir a gestante, entrado o outono passou a pernoitar de vez no domicílio dela, com o que de quebra poupava seus gastos com calefação. Do último inverno guardara apenas as ceroulas, seus agasalhos de lã tinha vendido para acertar as contas numa livraria. E, em fins de outubro, hesitava entre um mantô de segunda mão e uma primeira edição do Zaratustra, quando o jornal que o enviara à Alemanha o convocou de volta ao seu país, então agitado por mais uma revolução. Debaixo da primeira neve Fräulein o acompanhou num caminhão até o porto de Hamburgo, a fim de ajudá-lo a despachar uma batelada de baús. E teve certeza de que nunca mais o veria quando ele subiu a escada arrastando duas malas grandes e, esquecido de lhe acenar, sumiu no portaló do navio em que ela por óbvio não embarcaria aos oito meses e tanto de gravidez. Em suma, notícias das personagens desta foto, se é o que o senhor procura, não tenho muito mais a lhe oferecer. A srta. Ernst, depois de me narrar sua história de amor, fez-se taciturna em suas visitas, não raro dormia enroscada com o filho no meu sofá. E quando lhe anunciei que estava de partida para lecionar no Conservatório de Colônia, com um vibrato na voz disse: é sempre assim, é sempre assim. Julguei que ela estivesse a lacrimejar pelo menino insone, a quem deixei de lembrança uma caixinha de música. Certo de

que o pimpolho tinha forte vocação musical, ainda me comprometi a lhe dar aulas diárias de piano no meu regresso a Berlim. E logo no segundo ano pedi dispensa do conservatório, pois embora amasse Wagner, era impedido de apresentar aos meus alunos um Mendelssohn, um Mahler, compositores proscritos pelo novo regime. Entretanto eu já havia deliberado me mudar para Paris ao encontro de Michelle, que conheci num festival de teatro amador em Colônia e que se preparava para um teste na Comédie-Française. Fui me despedir de minha mãe em Berlim e de passagem estive no edifício da Fasanenstrasse, com a intenção de apanhar minha correspondência e mimosear a srta. Ernst com uma água-de-colônia. Mas Frau Schumacher já não trabalhava lá e o novo zelador desconhecia Fräulein e seu filho. E agora o senhor vai me dar licença porque o sono bateu, preciso voltar para a cama. Leve sua foto, tenha uma boa noite, e da próxima vez que quiser se avistar com meu filho, por favor o faça num hotel ou em qualquer espelunca longe daqui, não sei se o senhor me entende. Oh, o Tripelkonzert a que o senhor se refere devem ser as Drei Klavierstücke de Schubert. E, sim, minhas congratulações ao senhor seu pai, porque Anne era uma mulher deveras interessante. Atenção ao degrau, o poste de luz está sem luz. Psiu. Já para dentro, Piaf.

A vida não passa de uma longa perda de tudo o que amamos, disse Victor Hugo. E com as palavras do imortal francês pranteio, em nome da Academia Brasileira de Letras, o grande intelectual que ora nos deixa, professor Sergio de Hollander. Um assistente do orador puxa aplausos que não vingam, porque os presentes não podem abrir mão dos guarda-chuvas que mal os protegem do temporal. Calculo pelo menos uma centena de cabeças sob um mar de guarda-chuvas pretos, como num extenso porão de teto gótico, não muito abaixo do teto de nuvens cor de grafite. Em meio àquela multidão de sombras tenho a impressão de reconhecer o Stefan Zweig, o Hemingway, o Scott Fitzgerald sem a Zelda, até um Oscar Wilde com paletó de veludo entrevejo mais ao fundo. Mas na realidade nem os escritores amigos do meu pai compareceram, os poucos ainda vivos moram no Rio e aviões não decolarão com um tempo desses. Presumo que sejam velhos admiradores de seus escritos, além de bibliotecárias aposentadas, antigos encadernadores, ex-arquivistas e conservadores de museus, essas gentes de roupas escuras que após o discurso se revezam à beira do túmulo para os cumprimentos à minha mãe e um ou outro gesto de cabeça na minha direção. Apoiada no padre Bonnet, mamãe tampouco parece atinar com aquelas figuras, meio grogue como está desde o velório lá em casa, onde a fiz tomar um diazepam do meu pai. Há ainda uma grande aglomeração à nossa volta quando se abre passagem para um cidadão de mãos livres, disputado pelos guarda-chuvas dos seus guarda-costas. É um chefe de gabinete que traz as condolências do governador do estado à viúva do professor Hollander. E por trás desse alto funcionário surge Eleonora Fortunato toda encharcada numa camiseta branca, já

transparente, com a estampa do filho sobreposta a uns seios ainda firmes sem sutiã: excelência, por favor mande um beijo para a sua esposa, Analu. Mandarei sim, obrigado, obrigado. Caso a Analu não se lembre de Eleonora Fortunato, fomos apresentadas na Petite Galerie por Ulrich Heydrich, o alemão amante dela. Após um grave silêncio uma senhora se manifesta: mas que grosseria, dona! Grosseria? grosseria é esse governo não soltar o filho da Assunta nem para enterrar o pai. O chefe de gabinete bate em retirada com seu séquito, ato contínuo os demais guarda-chuvas giram uns atrás dos outros feito uma engrenagem, para se dispersarem nas aleias do cemitério.

O professor Hollander é uma besta! Por mais desprezíveis que fossem meus leitores, eu reproduzia suas considerações ipsis litteris e não me furtava a um diálogo democrático: *Aconselho-lhe a leitura de Machado de Assis, meu estimado e iletrado sr. J.B. Aconselho-lhe é a puta que lhe* [sic] *pariu, professor Hollander!!!* No princípio eu próprio me endereçava uns textos, tomando por modelo as escrevinhações do meu irmão em seus cadernos escolares. Depois comecei a receber redações de leitores num português ainda mais indigno, que por pouco não me levaram a abandonar o abnegado ofício. Corrigia-os com certa impaciência, que muita vez suscitava respostas malcriadas, sucedidas por comentários mordazes de terceiros, mas no frigir dos ovos éramos sempre os mesmos membros de uma comunidade restrita. Até que um veterano jornalista da Gazeta, em nota num hebdomadário de grande circulação, publicou que o nome do meu saudoso pai vinha sendo conspurcado no blog de um gramático oportunista e pedante. A partir daí, conforme vaticinou a Natércia, multiplicaram-se meus seguidores, exacerbou-se a troca de insultos, conquistei cada vez mais anunciantes, cheguei a fazer um pé-de-meia. Eu havia procurado a dra. Natércia depois do falecimento de mamãe, quando caducou a pensão do meu pai e me vi em apuros. Ter os livros como ocupação exclusiva tornava-se inviável, eu em tese precisaria me desfazer do meu patrimônio para poder usufruí-lo. No limite seria como, a fim de salvar do naufrágio uma biblioteca flutuante, lançar ao mar os livros mesmos que davam sentido à minha viagem. Para ganhar tempo, cogitei vender a um sebo alguns quilos de romances mais que lidos e sabidos, mas ao folheá-los percebi que recordava apenas fragmentos de suas narrativas, nomes de personagens, personagens trocadas de livros, frases soltas, lampejos, rescaldos de um sonho. E por cima dos meus ombros ainda pairava o vulto de mamãe, que teria horror a ver a biblioteca fatiada, até por admirá-la mais por fora que por dentro. Determinada a mantê-la íntegra dera mesmo um passa-fora num bibliófilo rival do meu pai, que já na manhã do velório cravara seu olho gordo nos onze volumes quinhentistas da estante da sala. O enxerido passou a lhe mandar bombons, a visitá-la nas horas mais impróprias, e nem esperou mamãe aliviar seu luto para lhe fazer uma proposta em dólares pelo lote completo. Compreendo que mamãe se ofendesse, mas depois de uma vida ao lado do meu pai, ela deveria ter aprendido que um homem com comichão por livros está sempre sujeito a perder a compostura. E tenho de admitir que minha mãe às vezes abusava da própria inocência, pois deixar à vista de um colecionador obras assim preciosas, suas capas de couro polidas com cera de abelha, era quase como assear anjos para um pervertido. Creio porém que tratar dos livros fosse nela uma vaidade tão singela quanto arrumar os cabelos, porque no fundo ela sempre soube que meu pai, embora marido extremoso, não a distinguia muito bem da biblioteca. E ela não desleixaria o serviço só porque ele não estava mais ali de corpo presente, pelo contrário, pôde dedicar mais tempo à

arrumação da casa desde que renunciou às tortas de frutas e trocou a pasta caseira pela industrial. Mesmo sem enxergar já quase nada, montava no escadote de cinco degraus com uma flanela, um escovão e um espanador, e desempoava os volumes mais recônditos, esfregava suas capas e lombadas, farejava-os em busca de fungos ou traças e os encaixava de volta aos seus postos. Eu a seguia de braços abertos por precaução, e um dia em que ela revistava a estante do corredor, observei seus desvelos com uns ingleses do fundo da prateleira, entre os quais O Ramo de Ouro. Mamãe não costumava remexer o interior dos livros, onde o mais banal vestígio do meu pai era sagrado. Mas dessa vez abriu, cheirou, tornou a cheirar, sacudiu O Ramo de Ouro até que a carta de Anne Ernst se soltou e veio ao chão. E seus ouvidos cada dia mais apurados, em contrapeso à perda da visão, detectaram o pouso do envelope: que barulho é esse? É uma carta em alemão para o papai, quer que eu leia? *Berlim, 21 de dezembro de 1931. Querido Sergio. Pelo teu silêncio adivinho que estás como sempre nos teus livros imerso. Desolada por…* Ao ver mamãe mal se equilibrando no topo do escadote, a me fitar com seus olhos embaciados, emendei: *Desolado por não mais me perder contigo nas ruas de Kreuzberg, desejo-te um feliz 1932. Com amizade e admiração, Walter Benjamin*. Noutros tempos eu não perderia a oportunidade de ler de cabo a rabo a carta de Anne, a fim de introduzir Sergio Ernst sem mais reservas nas nossas prosas. Poderia até lhe mostrar a foto do papai em Berlim com Anne em estado interessante, num escambo por segredos relevantes que ela tivesse a me revelar. Mas àquela altura já não tinha cabimento indagar acerca de um irmão perdido na Alemanha à minha mãe, que mais e mais se agoniava com a falta de notícias do próprio filho. Era rara a noite em que não descia para lhe abrir a porta, despertada por um toque de buzina ou pelos passos de um gambá lá fora. Também era vezeira em penetrar de madrugada no antigo quarto dele, achegar-se devagarinho e tocar meus cabelos engorovinhados, para se convencer de que não era ele ali dormindo. Eu nem podia mais lhe dar bom-dia ao entrar em casa, pois ao ouvir minha voz vibrante ela se pendurava no guarda-corpo da escada: Mimmo? Depois me acusava de lhe pregar peças, não bastasse tê-la engambelado com invencionices de Argentina: burlar de uma cega é pecado, Ciccio! E de nada adiantava o dr. Zuzarte insistir que a catarata se curava com uma cirurgia simples. Curar a vista para quê, dizia ela, para me espaventar diante do espelho? Usava bengala branca para ir à igreja, em casa andava tateante com uma vassoura para cima e para baixo, e sem errar a mão no sal cozinhava atenta ao noticiário do rádio. Ela que nunca foi de política agora conhecia pelo nome congressistas, ministros, altas patentes do Exército, Marinha e Aeronáutica, achava o presidente Médici mais sinistro que o Mussolini, mas aumentava o volume sempre que passavam a propaganda oficial, porque a locução do Mimmo seguia no ar: quem não vive para servir ao Brasil não serve para viver

no Brasil. De manhã me pedia que lhe lesse os jornais e abrisse a correspondência, que consistia sobretudo em livros que as editoras não paravam de mandar para o meu pai. E, entre avisos publicitários e contas de luz e gás, certa vez tive em mãos um envelope de borda azul e branca destinado a Assunta de Hollander: caspita, mamma, chegou uma carta da Argentina! E ela: macché Argentina, Ciccio, não faça o espirituoso. Mas sim, era uma carta de Eleonora Fortunato, com o convite para o vernissage na Galería Bonino de Buenos Aires, onde ela expunha suas últimas colagens declaradamente inspiradas no suplício do filho. Mulher valente como la Garibaldi, dizia mamãe, não fosse eu tão decrépita e saía com a Eleonora em defesa do meu filho, botava a boca nel mondo igual a ela. Com indiretas do gênero, mamãe queria me censurar por passar os dias na espreguiçadeira, em vez de tomar sabe lá que atitudes. Num jantar, deixou escapar que já ficaria satisfeita se eu desse ao Mimmo metade da atenção que dedicava ao outro. Que outro?, perguntei de um salto. Que outro, mamma? E ela, nada, pôs-se a catar farelos de pão na toalha de mesa. Mas, a exemplo da própria Eleonora Fortunato, eu estava crente que depois de prestar depoimento, tomar alguns sustos e cumprir uma quarentena, meu irmão seria solto sem maiores danos, por evidentemente alienado de questões políticas. Ele contaria ainda com o testemunho de Beatriz Alessandri, pronta a inocentar o gentil-homem que se oferecera para carregar sua mochila. A Tricita repudiaria qualquer insinuação de intimidades com Domingos de Hollander, e nem precisaria ser tão coagida e despida e violada para entregar o nome do seu noivo, que já tinha caído em desgraça e não sofreria punições suplementares por namorar uma mera pombo-correio argentina. Ao meu irmão, como procedimento de rotina, numa última entrevista perguntariam se por acaso tinha relações com um certo Ariosto Fortunato, o que ele naturalmente negaria. A não ser que por um excesso de zelo, ou só de imaginar seus testículos estrangulados num torniquete, confessasse conhecer de vista o elemento supracitado, amigo do seu irmão Francisco de Hollander, vulgo Ciccio. Então seria liberado, quem sabe pegaria até carona com um tal inspetor Borges, e ao bater à porta de casa se anunciaria em alto e bom som: bom dia, mamma! Você quer me enlouquecer, Ciccio, diria mamãe, mas assim que fosse erguida do chão e carregada aos rodopios pela sala, exclamaria: Mimmo! Passaria ainda os dedos por entre seus cabelos e esgoelaria: santa Madonna, é próprio Mimmo! E me chamaria para abraçá-lo: súbito, Ciccio, è il tuo fratello! Mas eu não estaria mais lá, o inspetor Borges teria me arrastado para uma conversinha no quartel-general do Exército. Amarrado num assento metálico, cheio de fios espetados pelo corpo nu, era esperável que eu tivesse muito que contar do meu melhor amigo, um cabra com colhões no dizer dos seus algozes, um que suportou sem abrir o bico o que ninguém suporta, um que terminou seus dias feito um zumbi, de tanta porrada no crânio e tanto pentotal nas veias. Já eu, submetido a descargas elétricas intermitentes, em dúvida se era

mais lancinante a dor em si ou sua expectativa, não pretenderia me tornar um herói da resistência. Mas tampouco teria como cooperar no interrogatório sem nada saber dos descaminhos do meu amigo, dos seus colegas de armas, dos seus pontos de encontro, do organograma do seu grupo, dos seus contatos no exterior, dos seus nomes de guerra. Só me viriam à cabeça segredos da minha infância com o Pernalonga, o Capitão Marvel, o Homem Borracha e que tais, e ao ouvir meus balbucios o major enfurecido aceleraria a manivela de modo a intensificar a corrente elétrica, o que me provocaria vômitos, convulsões e inopinadamente uma parada cardíaca. Olha que cagada você me aprontou, seu débil mental, diria o coronel, e o major débil mental ainda tentaria me reanimar com nova sessão de choques, antes de mandar vir o médico que já não teria o que fazer. Ao me ver ali com a cabeça torta e os olhos vidrentos, o dr. Zuzarte diria: mas eu não avisei que o rapaz era cardiopata? e agora? E agora deitariam meu corpo numa viatura com placa fria, que por quatrocentos quilômetros de estrada me conduziria a uma praia ao alvorecer. E só assim eu chegaria à Copacabana de que a Maria Helena tanto me falava, com o cheiro da maresia que ela descrevia como o hálito das ondas, contaminado embora pelos odores do meu e de outros corpos estendidos na areia. Os urubus seriam espantados a golpes de remo por um barqueiro, que depois de arrancar de nossas bocas os dentes de ouro que remunerariam sua labuta, nos carregaria nas costas, nos empilharia em sua balsa e em alto-mar nos serviria de alimento a seus irmãos os peixes. E ao despertar de tamanho pesadelo, mamãe o interpretaria como um aviso divino, e entraria em desespero, e bradaria aos céus, e entre soluços comunicaria a meu irmão que seu irmão era morto. Já mais apaziguada, após a visita do padre Bonnet, se despediria do Mimmo e rogaria sua compreensão, porque sem o Ciccio perdera a alegria de viver. E meu irmão ficaria sozinho a errar naquela casa desconforme, tão grande a seus olhos quanto sufocante, cercado de livros impenetráveis como papel de parede. Evitaria a cozinha, o escritório, mal ou bem se resignaria à perda dos pais, no entanto se surpreenderia a sentir imensa falta de quem aparentemente nunca lhe importara um cazzo. Irromperia no meu quarto, reviraria minhas gavetas, buscaria em vão um retrato meu, um três por quatro que fosse. Esquecido da minha cara, iria se olhar no espelho, de frente, de perfil, passaria seu penteado de um lado para o outro, e não se acharia tão bonito quanto antes, quando me tinha como contraponto. Pelo telefone atrairia à sua toca uma, duas, trezentas mulheres que talvez já não lhe dessem o mesmo prazer, agora que eu não vinha mais me masturbar atrás da sua porta. Desejaria me eliminar do pensamento, liquidar a casa e se mudar para algum apart-hotel, mas o corretor lhe adiantaria que sem a minha assinatura seria impossível vender o imóvel. Descobriria afinal que a biblioteca estava fora do espólio, e não teria escrúpulos em negociá-la quiçá com a Fundação Calouste Gulbenkian, embasbacado de saber que o acervo valia mais que a própria casa. E a casa uma vez oca talvez

ruísse, sem a massa livresca a ossatura das estantes talvez envergasse até estalar, mas esses absurdos só podem ser produto dos meus sonhos doentios, quando não de um pesadelo póstumo da minha mãe. Na realidade, depois que mamãe morreu de saudade do Mimmo, sem um puto no bolso me lembrei da dra. Natércia, que era bastante próxima da reitoria da Universidade de São Paulo. Num telefonema lhe perguntei pelo eventual interesse da universidade em alugar a residência de Sergio de Hollander, a fim de instituir um centro cultural onde me fosse dado viver e ler meus livros sem ser importunado. Ela veio rever o sobrado de suas lascivas recordações, e com cerca de cinquenta anos estava em plena forma, a Natércia. Foi para a cama comigo uma vez, outra, pegou vício, me visitava todo fim de tarde, enquanto os trâmites com a universidade emperravam na burocracia. E eu já admitia mesmo voltar a dar aulas num cursinho, quando ela me apareceu com um computador obsoleto do longevo esposo. Desalojou a Remington do meu pai, instalou a internet no escritório, criou a página Aprimore sua Redação com o Professor Hollander e foi uma amante dadivosa antes de enviuvar, casar com outro velho e sumir da minha história. Natércia era uma mulher educada, poliglota, e mamãe teria gostado de palestrar com ela, acharia graça no seu italiano com os erres caipiras dos quais nunca se livrou. Creio mesmo que mamãe em vida não se habituava à ausência de vozes femininas no quarto do Mimmo, pois volta e meia me perguntava por fulana ou sicrana que haviam passado por ali. Então saí à cata das ex-namoradas dele nos bares de antigamente, mas nem mesmo os bares eu encontrava, porque eles estão sempre a se locomover na noite de São Paulo, salvo um ou outro estabelecimento que se deixa deteriorar junto com meia dúzia de fregueses cativos. Nas minhas andanças fui dar até na prosaica rua dos Beauregard, cuja casa dera lugar a um posto Shell. Alargada, a ruela virou uma avenida com boates e casas de show lotadas de meninas dançantes que não me enxergavam nem fariam ideia de quem era meu irmão. Mulheres para o meu bico eu só achava nos recantos mais obscuros do Centro, e a essas eu pedia discrição, porque mamãe torceria o nariz para seu linguajar. Mamãe fingia ignorar que eu trazia putas para dentro de casa, vez por outra apenas observava que mulheres com perfume muito doce não dão bom casamento. Também se fazia de tonta quando, ao lhe referir os extratos bancários, eu omitia minhas retiradas para gastos particulares, ou quando a poupava das notícias mais nefastas dos jornais. Mas não pude evitar que ela se inteirasse pelo rádio da morte de Eleonora Fortunato, atropelada em frente ao Cemitério da Consolação. Ela ainda ouviu a entrevista com uma testemunha do acidente, um vigia noturno segundo quem a artista parecia um molambo trocando as pernas na madrugada, antes de se atirar debaixo das rodas de uma Kombi que não parou para prestar socorro. É uma lástima, arrematou o radialista, mas pelo que sei a laureada pintora era dada à bebida, sofria de distúrbios psicológicos desde que o filho foi preso como ladrão de automóveis.

Revoltada, mamãe desligou o rádio, nunca mais ouviu o noticiário e na mesma época passou a receber sinais do além. Era a Fortunato, era papai, era sua mãe, Donatella, era até seu desgraçado pai, Pandolfo, vinham todos gesticular à sua cabeceira com o ar consternado, como a buscar palavras para lhe dizer o indizível. Basta!, via!, fuori! fuori!, ela os enxotava, e seus gritos me trespassavam no meu quarto. Concordei em me transferir para a sua cama, onde ela cheia de medo lutava contra o sono e não me deixava dormir. Colava o ouvido no meu peito, cheirava meu sovaco, apalpava meu rosto, sustinha minhas pálpebras e me falava do Mimmo. Porque o Mimmo tinha um ar fatal de quem morreria moço, porque o Mimmo tinha nascido com um sopro no coração, porque o Mimmo tinha o olhar ardente do Rodolfo Valentino, que morreu com a idade do Mimmo. Precisava ver que calamidade os funerais do Mimmo, mulheres que se jogavam das janelas pelo mundo inteiro, e para mim era um bálsamo quando mamãe começava a falar mole e a misturar as ideias, para finalmente adormecer. Ela ainda falava do Mimmo sono adentro, trincava os dentes com frequência, mas depois de um tempo me acostumei a tudo, menos a ser sacudido no meio da noite para o café da manhã. Não tínhamos mais hora, o jantar era servido antes do meio-dia, tirávamos cochilos aqui e ali, nos recolhíamos com o dia claro. Que dia é hoje?, ela me perguntava. Vinte e cinco de janeiro de 1973. Ainda? Já ia avançado o mês de agosto, mas eu retardava o calendário a fim de compensar sua ansiedade: e agora, que dia é? Ela estranhava que o tempo ultimamente andasse tão pesado, e de fato, lá em casa, 1973 levou alguns anos para passar. Mesmo quando a situação no país tendia a se amenizar, fiz bem em mantê-la desatualizada, porque o nome do meu irmão não constava em nenhuma lista de beneficiários da anistia. E a notícia de retornados do exílio e de presos políticos em liberdade, recebidos com festa por amigos e parentes, talvez lhe soasse como escárnio. Logo se restaurou a democracia no Brasil e nos países vizinhos, até o Muro de Berlim veio abaixo, mas à minha mãe eu pedia um pouco mais de paciência. O Mimmo ainda tem umas semaninhas de pena a cumprir, eu lhe dizia sempre, e pelas fotos dos presídios apinhados mais parecia que, no lugar dos subversivos, a linha dura resolvera encarcerar os pretos. Eu procurava distraí-la com as mesmas velhas manchetes, a eleição do papa polonês, a Itália campeã do mundo, mas no fim ela já nem me escutava, mesmo ao picar tomates na cozinha parecia dormir de olhos abertos, uns olhos brancos que se reviravam à toa. Na cama deu para invocar seus mortos, que havia tempo já não via, porque como sói acontecer aos cegos tardios, foi perdendo a visão também em sonhos. E preferia seus antigos visitantes às vozes penadas que pegou a ouvir, sem saber como exorcizá-las na escuridão absoluta. Rezava o credo em latim, grunhia impropérios em dialeto, e uma noite me acordou desarvorada, pois a voz do outro mundo que acabara de ouvir era do Mimmo. Não era o meu pai, como chegou a crer, quem dera fosse mais uma pilhéria minha, mas quem a

chamava dessa vez era sem dúvida o Mimmo. Ainda tentei trazê-la à razão: foi um íncubo, mamma, foi só um sonho mau. Mas não havia como demovê-la, ela necessitava ir ao encontro do Mimmo, que após um duro estágio no purgatório esperava a mamma, feito criança à porta do cinema, para abonar seu ingresso na mansão celestial. O padre Bonnet, sempre atencioso com minha mãe, veio celebrar a missa ao pé da sua cama. E antes de receber a hóstia sagrada, mamãe lhe perguntou se incorre em pecado quem anseia e ora pela própria morte. Mas não, disse o padre, se mesmo a Virgem suplicou ao filho crucificado que não a deixasse muito tempo neste vale de lágrimas. Com a partida do padre Bonnet, mamãe me fez sentar ao seu lado, benzeu minha testa e me advertiu que passava da hora de eu tomar juízo, pois cabia a mim levar adiante o nome dos Hollander. Trouxe as costas da mão ao meu pescoço, me achou febril, mas era sua mão que estava gelada. Em seguida deitou sobre o peito as mãos cruzadas, fixou nos lábios um meio sorriso, seus olhos por fim aquietaram. Quando o dr. Zuzarte chegou, pouco havia a fazer. Tomou sem convicção o pulso dela e pelejou para fechar-lhe as pálpebras.

Nunca pus fé em fenômenos sobrenaturais, muito menos poderia presumir que uma professora catedrática como a Natércia temesse assombrações. Mas estávamos entretidos na cama, que balançava e rangia regularmente, quando após uma espécie de gemido no alto da estante, um Dom Quixote de capa dura tombou no chão sem mais nem menos. No ato a Natércia me expulsou de cima dela com um corcoveio, exibiu o braço arrepiado e disse: isso é coisa do seu irmão. Ponderei que era mais plausível a estrutura da casa ter sofrido um ligeiro abalo, haja vista a condição das vigas de madeira, infestadas de cupins, sem falar nas rachaduras das paredes que os livros encobriam. Mas catástrofes da engenharia não amedrontavam a Natércia, que me puxou para o meu quarto dos velhos tempos, onde retomamos nossas safadezas. Ela já tinha se saído com um comentário esdrúxulo uma vez em que falhei na cama e, na falta do que falar, lhe perguntei se o pau do meu irmão era muito maior que o meu. Desconfiada que eu andava com alguma urucubaca, a Natércia disse conhecer um bruxo capaz de desatar meus pés e me abrir todos os caminhos. Na hora pensei que fosse brincadeira, ou pura ostentação de seus conhecimentos de folclore, mas depois da cena que ela classificou como um autêntico Poltergeist, a seu conselho abandonei definitivamente o quarto do meu irmão sem tocar no Quixote ao pé da estante. Só passei ali para recolher algumas mudas de roupa e ver se achava um cheque, dos que a Natércia de quando em quando deslizava sob meu travesseiro. Eu arrecadava aquelas propinas a contragosto, ainda mais porque os cheques eram da conta conjunta com o marido, e a suposição de ser sustentado pelo velho prejudicava minha performance. Mas a Natércia tinha certeza de que eu saldaria minha dívida com juros, tão logo tirasse a sorte grande na loteria da Caixa Econômica. Toda semana ela perguntava se eu não havia me

esquecido de conferir os prêmios, apesar de eu lhe reiterar que, ao contrário do meu irmão, nem sabia como se aposta na loteria. E um dia em que ela me viu vestir uma calça de bainhas mal alinhavadas, ao se dar conta de que eu me apropriara das roupas do Domingos, me ordenou que as jogasse fora se não quisesse morrer na miséria. E a fim de que o bruxo refizesse seu trabalho, levou um pé das minhas velhas meias, em substituição às peças do meu irmão que ela havia surrupiado e ele benzido. Dei boas risadas, pois a crer nos poderes do seu guru, enquanto eu passava necessidades no mundo terreno meu irmão se locupletava em alguma loteria espírita. Mas a verdade inconteste é que, daí a pouco, de professor de português num blog inexpressivo fui alçado a polêmico mestre da norma culta nas redes sociais, patrocinado inclusive pela Caixa Econômica Federal. Não era só para ganhar a vida, porém, que passei a gastar horas diante do computador em detrimento da boa literatura. Depois de dar conta do meu serviço, eu me sentia impelido a visitar sites eróticos, a buscar filmes de sexo explícito, a varar a noite trocando mensagens pornográficas com parceiras semianalfabetas. E quando sentava na espreguiçadeira, estava com a vista cansada e a cabeça distante, não conseguia me concentrar em livro algum. Eu os lia como talvez meu irmão os lesse, como se meus olhos descessem por um vidro transparente até o pé da página, para retornarem vazios de novo e sempre ao mesmo início de parágrafo. Repito que nunca pus fé em bruxarias, pero como Sancho Pança e todo mundo sabe, que las hay, las hay. Entrei a ligar de hora em hora para a Natércia, que, recém-casada com o ex-reitor e professor emérito da universidade, mandava a secretária me barrar. Quem gostaria?, fazia a secretária, qual a natureza do assunto?, e não havia jeito de ela me passar o celular do macumbeiro da dra. Natércia. Via internet, entretanto, fiz contato com médiuns de variadas tendências que sem exceção me julgavam possuído pelo espírito do meu irmão, desencarnado aos trinta anos de forma súbita e violenta. Durante um bom tempo desperdicei meu capital com as curas energéticas, que talvez se neutralizassem umas às outras, porque cada feiticeiro fazia questão de esculhambar a mandinga do seu predecessor. Mais recentemente uma taróloga me alertou por mensagem de texto que aqueles parvos se deixaram ludibriar por algum espírito de porco, pois de acordo com suas cartas meu irmão fizera sua passagem aos cinquenta anos, após longa enfermidade, em terra estrangeira. Eu já pensava em tirar a limpo essa história, quando um vidente não sei como descobriu meu telefone de casa e, nem bem o atendi, arrolou seus serviços prestados à polícia na elucidação de sequestros, na localização de cativeiros e de esconderijos de bandidos. E sem que eu nada lhe perguntasse, me comunicou que um cidadão denominado Domingos de Hollander vagava desmemoriado na periferia da Grande São Paulo. Para informações mais detalhadas ele carecia de uma imagem do mesmo, tal como um retrato falado que eu poderia providenciar por intermédio de um desenhista no Palácio da Polícia Civil. Não pensei duas

vezes, prometi ao vidente lhe mandar diretamente por e-mail uma foto do desaparecido, como a que estava enquadrada no porta-retratos da minha mãe, numa pose à la Rock Hudson. Mas ao escaneá-la atinei que meu irmão, para mim perenemente jovem como o personagem de um romance, não seria hoje reconhecido por mais ninguém naquele galã dos anos 70. Tratei então de envelhecer seu retrato, graças a um moderno aplicativo que aprendi a baixar no computador. Em questão de segundos vi murchar seus lábios voluptuosos, vi seus olhos afundarem e perderem o brilho, vi suas orelhas agigantadas e suas bochechas flácidas, vi bossas de sebo no nariz intumescido, vi por toda a pele as manchas e fendas com que o tempo se vinga da beleza humana. Encaneci, embranqueci por completo sua cabeleira, não satisfeito abri entradas, arranquei tufos, deixei-o careca, o amarelei um pouco e o enviei para o vidente. Sem resposta, eu periodicamente lhe encaminhava novas mensagens, produzia versões recicladas do meu irmão já septuagenário, até compreender que esse pessoal da polícia, remanescente dos quadros da ditadura, tinha todo o interesse em me embromar com esperanças fúteis. Que meu irmão perambulasse quarenta anos por aí me pareceu enfim uma hipótese tão estapafúrdia quanto as de ordem cósmica. Eu estava portanto descrente de tudo, de volta ao meu ofício e a meus prazeres solitários, quando dia desses tocaram a campainha fora do horário do entregador de pizzas. Deparei com um homem calvo, alto como meu irmão mas meio acorcundado, a cara mais gasta que a dos retratos forjados no computador, na face esquerda um vestígio de cicatriz dissimulada na teia de rugas. Desculpou-se, havia se enganado, procurava um antigo morador daquela casa chamado Francisco, e de repente me descobri cara a cara com Udo Heydrich, que havia perdido os cabelos mas não o cacoete de soprá-los para o alto. Convidei-o a entrar, sem lembrar que não tinha uísque, ou cerveja, ou sequer um cafezinho para lhe oferecer, nem podia acomodá-lo nos móveis entulhados de livros que nunca desembrulhei. Acabamos por nos sentar em dois caixotes na sala e ficamos a fumar olhando para o chão, até que ele quebrou o silêncio esmagando com um pisão uma barata graúda. Daí perguntou se eu morava sozinho, noves fora as baratas, riu da piada, perguntou pelo meu irmão, ele era do tipo que pergunta muito sem fazer caso das respostas. Respondi-lhe que o Domingos nunca mais foi visto desde que saiu de casa com a namorada do Ariosto, mas ele aludia ao meu irmão alemão, o da cabeça de abacate. De Sergio Ernst eu tampouco tinha notícias, temia mesmo pelo pior, e quando comecei a lhe falar das crianças judias nos trens da morte, ele me interrompeu para contar dos seus supostos irmãos de sangue que também só lhe traziam aborrecimentos. Disse ele que dia sim, dia não algum bastardo entrava na Justiça com o intuito de submetê-lo a testes de DNA. De processo em processo, de acordo em acordo, incluindo honorários de advogados gananciosos, já tinham lhe mordido boa parte da herança do pai, que no ano passado morrera aos cento e

um ainda na ativa, com uma prótese peniana que mandara implantar aos noventa e cinco. E, além de bunda de mulher, o fetiche do velho Heydrich eram relíquias da Segunda Grande Guerra. Colecionava medalhas militares, cartucheiras, fivelas de paraquedistas, insígnias da Gestapo, miniaturas de panzer, caças e bombardeiros, mais pilhas e pilhas de jornais alemães, fotografias e documentos da época, entre os quais uma correspondência que poderia ter algum valor para mim. Mal o Udo tirou do bolso uma folha dobrada de papel aéreo, reconheci pelo avesso o timbre da prefeitura de Berlim no ofício que a polícia tinha levado de casa.

O subprefeito
da Administração Regional de Tiergarten, Berlim
Cidade de Berlim/Subprefeitura de Tiergarten
Secretaria da Infância e da Juventude. Tutela Pública

Ao Senhor
Sergio de Hollander
Rio de Janeiro
Rua Maria Angélica, 39
América do Sul

24.9.1934

Prezado Senhor de Hollander!

Já anos atrás tentei entrar em contato com o senhor por intermédio da legação da Alemanha no Rio de Janeiro, a fim de obter do senhor pensão alimentícia para meu pupilo Sergio Ernst, do qual o senhor é pai natural. Infelizmente, minha tentativa resultou vã. Se hoje, portanto, torno a contatá-lo, eu o faço na suposição de que é também seu desejo que a criança gerada pelo senhor tenha um lar bom e duradouro e uma educação correta.

Há um bom tempo, Sergio Ernst, nascido em 21 de dezembro de 1930, encontra-se sob os cuidados do casal Günther, NO 50, Greifswalder Strasse 212/13, pátio 2. O casal se afeiçoou ao menino e pensa em adotá-lo. O contrato de adoção foi firmado, a guarda foi autorizada judicialmente, e o documento se encontra no momento no Tribunal Regional de Berlim, para concessão de dispensa de idade mínima de cinquenta anos completos e para legitimação.

A corte de legitimação solicita agora comprovação da origem ariana. Esta pode ser demonstrada pelo lado materno. Mas o menino

precisa ter ascendência ariana também por parte do pai. Tenho, assim, de pedir ao senhor que me envie sua certidão de nascimento, as de seus pais e as de seus avós maternos e paternos. Dessas certidões deve ser possível depreender a religião de seus antepassados.

Acreditando que, no interesse do menino, o senhor não há de se recusar a atender minha solicitação, espero ter notícias suas e aguardo a chegada das certidões.

Com o cumprimento alemão,
Heil Hitler!
p/
Tutor Municipal

Der Bezirksbürgermeister
des Verwaltungsbezirks Tiergarten der Stadt Berlin

~~Stadt Berlin / Bezirksamt Tiergarten~~

Jugendamt, Amtsvormundschaft

Postanschrift des Absenders:
Bezirksamt Tiergarten, Berlin NW 21, Alt-Moabit 94

Fernruf: C 9 Tiergarten 0013, Apparat 94

Herrn
Sergio de Hollander

Rio de Janeiro
39, Rio Maria Angelica
Südamerika

Ihr Zeichen: | Ihre Nachricht vom: | Unser Zeichen: B. A. Tierg. Jug. 2 E 146 | Tag: 24.9.1934

Betrifft:

Sehr geehrter Herr de Hollander!

Bereits vor Jahren habe ich versucht, durch Vermittlung der deutschen Gesandtschaft in Rio de Janeiro mit Ihnen in Verbindung zu treten, um für meinen Mündel Sergio Ernst, dessen Erzeuger Sie sind, Unterhaltsgelder von Ihnen zu erlangen. Leider war dieser Versuch vergeblich. Wenn ich mich nun heute nochmals mit Ihnen in Verbindung setze, so geschieht es in der Annahme, dass es auch Ihr Wunsch ist, dass dem von Ihnen erzeugten Kinde eine gute und dauernde Heimat und eine geordnete Erziehung wird.

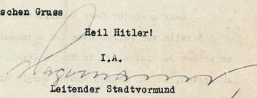
Sergio Ernst, geb. 21.12.1930, befindet sich bei den Eheleuten Günther, NO 50, Greifswalder Str. 212/13, 2.Hof, seit geraumer Zeit in Pflege. Das Ehepaar gewann den Jungen lieb und trägt sich mit dem Gedanken, ihn an Kindesstatt anzunehmen. Der Adoptionsvertrag wurde geschlossen, auch vormundschaftsgerichtlich genehmigt und liegt augenblicklich beim Amtsgericht Berlin zur Dispenserteilung des vollendeten 50.Lebensjahres und zur Bestätigung.

Das Bestätigungsgericht verlangt nun den Nachweis der arischen

Abstammung

Anlagen

Jug. BM. Tl.2
— Din A 4.
Mot. 7297.
5000. 10. 33.

Bei Antwort und Geldsendungen wird um Angabe obigen Geschäftszeichens gebeten.

Abstammung. Dieser kann nach der Mutter geführt werden. Der Junge muss aber auch nach seinem Vater Arier sein. Ich muss Sie daher bitten, mir Ihre Geburtsurkunde, die Geburtsurkunden Ihrer Eltern und die Geburtsurkunden Ihrer beiderseitigen Grosseltern zuzusenden. Aus diesen Urkunden muss die Religion Ihrer Vorfahren zu ersehen sein.

In der Annahme, dass Sie sich dieser meiner Aufforderung im Interesse des Jungen nicht verschliessen, hoffe ich von Ihnen zu hören und sehe dem Eingang der Urkunden entgegen.

Mit dem deutschen Gruss

Heil Hitler!

I.A.

Hagemann

Leitender Stadtvormund

Na tardinha de 20 de maio de 2013 embarquei no voo da Lufthansa ciente de que não dormiria. Não sabia que poltronas de avião são tão apertadas, nem que um varapau alemão invadiria meu espaço com seu joelho direito. Mas depois de noites e noites a sonhar com esta viagem, eu não haveria de fechar os olhos logo agora que a realizo, mesmo que estivesse refestelado na primeira classe. Reservei um assento de janela na expectativa de avistar o mar, mas o avião nem bem decola e já embica nas nuvens. Por cima das nuvens, em altitude e velocidade de cruzeiro, seguimos mais ou menos a linha do litoral brasileiro que o navio do meu pai costeou em 1929. Acompanho a rota aérea na revista de bordo com a divertida sensação de sobrevoar, aos quase setenta anos de idade, os caminhos do meu pai antes dos trinta. Posso até me vangloriar de já ter lido provavelmente todos os livros espalhados no seu camarote, bem como tantos outros que ele só mais adiante virá a conhecer: já leu Kafka, seu Sergio? e o que é que está esperando? Na ida para a Europa meu pai ainda devia estar às voltas com gramáticas alemãs, quando muito se arriscaria em fábulas infantis com um dicionário no colo. E queimaria as pestanas tentando entender que diabo significa este texto, caso pudesse antever a carta que tenho em mãos, encabeçada por seu nome e selada com um Heil Hitler. Dispensado o jantar, aceito uma cerveja e repouso na mesinha retrátil a tênue folha de papel datilografada em frente e verso, prestes a se espedaçar. É um papel cheio de vincos, como que dobrado e redobrado em diferentes bolsos, achatado dentro de um livro debaixo de livros, alongado numa carteira atrás de notas de dinheiro, digamos marcos alemães. Ando cismado que meu pai voltou com esta carta à Alemanha logo depois da guerra, num voo com várias escalas em avião a hélice. Não há como confirmar tal viagem, anterior às minhas primeiras lembranças e jamais mencionada lá em casa. Mas posso imaginá-lo num táxi acendendo um cigarro no outro, em meio aos escombros e à poeirada no setor oriental de Berlim, rumo à moradia do casal que tempos antes se afeiçoara ao seu filho. Pelo que me informei na enciclopédia virtual, no endereço dos Günther funcionava uma fábrica de cigarros, adaptada em meados dos anos 30 para a confecção de uniformes militares. Suponho que o sr. Günther, mantido como zelador ou gerente de um certo Serviço de Vestimentas do Reich, fosse incumbido de fiscalizar as salas de costura, o empacotamento, armazenamento e carregamento da mercadoria em veículos das Forças Armadas. Da Greifswalder Strasse 212/213 partiram uniformes para a conquista da Europa, dólmãs verde-cinza de seus ateliês desfilaram na Champs-Élysées de Paris sob a ocupação. Dali também podem ter saído as temidas indumentárias negras da SS, além de capotes de lã que se sujaram de sangue e se estropiaram, ou congelaram com seus usuários, ou foram enterrados com eles nas estepes da Rússia. Após a rendição da Alemanha, lotes de fardas e cortes de tecido devem ter remanescido em estoque, sem que os Günther soubessem agora que fim lhes dar. E ainda atordoados pelos últimos

bombardeios, talvez assombrados pelas revelações de um passado recente em seu país, abririam a porta relutantes para aquele homem de meia-idade que perguntava com voz grave e forte sotaque pelo sr. Günther, quem sabe um agente dos serviços secretos soviéticos. Mas assim que ele se identificasse como Sergio de Hollander, natural do Brasil, América do Sul, seria posto a correr pelo dono da casa indignado. E a sra. Günther não hesitaria em denunciar o forasteiro à polícia, para impedi-lo de se aproximar com mau intento de um menor de idade. Porém, levando-se em conta que o casal tinha a guarda provisória da criança em 1934, e que anos mais tarde meu pai ainda não reunira os documentos requisitados pela corte de adoção, parece mais razoável que nesse meio-tempo os Günther devolvessem meu irmão ao asilo, em troca de algum órfão com pedigree comprovado. E mal se lembrariam do brasileirinho quando meu pai batesse à porta e se identificasse como Sergio de Hollander, natural do Brasil, América do Sul. Mas seriam corteses, lhe ofereceriam uma cadeira, lhe serviriam um café aguado e não esconderiam o orgulho ao lhe apresentarem o herdeiro, um garoto de traços finos, loiro e de olhos azuis. Inconformado, da casa dos Günther papai deve ter seguido para a Secretaria da Infância e da Juventude, de onde retiraria Sergio Ernst caso o encontrasse, aos quase quinze anos, ainda sentado à espera de uma boa alma que lhe desse um lar. Não o encontrou, como talvez não encontrasse mais que ruínas do prédio da Secretaria, e então se perguntaria se no fim da guerra o filho não fora recrutado, a exemplo de tantos meninos de calças curtas, para enfrentar os tanques do Exército Vermelho. E se o garoto como tantos tivesse perdido a vida na última batalha de Berlim, a essa altura algum parente haveria de ter sido avisado. Já pronto para a dolorosa notícia, meu pai bateria à porta do antigo ninho de amor na Fasanenstrasse 22 e logo recuaria horrorizado, julgando por um instante ver a mãe do seu filho na mulher a lhe sorrir com dois dentes na boca. Seria no entanto simplesmente uma velhota simpática que não lhe negaria permissão para uma consulta ao catálogo telefônico: *Ernst*, *Ernst*, *Ernst*, *Ernst*, *Ernst*, e entre dezenas de Ernsts constaria uma srta. Anne Ernst, telefone tal, endereço tal. O aparelho da velha não daria linha, tampouco os dos raros cafés abertos, e percorrendo uma enfiada de cabines de telefones públicos fora de serviço ele acabaria por chegar ao endereço anotado, onde uma vitrola eventualmente tocaria a valsa do Anjo Azul: *Sou da cabeça aos pés/ Feita para o amor*… Mas sobre o que teria se passado no íntimo daquela casa, não tenho o despudor de especular. Só imagino que mamãe começasse a se inquietar com a demora do marido, que talvez lhe tivesse dito que iria rapidamente a Paris para um congresso de intelectuais ou uma aula na Sorbonne. E ao recebê-lo de volta, decorrido um mês ou mais, ela lhe perguntaria apenas: Sergio, achou o que procurava? E papai lhe responderia: não, Assunta.

Sergio? Plantado em frente ao hotel com a postura do meu pai, o braço

esquerdo dobrado às costas, o velho senhor dá uma tragada e não se vira para mim. Já na vinda do aeroporto, me arrependi de não mandar parar o táxi ao ver num ponto de ônibus um homem de seus oitenta e poucos anos, como meu irmão alemão teria hoje, lendo um jornal com os óculos espetados na testa. Sergio!, insisto com o velho fumante, e um carregador me pede licença para levar num carrinho de bagagem a decrépita mala de madeira que papai herdou do meu avô. Entro no hotel pela porta giratória e tenho a impressão de que meus trajes são inadequados para aquele ambiente. O Adlon, consumido por um incêndio em 1945, foi reerguido com inspiração em sua arquitetura tradicional, sua bela decoração de interiores deve corresponder à que meu pai conheceu no dia em que aqui esteve em dezembro de 1929. E as belas moças do balcão também devem ser da mesma linhagem daquelas a quem meu pai, tímido correspondente de imprensa, perguntou pelo sr. Thomas Mann na incerteza de ser atendido. Welcome to Adlon, mister Hollander, diz a recepcionista ao me devolver o passaporte junto com o cartão magnético da minha porta. Deixo uma gorjeta com o carregador e nem sequer subo ao quarto, sigo de táxi para a Greifswalder Strasse 212/213 antes que a tarde caia. E mesmo que eu nunca venha a saber o que é feito do meu irmão, já me paga a viagem dar umas voltas solitárias no seu pátio, ocupado por materiais de construção e entulho de obras. Andaimes e tapumes embuçam a fachada do bloco dos fundos que, concluída a reforma, deverá se prestar a algum empreendimento que a meu ver não vai dar certo. Neste espaço fez efêmero sucesso há pouco tempo a discoteca Magnet, que sucedeu ao obscuro nightclub Miles, que era colado ao diminuto teatro Eigenreich, que sucedeu a quartos de aluguel para artistas e estudantes, que sucederam a uma manufatura de roupas para senhoras acima do peso, que faliu com a reunificação do país. Mas na época em que meu irmão veio pousar aqui, o edifício devia ainda cumprir sua função genuína, enquanto fábrica dos cigarros Problem. Sim, Problem, essa era a premonitória marca dos cigarros produzidos por um judeu neste edifício em estilo art déco dos anos 20, projeto do também judeu Ernst Ludwig Freud, pai do pintor e filho do dr. Sigmund. Se bem conheço meu pai, ele em Berlim acharia a maior graça em fumar cigarros chamados Problem, com o que, numa associação olfativa insondável, seu quarto de pensão teria o mesmo cheiro de tabaco turco que impregnaria as memórias de infância de Sergio Ernst. Sergio Ernst! O nome que ecoa no pátio escapou à toa da minha boca, pois quem vi num vaivém do outro lado da rua não passa de um rapaz, que agora atravessa a Greifswalder como se atendesse ao meu chamado. Desculpe importuná-lo, ele diz num alemão capenga, sabe o senhor onde fica a Heinrich-Roller-Strasse? Pelo meu guia de bolso é logo ali, a segunda à direita, mas me ofereço para acompanhá-lo porque ele me parece desentendido. Diz que se confundiu com a numeração das ruas, sem lado par nem lado ímpar, em ordem crescente num sentido e decrescente na calçada oposta. Ei!, ali está, diz o rapaz,

que aperta o passo na transversal em direção a uma tasca chamada Vinería Carvalho, onde é saudado à porta por outro jovem com aspecto de espanhol, as maçãs do rosto coloradas. Sob o efeito do jet lag e de uma noite insone, eu pretendia retornar cedo ao hotel, mas os vinhos e frios expostos na casa me apetecem. E o espanhol me propõe um Rioja com um prato de tapas, que sem demora me servirá na sala dos fundos. Ali há uma mesa ocupada por um grupo com aquele jeito algo negligente dos aposentados, entre eles um tipo rechonchudo que cantarola o seguinte: *Dança a juventude agora/ Somente os passos da lipsi/ Ritmo que a moçada adora/ Porque é tão moderna a lipsi*. Muito compenetrado, cotovelos abertos, ele diverte os amigos com uma dança dos dedos no tampo da mesa, simulando os passos sincronizados de um par na tal da lipsi: *Só ao som da lipsi/ Dançam os casais/ Rumba e chá-chá-chá já tem demais*. Mas, afinal, alguém pode me explicar que história é essa?, e na cadeira da ponta um sujeito de cabelos pintados me conta que a lipsi era um estilo musical inventado na Alemanha Oriental, no empenho de abafar o rock and roll de Elvis Presley. Impagável!, digo eu, fantastisch!, mas quando vou pedir ao rechonchudo que repita seu número, a conversa já passou para o futebol dos anos 60. A mesa se divide entre torcedores do Lokomotive de Leipzig e do Dynamo Berlin, do que me aproveito para me declarar fanático pelo Santos, campeão do mundo com o Pelé. Juro, sou brasileiro, este meu alemão fluente aprendi em casa com meu pai, que morou aqui antes da guerra e fez camaradagem com Thomas Mann. Teve até um filho berlinense que procuro há anos, mas antes que eu possa desenvolver o tema, o gordinho se levanta para ir ao banheiro, outros dois saem para fumar na rua e um grandalhão de cavanhaque pede a nota ao espanhol. No fim das contas só resta à mesa o dos cabelos cor de carvão, que enquanto mexe num laptop me diz que esteve uma vez no Brasil, tomou banho de mar em Copacabana e assistiu a um show de mulatas. Mas não foi a turismo que ele aportou no Rio, e sim atrás de uns nomes de família que penou para pesquisar na bagunça dos arquivos locais. Ele tem a minha idade ou pouco mais, me parece um típico alemão, muito branco de pele, mas não custa nada lhe perguntar: o senhor descende de brasileiros? Oh, não, ele ri, infelizmente ninguém tem sangue brasileiro na Turíngia, que dirá na minha aldeia de Böhlen. Apresenta-se, Wolfgang Probst, me estende a mão: o senhor é bem-vindo. Muito agradável conhecê-lo, respondo, Francisco de Hollander, ato contínuo me convido para a sua mesa e lhe sirvo do meu vinho. Ele me indica na tela um ponto no mapa da Turíngia bem no centro da Alemanha, que num clique é substituída pelo Brasil, com setas que partem do Rio para o interior e para o sul do país. Conta que trilhou antigas fazendas de café nos estados do Rio e de São Paulo, até chegar a Águas Mornas, Santa Catarina, no rastreio de famílias que migraram naquela direção em meados do século XIX, oriundas da sua aldeia natal. Na Colônia Santa Isabel conheceu enfim uma comunidade que preserva os costumes turíngios e os

sobrenomes de seus ancestrais. E hoje ele mantém correspondência com uns Probst, primos em nono ou décimo grau do outro lado do Atlântico, uma ironia para quem jamais veio a saber que fim levou o pai, Friedrich Probst, cabo adjunto do exército alemão na Normandia ainda ontem, em 1944. Mas a despeito da mãe, que preferiria ver o marido morto, ele desde menino o fantasiava como um desertor instalado no bem-bom da França, casado de novo e pai de família abastada, com o nome Probst adulterado quiçá para Proust. Sempre que junta umas economias, Wolfgang Probst toma um trem para Paris, onde seu melhor programa é seguir nos bulevares algum possível Frédéric Proust de braço dado com a madame. Claro está que não aborda esses velhinhos, porque se calhasse de encontrar de fato o pai, quedariam ambos em silêncio e o jogo perderia a graça. Na sua opinião seria como, para um ficcionista, terminar um livro que não quer ser terminado: e o senhor, tem feito progressos em suas investigações? Confesso-lhe que também me distraio com essas buscas improváveis, e na internet o que não falta é o sobrenome da namorada do meu pai. Já entrei em contato com mais de um Sergio Ernst na Alemanha, outro em Portugal, e no Peru, e no Alasca, mas na verdade duvido que meu irmão, no fim da vida, vá perder seu tempo com redes de relacionamento. No futuro, só para variar, eu passaria quem sabe a seguir uns Günther, se houvesse alguma chance de este casal alemão ter perfilhado Sergio, mesmo na falta das certidões exigidas. Sabe Deus, diz Wolfgang Probst depois de examinar minha carta, mas não é de todo impensável que as autoridades tenham feito vista grossa ou aberto uma exceção para o pequeno mestiço. Pois se até em campos de extermínio, como é notório, houve casos de oficiais nazistas que se encantavam com crianças judias, a ponto de as acobertarem, batizarem e criarem como filhos de sangue. Probst quer crer que os Günther fossem luteranos praticantes, como a maioria dos moradores deste bairro antes do comunismo, e assim frequentariam a igreja Immanuel Kant a três quadras daqui. Ele mesmo conhece bem o pastor Goertz, visita a igreja com assiduidade menos para participar dos cultos que na condição de museólogo e pesquisador. A paróquia abriga um minucioso e centenário arquivo, onde possivelmente constará algum registro da família Günther. E ao me ver à cata da igreja no guia, Wolfgang Probst me previne que o arquivo não é franqueado ao público, uma consulta requer certas formalidades: lembre-se que não estamos no Brasil, sr. Hollander. Se eu estiver de acordo, ele tomará nota do endereço completo dos Günther, a fim de encaminhar ao pastor amanhã cedo um requerimento escrito em bom alemão. E já é noite quando à saída da tasca ele me passa seu cartão de visita e mais uma vez me assegura que guardou os números do Hotel Adlon, do meu quarto e do meu celular: fique tranquilo, sr. Hollander, eu lhe telefonarei assim que tiver novidades. É um imenso favor que você me presta, Wolfgang, e sinta-se à vontade para me chamar de Ciccio. Como queira, sr. Ciccio.

A igreja Immanuel Kant não demandou mais de quarenta e oito horas para transmitir a Wolfgang Probst o resultado frustrante das suas consultas. E eu, que havia planejado uma semana em Berlim, remarco minha passagem de volta e deixo o hotel depois de três pernoites, levando como regalo de viagem nada além de meia dúzia de livros. Não fui a bibliotecas, aos museus, à Ópera, não aluguei uma bicicleta nem passeei nos parques apesar do sol primaveril. Andei para cima e para baixo de táxi, sobretudo na Kurfürstendamm, ou Ku'damm para os berlinenses e decerto para o meu pai, que em sua juventude não deixaria de frequentar os cafés, teatros e dancings da avenida. Estive ali ao lado na Fasanenstrasse 22, endereço de Anne Ernst e de Heinz Borgart, hoje um hotel chamado Augusta, e almocei na casa vizinha de número 23, o café literário onde Anne posou barriguda ao lado do meu pai. Tentei adivinhar em qual pensão meu pai teria se hospedado, entre as tantas nos arredores da Kurfürstendamm, bastante danificados pelos raides aéreos. E as torres de vidro erguidas aqui e ali, se meu pai chegasse a vê-las, talvez lhe parecessem fantasmas de seus edifícios mais familiares que viraram pó. Sem falar daqueles que conservam do original apenas as carcaças, feito capas vetustas para um livro repaginado que meu pai abrisse estupefato: Assunta! Assunta! E é escusado dizer que topei com um Sergio Ernst a cada esquina, no segundo dia persegui um deles ao longo da Ku'damm até o fundo de uma livraria. Ali o vi levar os óculos à testa, manusear um livro e outro, acender distraído um cigarro e se espantar com a repreensão da vendedora. Por acaso ele se chamava Sergiusz, Sergiusz Berenbaum, professor em Varsóvia de literatura de língua alemã, e não se aborreceu com a intromissão de um desconhecido sul-americano. Pelo contrário, me falou com gosto do seu ensaio sobre Robert Walser em edição esgotada, discorreu a propósito de autores contemporâneos que eu ignorava e me fez comprar um punhado de livros que não estavam muito à vista. De chegada ao hotel, me obriguei a passar no business center a fim de pôr em dia a correspondência com os leitores da minha página. Sentei-me ao lado de uma inglesa sessentona, que cumprimentei com discreta galanteria, mas assim que digitei minha senha no computador, a tela foi invadida por mulheres peladas de todas as cores. Surgiram do nada ofertas de escorts de luxo em Berlim, que deletei às pressas, dando lugar a cenas de sodomia, que deletei a muito custo, e um travesti da pica enorme só consegui apagar arrancando o fio da tomada. Posterguei meu serviço, subi ao quarto e me recostei na cama curioso pelos livros novos, talvez os primeiros de toda uma vida que eu me permitia folhear sem terem passado pelas mãos do meu pai. Li alguns poemas curtos, li a orelha de um livro de contos, espiei um romance repleto de fotos de bichos, de gentes, de estações de trem, mas minha atenção se dispersava, eram dois dias sem notícia do meu irmão. Liguei para o alemão, deixei mensagem na caixa postal, apaguei a luz, tornei a acendê-la, voltei ao romance ilustrado, empaquei na terceira página. Abri uma cerveja, acendi um

cigarro, resolvi experimentar mais um bocado do romance, talvez só até o fim do primeiro capítulo, mas o capítulo não tinha fim. Eram páginas trás páginas de um único parágrafo que eu já não era capaz de largar no meio, e a horas tantas lamentei que meu pai não tivesse vivido a tempo de ler aquele livro. Lamentei que ele não tivesse vivido mais de cem anos para que, saturado das letras, só concedesse em ler romances que tivessem passado pelo meu crivo. De manhãzinha fecho o livro deste autor chamado W. G. Sebald, que por sua vez fechou seu livro fechando o livro de um Dan Jacobson, e na entrada de um sonho ruim o telefonema de Wolfgang Probst me desperta: Arthur Erich Willy Günther e Pauline Anna Günther, nascida Pohl, eram realmente fiéis da igreja Immanuel Kant, onde em 30 de novembro de 1937 batizaram seu filho, de nome Horst. Não era o Sergio, era um Horst. O menino adotado se chamava Horst.

Horst, resmungo sem querer dentro do táxi, e o motorista se admira que eu o chame pelo prenome. A caminho do aeroporto, depois de búlgaros, ganenses e afegãos, o velho Horst é o primeiro taxista alemão que me atende. Pergunta se me incomoda a música que eu nem tinha notado, absorto noutros pensamentos, e é uma mulher cantando com vigor: *Cem vezes eu maldisse Berlim, cem vezes*… O senhor não deve conhecê-la, diz o motorista, é Helga Hahnemann, uma cantora de sucesso nos tempos da Alemanha Oriental. Boa voz, digo, mas não me diga que ela também cantava a lipsi. Horst graceja: a lipsi, a lipsi, saiba o senhor que em 1959, já irritado com as aulas de russo na escola, por pouco não me refugiei em Berlim Oeste só para me livrar da lipsi: desculpe-me, o senhor é músico? Não, respondo, sou professor de literatura. Turco, não é?, o seu acento é de turco. Não senhor, sou brasileiro. Brasileiro, brasileiro, eu me lembro de ter lido há tempos um romance brasileiro, a história de uma mulher com dois maridos. Ah, claro, a Dona Flor do Jorge, meu falecido amigo Jorge Amado. Amado, diz Horst, aposto que Amado era do Partido Comunista, aqui nos países do Leste publicavam autores comunistas do mundo inteiro. Meu taxista não gostava nada dos russos, nem da lipsi, nem da Stasi, nem do Muro. Mas ainda me considero um homem de esquerda, diz, cutucando a têmpora com o indicador: é uma ideia, o senhor sabe. É nesse instante que sinto uma espécie de vertigem, minha visão se turva, e com um calafrio penso na minha mãe, que ouvia vozes. A voz que escuto é a do meu pai, mas para meu reconforto não é, como se diz?, uma voz dalém-túmulo, é sua voz ainda límpida dos tempos da minha infância. Raios me partam se não é meu pai quem está cantando no disco da alemã: *Os avós sentavam diante de suas casas/ À noite, na aldeia, debaixo das tílias*… É uma canção alegre, ritmada, mas muito me estranha que o professor Sergio de Hollander tenha negligenciado suas obrigações em São Paulo para vir à Alemanha gravar música pop: de que data é essa gravação, sr. Horst? Essa gravação, creio que é de sessenta e pouco, ele diz, tirando do console a capa do CD, uma compilação dos grandes hits de Helga Hahnemann. E agora a própria

entra a cantar em uníssono com meu pai: *Nós estamos sentados em edifícios acima das cidades/ Na luz, embora lá embaixo já haja sombra/ E vemos as estrelas*… Roubo a capa da mão do motorista e corro os olhos pelos títulos das faixas até chegar à de número 8: *Wir sitzen auf Hochhäusern* (*Duett mit Sergio Günther*). Sergio Günther, está escrito dueto com Sergio Günther.

— Hallo!

— Hallo, Wolfgang? Wolf? Achei meu irmão, está ouvindo o cantor?

O nome dizia alguma coisa a Wolfgang Probst, que encontro instalado no salão de fumantes do Adlon, com um copo de vinho branco e seu laptop aberto na mesa. Enquanto me esperava ele sondou conhecidos por telefone e logicamente pesquisou Sergio Günther na internet, situado entre homônimos na Suíça, na Austrália, na Índia e mesmo em Joinville, Santa Catarina. Leu uma série de itens a seu respeito, meio reiterativos, sem informações atualizadas ou imagens do artista. Mas pelo que se pode ver, além de gravar LPs e compactos simples, Günther trabalhou nos anos 60 e 70 como mestre de cerimônias de programas musicais na televisão, para a qual também realizava entrevistas e reportagens na sua Alemanha e em países do Leste em geral. Nesse tempo Wolfgang Probst ainda vivia na província, não tinha o costume de ver televisão. Mas os companheiros da Vinería Carvalho eram berlinenses, em boa parte criados naquele mesmo bairro, e quando novos poderiam ter não só assistido a tais programas, como quem sabe até cruzado na rua com a família Günther. E assim estariam aptos a confirmar se o filho dos Günther e o famoso artista eram a mesma pessoa. Wolfgang Probst não acredita nessa hipótese, sob risco de perder a fé nos arquivos da igreja Immanuel Kant. Para ele é mais provável o cantor ser filho de qualquer outro casal Günther, católico, que batizasse o filho Sergio em homenagem a algum santo da sua Igreja. Bertolt, Theodor, Johannes, Hermann, Elias, Jacob, Wilhelm, os amigos de Probst com efeito se lembravam de Sergio Günther na televisão, fosse lendo um poema de Rilke, fosse apresentando uma banda de dixieland romena, fosse cantando tangos para um auditório engalanado. Mas segundo Rainer, nascido no número 20 da Greifswalder, praticamente em face do 212/213, desde que ele se entende por gente a antiga fábrica estava abandonada. Em compensação forneceu a Wolfgang Probst o telefone do seu primo Winfried, cameraman que deve ter trabalhado em estúdio com Sergio Günther. Mas não, Winfried esclareceu que só assumira o emprego em 1981, quando Sergio Günther havia se afastado da emissora por motivos de saúde. Entretanto o cameraman desencavou o número de Gottfried, cinegrafista da velha guarda, lamentavelmente falecido três anos atrás, de acordo com a viúva Ingeborg. Foi esta quem indicou a Probst o nome de Robinson, um jornalista aposentado, colega tanto de Gottfried quanto de Sergio Günther. E já nos olhávamos inquietos, Probst e eu, porque passava bastante do horário marcado, quando entrou sem pressa no salão, observando os presentes,

um sujeito de calça bufante e suspensórios, sem paletó. Os dois nos levantamos ao mesmo tempo para apertar a mão de Robinson, que após uma hesitação me sorri: Wolfgang Probst? Grisalho, mais para gordo, um ar afável, Robinson me lembra alguém não sei de onde. Mas com a idade nos tornamos maus fisionomistas, talvez devido ao acúmulo de fisionomias nas retinas, e não há cara nova que não nos lembre alguém remotamente. Sempre risonho ele ergue o copo para brindar conosco sem levá-lo à boca, e o mantém suspenso enquanto nos fala com voz pausada. Conta que deveria ter vindo de metrô, porque mora a dois passos da estação Schillingstrasse, mas precisava pôr para rodar o motor do carro, que o manobrista do hotel olhou com má vontade, o que o levou a dar várias voltas até achar uma vaga. Mas como ia dizendo, ele mora a dez minutos da Leninplatz, hoje praça das Nações Unidas, onde costumava buscar Sergio Günther, que ali vivia com a figurinista da televisão. Ele ao volante, Sergio ao seu lado e o cinegrafista Gottfried com o equipamento no banco traseiro partiam para suas externas a bordo daquela charanga que em seus melhores dias já não era grande coisa. Opinião, aliás, rechaçada por Sergio, para quem nosso Trabant nada devia aos BMWs e Porsches do lado de lá, mas a gente nunca sabia direito se ele falava a sério ou não. Bebia-se, divertia-se muito nessas excursões, e desavença entre os dois só houve uma, depois da viagem de Robinson à Tchecoslováquia em 1968. Enviado pelo Neues Deutschland para cobrir a colheita de beterraba, Robinson voltou fascinado com a chamada Primavera de Praga. Não foi todavia por divergências políticas que brigaram, e sim por causa da namorada que Sergio lhe roubou na sua ausência, mas a amizade falou mais alto e logo estavam de novo na estrada. Como ele ia dizendo, o Trabi era um carro duro e barulhento, mas bem ou mal os levava longe, rodava soltando fumaça acolá dos Cárpatos e dos Bálcãs, principalmente dos Bálcãs, porque Sergio pegou mania de produzir matérias na Iugoslávia. Não passava um mês sem que o canal 1 transmitisse programas sobre a Iugoslávia, tanto assim que gente invejosa do Partido o acusava de ter casos com moças croatas. Nessas viagens internacionais, além de preparar as pautas, Robinson servia de intérprete, pois Sergio era monoglota. Não era homem de muitas letras, embora tivesse lido Goethe e Schiller na escola e elegesse como herói literário o capitão de indústria Felix Krull, de Thomas Mann. Mas sua esposa, a sonoplasta, sempre lhe recomendava que não largasse no estúdio suas anotações, cheias de erros gramaticais. Ao que parece, por volta dos dezesseis anos Sergio Günther trocou os estudos pela caserna, não especialmente atraído pela disciplina militar, mas a fim de ingressar no prestigioso coro do exército. Disso Robinson sabe por ouvir falar, pois conheceu Sergio já na televisão, sempre reservado quanto à sua vida pregressa. Por uma vez, depois de alguns copos, ele disse lembrar-se do perfume de colônia de uma senhora que o visitava em menino, presumivelmente sua mãe de leite. E noutra noitada lhe contou que, por ocasião do falecimento do sr.

Arthur, seu pai, levou a mãe, a sra. Pauline, para morar com ele e Suzanne, a jornalista com quem então estava casado. Durante essa mudança, ao abrir a gaveta de uma cômoda, tomou ciência do nome de seus pais biológicos e de seu próprio nome de nascença. Compreendeu que os Günther, em plenos anos 30, julgaram prudente lhe atribuir um nome autenticamente germânico, Horst, em substituição ao Sergio herdado do pai brasileiro. Meu pai, murmuro, e Robinson me encara sem surpresa. Quando Wolfgang Probst o chamou para falar de Sergio Günther pessoalmente, por se tratar de assunto confidencial, acreditou estar falando com algum filho secreto do amigo, talvez com uma croata, nunca se sabe. E é evidente que não tenho idade para ser filho de Sergio Günther, mas ao me ver Robinson achou que conhecia minha cara de algum lugar. E assim que lhe dei bom-dia, não teve dúvida de que estava diante de um irmão de Sergio Günther. Se me ouvisse de olhos fechados, ele juraria que era Sergio imitando o falar de um turco. E a cor da pele, pergunto, a boca, os cabelos, no que mais nos parecemos? E Robinson, depois de virar o vinho de um só gole: não quer vê-lo?

Emil Jannings, 45, ator consagrado com o Oscar em Hollywood, não sabe que ainda vai ganhar de Goebbels o epíteto de Artista do Estado. Marlene Dietrich, 27, atriz secundária, já sabe que será Marlene Dietrich. Aqui em Potsdam, subúrbio de Berlim, no parque cinematográfico de Babelsberg, subsistem os estúdios da UFA do início do século XX. E neste galpão de madeira, o mesmo de 1929, está reconstituído o cenário do cabaré O Anjo Azul. Emil Jannings, no papel do professor Rath, talvez já saiba que arruinará sua vida por Lola. Lola, de cinta-liga, cruza suas pernas de Marlene Dietrich: *Homens, qual mariposas/ Em minha luz vêm se aquecer/ Se eles se queimam/ Nada posso fazer/ Sou da cabeça aos pés/ Feita para o amor…* A valsa que vaza pelas paredes do galpão é propícia ao flerte de meu pai e Anne, que talvez se apaixonem sem cogitar em ter um filho. E Sergio Günther trabalhará anos a fio nos futuros estúdios de televisão da UFA, sem saber que no estúdio vizinho sua história começou. Da mãe guardará um cheiro, e com o pai, que seria um jornalista ou um diplomata, vez por outra ele terá pensado em procurar contato, segundo Robinson. Mas em razão da sua vida atribulada e das precárias, quando não malvistas, comunicações com o mundo ocidental, o objetivo acabaria por lhe parecer inatingível. Como a mim pareceria absurda a ideia de me achar um dia no parque cinematográfico de Babelsberg, prestes a ver um irmão alemão quase inventado. E contudo, depois de me fazer esperar uma eternidade, Robinson viria sorridente me buscar no galpão, com aqueles suspensórios que de relance me lembrariam a cinta-liga de Marlene Dietrich. E minha mão apresentaria ligeiro tremor ao receber um cordão com o crachá de visitante, a ser pendurado no pescoço. Já no percurso de um labirinto, Robinson me confessaria seu receio de que os funcionários do arquivo não localizassem Sergio Günther. Porém logo estaríamos sentados numa pequena cabine de projeção, diante de uma minitela

de cinema onde tremeluziria o símbolo da TV DRA. E meus olhos talvez se embaçassem ao vislumbrarem a imagem em preto e branco, na outra margem do rio, do meu irmão Sergio. É o Mimmo, eu pensaria alto, e ao meu lado Robinson faria: hein? Passaria mesmo pela minha cabeça que Sergio Günther fosse o próprio Mimmo, aos trinta anos de idade, exilado em Berlim Oriental com passado nebuloso e nome falso. Mas à medida que a câmera fechasse em Sergio, mais eu veria nele o rosto oblongo, o nariz de batata e até os óculos do meu pai. Seria do pai sua maneira de pitar o cigarro retraindo os lábios e de atirar longe a bituca com um peteleco. E muito me engano ou seria meu o seu bico, quando ele pegasse a assobiar uma triste melodia, num silvo potente e preciso de que poucos são capazes como eu. Depois me daria vontade de rir do seu jeito de andar, feito eu e meu pai, não muito diferente de um pinguim, ao som dos acordes russos de uma orquestra invisível. E me viria um ciúme gostoso ao ver correr ao seu encontro aquela mulher de saia rodada, que seria a garota Maria Helena tal e qual. Por fim eu reconheceria não sei de onde os versos que ele cantaria para ela à beira do rio Spree: *Dizem/ Que em algum lugar/ Parece que no Brasil/ Existe um homem feliz*.

Sergio Günther, filho de Sergio Buarque de Holanda e Anne Ernst (ou Anne Margrit Ernst, ou Annemarie Ernst), nasceu em Berlim, em 21 de dezembro de 1930. Em 1931 ou 1932, foi entregue pela mãe à Secretaria da Infância e da Juventude do distrito de Tiergarten, Berlim. Em 193?, Arthur Erich Willy Günther e sua mulher, Pauline Anna, adotaram o menino Sergio Ernst, que seria criado com o nome de Horst Günther. Por volta dos 22 anos, Horst veio a saber da identidade de seus pais naturais, optando por retomar o prenome Sergio. Entrou para o exército da RDA em 194? e no fim dos anos 50 foi admitido na televisão do Estado, onde desenvolveu múltiplas atividades. Gravou um número incerto de discos, hoje fora de circulação. Morreu de câncer em 12 de setembro de 1981.

NOTA

Tomei conhecimento do destino do meu irmão Sergio Günther graças ao empenho do historiador João Klug e do museólogo Dieter Lange. Seus trabalhos de pesquisa em Berlim basearam-se nos documentos constantes neste livro, preservados por minha mãe, Maria Amelia Buarque de Holanda. O contato com Klug e Lange se deu por intermédio do editor Luiz Schwarcz e do historiador Sidney Chalhoub.

Em maio de 2013 estive em Berlim com minha filha Silvia Buarque, cuja contribuição foi fundamental para as entrevistas com a filha de Sergio, Kerstin Prügel, a neta, Josepha Prügel, a ex-mulher, Monika Knebel, e os amigos Werner Reinhardt e Manfred Schmitz.

CHICO BUARQUE

Problem
Cigaretten
TRUSTFREI

Der Bezirksbürgermeister
des Verwaltungsbezirks Tiergarten der Stadt Berlin

Berlin, den 18.4. 1935.

Jugendamt, Amtsvormundschaft. IV

Turmstr. 70.

C 9 Tierg. 0013, App. 14.

u/Zeichen:
Jug. 2 E. 146.

Herrn
Sergio de Hollander,
Rio de Janeiro.

---

39 Rio Maria Angelika
Südamerika.

Unter Bezugnahme auf mein Schreiben vom 24. 9.1934 bitte ich Sie nochmals zwecks Feststellung der arischen Abstammung unseres Mündels Sergio Ernst, mir Ihre Geburtsurkunde, die Geburtsurkunden Ihrer Eltern und die Geburtsurkunden Ihrer beiderseitigen Grosseltern möglichst bald zu übersenden. Das für die Adoption zuständige Gericht hat diese Urkunden verlangt.

I. A. [signature]

Créditos das imagens

Arquivo da família Buarque de Holanda. Reprodução de Jaime Acioli.

DRA — Deutsches Rundfunkarchiv. 17 Ausschnitte. Sergio Günther (1961-1981).
© Robert Lackenbach/ The life Picture Collection/ Getty Images.

Propaganda de “Problem Cigaretten” (litografia em cores), escola alemã (século XX). Coleção particular. Foto © Barbara Singer/ Bridgeman Images.

BOB WOLFENSON

FRANCISCO BUARQUE DE HOLLANDA nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Compositor, cantor e ficcionista, publicou, além das peças *Roda viva* (1968), *Calabar*, escrita em parceria com Ruy Guerra (1973), *Gota d'água*, com Paulo Pontes (1975), e *Ópera do malandro* (1979), a novela *Fazenda modelo* (1974) e os romances *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003) e *Leite derramado* (2009).